Diário de Lisboa

ANO 63.º N.º 21 268
Setembro 1983
Quinta-feira

29

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitèira Santos**

Durante 24 horas

Vigília em S. Bento pela Informação

Dirigentes sindicais do sector da Comunicação Social iniciaram esta manhã uma vigília de 24 horas junto ao portão da residência oficial do Primeiro-Ministro.

A vigília tem por objectivo protestar contra a política governamental para a Comunicação Social, designadamente as medidas aprovadas em Conselho de Ministros para a EPNC, bem como a inexistência de verbas para a Anop.

Os sindicatos afirmam terem propostas concretas para a reestruturação do sector, propostas a que o Governo respondeu «com factos consumados».

Quem hoje passar por S. Bento, poderá ler num pano, enquadrado pelas síglas, EPNC e Anop, as seguintes frases: «Não aos despedimentos! Pela Imprensa estatizada! Pela liberdade de Informação!»

Ao mesmo tempo, dirigentes sindicais distribuíam à população um folheto intitulado «Porque está a Comunicação Social em luta?»

Forças policiais, colocadas à distância, assistiam, à hora a que fechamos a edição, a esta manifestação de protesto.

Esta manhã, na foto, uma primeira delegação de jornalistas com um cartaz reivindicativo, junto da residência oficial do Primeiro-Ministro

Amanhã

Nos bastidores da "maioria" ...contra o "bloco central"

A contestação à actual coligação no Poder tem várias sedes. Assentou arraiais nos partidos da oposição e nas próprias hostes dos partidos que compõem o Bloco Central. Se as críticas dos primeiros são contundentes, não o são menos as que saem da boca de socialistas ou sociais-democratas descontentes com a acção governativa. Por vezes, até assumem atitude mais virulenta. **Leia amanhã no «DL»**

Congresso do PS começa amanhã

O que será?

Doze dirigentes socialistas dizem ao "DL" o que pensam

Págs. 5 e 16

Hoje

Gomes: a chancela do golo salvador

Oliveira: foi dele o disparo do alívio

Trio de ases no póquer europeu

Do quadrunvirato de clubes portugueses que atacou a Europa, somente o Vitória de Guimarães baixou bandeira. E, enquanto o Benfica dava ar de treino à sua presença em Belfast, sofria-se até ao derradeiro minuto nas Antas como em Alvalade. Finalmente, Gomes (na capital nortenha) e Oliveira (no parque do leão) conseguiram abrir a fechadura: depois da águia, portistas e sportinguistas seguem em frente na Europa do futebol refinado.

Págs. 17 e 18

AINDA PODE CONCORRER
VIAGEM DL
BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO
(página 2)

As palavras perdulárias

Notas de um Verão algarvio

José Manuel Mendes

O vento veio atordoar, por uma hora, os sorvedores do sol. Antes, porém, a nosso lado acontecera o impensável. Uma jovem, de excelente corpo monokinizado, enrolava-se cariciosamente com o amigo, muito perto das ondas. Deslembrados do tempo e do espaço, entre areia e azul, observados por mil olhos: indiferente uns; solidários ou reprovadores outros. Alguém, entretanto, alertara os agentes fardados da Capitania. Eles vieram, desceram, severos, o extenso areal, dirigiram intimações engasgantes as alumbrado par de namorados. Cumprida a função, diante da expressão vingada de uns quantos utentes da moral hipócrita dos burgueses, regressaram a penates.

Deslaçados, os jovens, findos os sorrisos de embaraço, ergueram-se, trouxas às costas, e foram-se. Senti que ia com eles um pedaço de claridade. E retomei a leitura, de bruços, secando-me, salgando-me sob a estorreira do meio-dia.

A Fuzeta (com S ou Z, de acordo com a livre ortografia das placas) traz-me à ideia o Zeca, tal como Armona, desde há pouco, a Marta de **O Rio Triste**. Comigo é assim; a paisagem vive pela marca do humano, pelas referências passadas ou os momentos em que, a sós, com os olhos desalojados da névoa, a apeteço como instância de gente activa, tocada de beleza por todos fruída, mobilizadora do sonho e do trabalho empenhante. E tanto importa que esteja encasulado numa cerrada arcaria de árvores solitárias como numa praia inundada de veraneantes, rumores, pirosa música das cadeias multinacionais do disco.

Releio o que escrevi e interrogo-me: será realmente isto o que, nas diferentes circunstâncias, me acontece? Não sei. Em rigor: não sei, embora haja avançado hipóteses firmes, bem capazes de verdade incontrovertível. Como a que respiro neste facto reiterado: as terras, em geral, pedem-me que evoque os homens que as amaram e/ou fizeram. O Zeca, hoje, nesta Fuzeta tórrida, de que nunca fala sem desvelo.

Finalmente, a chuva. Em borrifos tímidos, primeiro, encasacada numa neblina grossa. Acordei com o cheiro da terra molhada a entrar-me pela janela, incomparável, magnético, eufo-rizador. Levantei-me e rispidas bátegas enfumaram o chão seco. Vim à varanda: os cães, murchos, buscavam um rebato de improvisada casota; as palmeiras, verde-acastanhadas, pingavam, desgrenhadamente, para o tijolo do pátio; um flébil pinheirito, ecolhido, tristonho, flanava os ramos no ar pesado; o mar, lá muito ao fundo, escrespava-se como uma pele de galinha. Vivalma. E, no meio da desolação, o vento, fanicando copinhos de gelado e outros desperdícios, puxava as nuvens do norte, de bexiga convulsionada.

Belo prelúdio outonal às portas do Verão. Andam gaivotas, aturdidas com a trovoada mansa, aos rés das águas. Dois bar (os pesqueiros erram, expectantes, junto ao dorso rude da Armona. Nada mais resta do que isto: acender o lume interior e acolher-me, agraciado, às sugestões deste silêncio da casa: morno e sussurrado.

Veio estender-se, junto a nós, perto da maré cheia. Magrota, um rosto de nariz afuselado, trazia um saco com meia dúzia de coisas: o bikini, toalhas, cremes, um livro. Pôs-se a ler, reflectidamente, **Os Desertores**, do Abelaira. Muito depois, já o sol se via coado pela rede do nevoeiro (poeiras do norte de África?), pediu-nos papel. Três folhinhas dum bloco-notas. E ficou, embevecida, a escrever à beira-espuma.

Belo périplo algarvio: Tavira, Fuzeta, Manta Rota, Alagoa, Montegordo, Vila Real de Santo António. Gente, gente a rodos: veraneantes chegados das sete partidas, burguesotes levando os Mercedes quase até às ondas, tendeiros (alentejanos alguns, de cara escura, anavalhada das feiras), vendedores de missangas, espanhóis de Ayamonte, sempre gárrulos e farsantes. E, numa outra vertente, as aldeias do trabalho o pequeno comércio, a faina da pesca, o labor dos campos.

O algarve é lindo. À beira-mar ou no interior das vilas dos aldeamentos agachados entre cabeços, das cidades brancas de ambiência cosmopilota. Faz bem percorrê-lo, ludibriando os rituais da apetência balnear, contactar o povo de falar travessso, dia a dia mais consciente do seu destino. O caso de Vila Real é ilustrativo e promissor. Uma mulheraça, olhos garços no rosto caniculado, comentada, numa loja em que entrámos para um turista curioso:

– Não temos nada contra os estrangeiros. Queremos é mudar as coisas cá dentro. E isto só melhora quando a esquerda governar.

Dirão: eis a notazinha exemplarista, bem à maneira falsa do neo-realismo, nunca farto de inventar o que não há. Pois bem: venham aqui, por um fim de tarde de Verão, e não se temam de ouvir as pessoas. Filmem a paisagem, digna de registo; mas guardem as palavras rudes e atutênticas dos que nos respondem aos desafios.

A propósito (ou a despropósito), regressava eu de uma banhoca, lá no extremo da cidade, com a Espanha defronte, o oceano pejado de algas e limos, quando, no areal, dedo estendido para os dejectos de plástico, um tipo com fronha arroxeada de comerciante de teres (habituado, na sua terra, a todas as liberdades do género das que condenava), pulverizou, fixando as crias (duas gorduchas de trança até ao rabo):

– Míren, niñas. Les gusta la mierda a los portugueses.

E riu, o alarve.

Agora é noite. O silêncio rumoreja-me na janela. Amaciando o ladrido acre dos cães zangados com a lua. Ou, mais naturalmente, desalmados de cio junto às sebes calorosas.

PARA REENCONTRAR OS SEUS CABELOS EXISTIA:
Em 1960: a peruca
Em 1970: a prótese capilar fixa
Em 1980: a micro pele
A novidade actualmente são
OS CABELOS DE CONTACTO
Hairskin
Um novo processo que permite adquirir e conservar um penteado natural.

Legenda: Bernard Darniche escolheu os cabelos Hairskin
Contacte CABELEIREIRO LORDE
AV. JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 23
Telef. 562287 - 536462
1000 LISBOA
Informações confidenciais e sem compromisso.

HÁ BEBER E HÁ VIVER

— Se beber não conduza — se conduzir não beba

- Beber é agradável, mas depois da chegada!

1983 concurso DL **N.º**

Boletim de identificação do concorrente

(Preencher com letra bem legível, indicar o nome como figura no seu bilhete de identidade)

NOME _____

MORADA _____

TELEF. _____ CÓDIGO POSTAL _____

Vendedor ou estabelecimento onde adquiriu os jornais

NOME _____

MORADA _____

Preencha as duas partes do boletim (não corte, nem separe) juntar os cupões n.ºs 1 a 30 e enviar para DIÁRIO DE LISBOA – CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

1983 concurso DL **N.º**

Talão recibo (deve ser igualmente preenchido)

Selo de 16$00 para devolução

Prenda só por uma ponta sem inutilizar

NOME _____

MORADA _____

CÓDIGO POSTAL _____

Este talão serve apenas para informação do concorrente no que respeita ao número que lhe foi atribuído, não constituindo prova de que a colecção de cupões enviada esteja nas condições previstas no regulamento, o que só será apurado na altura do sorteio.

CONCURSO

Recorte e guarde estes cupões, bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa» esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação (que será publicado diversas vezes durante o concurso), conforme abaixo se indica.

AINDA PODE CONCORRER

O leitor pode concorrer em qualquer altura, pois poderá adquirir os exemplares que lhe faltam (completando assim a sua colecção e, sobretudo, o seu «Álbum Sempre Fixe», este ano dedicado ao grande artista Carlos Botelho), ao preço normal nos nossos serviços na Rua Luz Soriano, 15 a 17, 1200 Lisboa.

Também mediante pagamento antecipado em cheque, vale de correio ou selos (20 escudos, acrescidos de 13 escudos de portes por exemplar), poderão os nossos serviços enviar através dos CTT os exemplares que desejar.

PODE IR ENVIANDO AS SUAS COLECÇÕES...

Só no dia 25 de Outubro de 1983 (data do carimbo do correio) termina o prazo de envio das colecções, mas, se o leitor quiser enviar alguma que já tenha completado, os nossos serviços estão aptos a recebê-las. Envie para:

DIÁRIO DE LISBOA/CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Lembramos que:

- **O LEITOR** deverá usar apenas um boletim por cada colecção, e enviar uma colecção em cada envelope. (Se enviar mais de uma colecção no mesmo envelope, elas serão numeradas com numeração seguida).
- **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade), morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.
- **O TALÃO-RECIBO** deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 16$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agrafe e não cole).
- **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

política de A a Z

Limitações e «dependência» do congresso socialista

O congresso de um partido político, e muito particularmente, o congresso de um partido que tem o maior grupo parlamentar, que é o partido fundador de uma «coligação» que domina parlamentarmente a vida política nacional, que é o partido que lidera o Governo, não pode deixar de suscitar curiosidade e expectativa. Se para o Congresso não se esperam grandes conflitos de pessoas e de opiniões, e se mesmo se admite que venham a ser adiadas as alterações programáticas anunciadas, já é motivo de expectativa o saber-se qual vai ser o apoio das bases à política governativa de que o PS é, como partido no Governo, responsável directo ou parceiro solidário.

Evitar o confronto entre os ministros e outros executantes da política do «Governo PS-PSD», seus secretários e assessores bem instalados, e os delegados que vêm das bases e da periferia, será a preocupação fundamental dos dirigents nacionais do Partido Socialista e do secretário-geral.

Porque por muito controladas que tenham sido as designações de delegados das secções residenciais, empresariais e socioprofissionais, no Congresso do Partido Socialista terão assento , necessariamente, muito militantes que sentem na própria vida, na própria carne, a degradação progressiva das condições de vida. A política do Governo PS-PSD atinge vastas camadas da população e os sacrifícios que são impostos são ainda mais penosos devido à circunstância de não existirem razões para termos confiança e esperança nos resultados da política adoptada.

Se esta política – a do Partido Socialista como partido que lidera a «coligação PS-PSD» – se concretiza por «fazer o que a direita não teve a coragem de assumir» (Declaração de António Campos ao «Expresso»), será difícil mobilizar para a defenderem e apoiarem as bases socialistas, os militantes activos das empresas, os sindicalistas. Não estando excluída a possibilidade dos dirigentes socialistas, e designadamente do secretário-geral do Partido Socialista, virem a justificar, por razões patrióticas ou motivações que decorrem da defesa do próprio regime democrático, uma orientação política vincadamente impopular, haverá que recear que o Congresso se converta numa operação de relações públicas, de «porreirismo partidário». A análise concreta da situação partidária e da situação nacional, submersa por discursos alegóricos e moções, será esquecida ou esvaziada. E esvaziado será o Congresso se não vier a ser aproveitado para o lançamento oficial da corrida para Belém.

Não estarão, possivelmente, reunidas as condições para avançar com as experiências de substituição de Mário Soares. O «sucessor» de Mário Soares não está escolhido. Nem pelo conjunto dos dirigentes, nem pela turma restrita dos «Delfins», nem pelo próprio Mário Soares. E, verdadeiramente, não se trata de escolher um «sucessor», mas de designar um «substituto». Cresce a dificuldade com a confusão das funções: a de secretário-geral, a de Primeiro-Ministro. Na realidade, são funções diferentes. Na realidade, a essas diferentes funções correspondem qualidades, capacidades, vocações diferentes.

Por outro lado, chegando o Partido Socialista ao Congresso sem terem procedido a uma ampla discussão política, tendo sido intencionalmente banalizadas questões como a das alterações à «Declaração de Princípios» ou da democraticidade da vida partidária (Documento Jorge Sampaio), não admira que muitos delegados se disponham a participar numa cerimónia ritual que iludirá e adiará, mesmo no plano pessoal, as questões de fundo e de futuro. O pressentimento de que assim será explica um eventual desinteresse de um militante como Manuel Alegre, a ausência de um militante como Francisco Salgado Zenha. Destes só falamos para não alongarmos a lista dos desinteressados, dos distanciados, dos desiludidos.

De resto, são muitos os socialistas que pensam que Mário Soares está decidido a ser candidato à Presidência da República, e que essa decisão pessoal, acaso a realização de um sonho acalentado ao longo de uma carreira política com sucessos pessoais sucessivos, é factor impeditivo, dada a sua autoridade partidária, para que, no interior do Partido Socialista, se reconsidere criticamente a «aliança» com o PSD. Assim, as «eleições presidenciais», constituam ou não uma alínea da ordem de trabalhos do Congresso, constituírão o pano de fundo das discussões congressuais. Será em função das «eleições presidenciais» que serão equacionados os vários problemas: desde as alianças, às alterações programáticas, às revisões de princípios, às relações institucionais, à reserva simples ou à guerra declarada relativamente ao «eanismo».

A inspiração antieanista e a afirmação anticomunista, se adicionadas à erosão derivada da política económica e financeira, da política social, da política relativa à administração regional e local, poderão restringir a área de apoios eleitorais de uma candidatura socialista à Presidência da República. Se o PSD, como já anunciou, apresentar o seu próprio candidato, o Partido Socialista terá que negociar numa de três frentes: a da «coligação», aceitando um candidato comum PSD-PS; ou na da «esquerda», aceitando um candidato de unidade antifascista; ou na do «eanismo», aceitando o facto político do Presidente Ramalho Eanes ser um eleitor privilegiado.

Três razões suplementares para pensarmos que o Congresso vai aprofundar a «dependência» do Partido Socialista.

A crónica agrícola

Novos preços de cereais

Alexandre Ramos

A Imprensa do dia 16 comunicava que por proposta do senhor ministro da Agricultura, o Governo acordou com os novos preços à produção e que vão ser brevemente publicados no «Diário da República».

São eles:

Leite, classe A – 31$00 o litro.
Trigo Mole-Tipo 2 – 34$00 o quilo.
Centeio – 31$60.
Triticale – 32$30.
Cevada forrageira – 29$390.
Aveia – 25$50.
Cevada dística, 1.ª – 32$30.

O preço do milho é fixado em 23$00, para a campanha em curso, devendo o preço a estabelecer para a próxima campanha ser anunciado até 1 de Abril de 1984.

★ ★ ★

No dia 17, portanto, no dia seguinte àquela comunicação afirma-se que o preço do leite ultrapasteurizado subia, de imediato, para 39$50 o litro, o que parece confirmar que o preço ao produtor de 31$)) EN; TRAR! IMEDIATAMENTE EM VIGOR.

O preço que vai vigorar para o milho, ainda nesta campanha, é de 23$00, fixando-se novo preço, para a próxima, até 1 de Abril, próximo futuro.

A Imprensa nada esclarece se os novos preços agora estabelecidos para o trigo, centeio, triticale e cevada dística são já para esta campanha ou para a campanha futura com as sementeiras de Outubro/Dezembro e colheitas de Junho/Julho/Agosto de 1984.

Tudo leva a crer que são somente para a próxima campanha e, para ajuste, da alta de preços dos adubos e outros factores de produção.

★ ★ ★

O cidadão comum, e, não só, quando pretende entender o que se passa com a economia agrícola e a maior parte das decisões governamentais sobre a matéria acha-se como o visitador dos palácios de ministério da secção de divertimentos das feiras e exposições.

Sai do palácio, aterrado e apressado, a limpar dos olhos e da mente a imagem da bruxa de dentuça gorila a estraçalhar as entranhas ensanguentadas de mafarrico que, por descuido, ousara entrar nos recônditos secretos dos seus aposentos.

Esfrega os olhos para varrer o quadro de qualquer Frankenstein que levava nos braços, raptada, uma branca de neve de trancinhas loiras e que o monstro vai violar numa cama de piqueiras do inferno para que milhões de picos alfinetem o corpo da menina para complemento do seu delirante sadismo, exigente de martírio.

★ ★ ★

São assim também as decisões governamentais sobre a economia agrícola – misteriosas de terror.

★ ★ ★

Partindo do princípio que os novos preços são aplicáveis à campanha futura, representam aumentos, em relação aos actuais, da ordem dos 50%. Aumentos substanciais, sem dúvida, que corrigiriam na quase totalidade aumentos dos custos dos adubos evitando maior corrosão da actividade.

Todavia, para aceitação desta realidade de algum modo, aparentemente, é necessário estar certo de que durante a próxima campanha os preços dos factores de produção não sofrerão novos aumentos.

Ora, sabe-se, que o Governo vai prosseguir na sua estratégia económica cujo objectivo consiste na retirada de todos os subsídios aos factores de produção, o que levará os preços dos adubos possivelmente, para mais 50%.

Tudo leva a crer que assim seja, já que se deixou para Abril a fixação do preço do milho. Se houvesse intenção de não mais alterar os preços dos adubos e das rações poder-se-ia desde já estabelecer o preço do milho.

★ ★ ★

Continuamos a persistir na ideia prioritária de adesão à CEE e sabendo-se que quando esta ideia for um facto real, os novos preços se têm de pautar pelos preços do Mercado Comum, sendo difícil compreender estes aumentos pelo menos, para já.

Efectivamente os preços indicativos do Mercado Comum foram fixados para este ano nos seguintes valores:

Trigo mole – 25$50.
Cevada – 18$40.
Centeio – 18$40.
Milho – 23$50.

Trata-se de preço indicativo. Se se considerarem os preços de intervenção estes apresentar-se-ão ainda mais baixos.

Estamos, assim, em face de uma situação completamente nova que só pode explicar-se por se admitir que no prazo de um ou dois anos, por razões de inflação, os novos aumentos sejam comidos pela inflação.

Assim, considerando o preço do trigo agora anunciado de 34$00, deveria considerar-se para uma taxa de inflação de 25% equivalente a 34$00 e 8$50 ou seja 42$50, em Setembro de 1984.

Todavia, se se pretende liquidar os subsídios, o preço de custo dos adubos virá acrescido não só da inflação geral, mas ainda, da parcela considerada subsídio e que vai ser retirada.

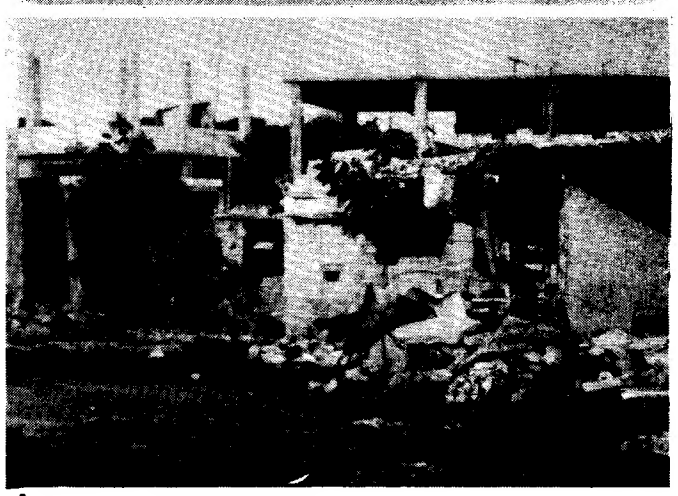
Neste caso os aumentos de preços agora formulados pouco ou nada representam continuando uma situação de bloqueamento agrícola.

Estamos, assim, quer se queira, quer não, numa situação misteriosa que importaria classificar rapidamente para orientação de todos e melhor governo de cada um.

Importaria que o Governo informasse a opinião pública, e muito particularmente, a área da

Continua na pág. 4

ponto a ponto



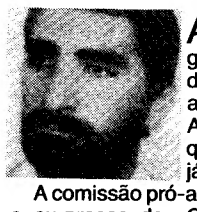
A chancelaria da Embaixada de Portugal em **Beirute** foi atingida pelos bombardeamentos, tendo ficado bastante danificada. Não se registaram danos pessoais – informou o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A Embaixada portuguesa naquela capital foi, entretanto, transferida para outra zona da cidade, dado que o local onde se encontra instalada tem sido frequentemente alvo de bombardeamentos – informou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros o embaixador de Portugal em Beirute.

O MURPI (Movimento Unitário de Reformados, Pensionistas e Idosos) vai comemorar no próximo sábado o **Dia do Reformado** com uma concentração no Terreiro do Paço, às 11 horas, seguida de desfile até ao Rossio. Em comunicado da sua comissão permanente, o MURPI recorda os «gravosos pacotes de aumentos que se têm sucedido desde Janeiro» e afirma que vai comemorar o Dia do Reformado «em luta pela satisfação das 15 reivindicações prioritárias há muito na posse do Governo». É contra tanta injustiça que os reformados lutam e lutarão, porque «querem deixar uma Pátria digna e justa como herança de seus filhos e netos» – sublinha o MURPI.

A cooperação bilateral entre Portugal e a Alemanha Federal na área do ambiente foi analisada em **Bona,** numa reunião entre Carlos Pimenta e membros daquele governo – informou à ANOP o Ministério da Qualidade de Vida.

No encontro foram abertas vias de cooperação nas seguintes áreas: gestão de resíduos, controlo de poluição e gestão de áreas protegidas, nomeadamente no domínio da sua integração em sistemas de apoio pedagógico e estabelecimentos de ensino secundário e superior.



AMÍLCAR Romano, do PRP, encontra-se em greve de fome no Hospital Prisional de Caxias, desde as zero horas do dia 24 – confirmou à ANOP a mulher.

Adiantou que Amílcar Romano já perdeu cinco quilos, tem dores ósseas nos pés e vómitos, tendo já sido transferido para um quarto isolado.

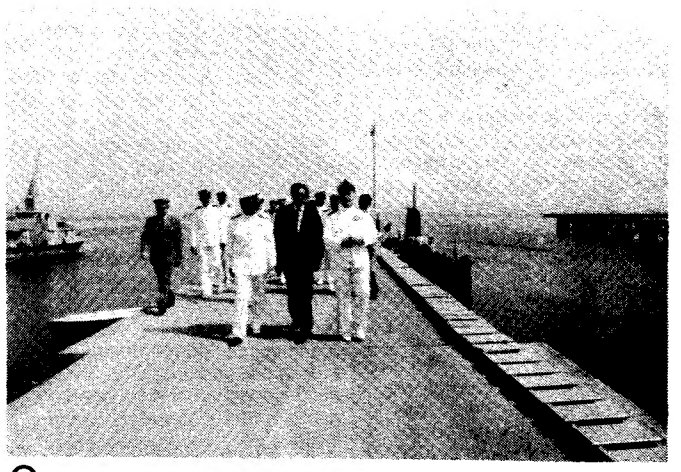
A comissão pró-amnistia afirmou, em comunicado, que «os presos e ex-presos do «Caso PRP» iniciam novo período de luta pela libertação de Amílcar Romano e Manuel Pinto e pela aprovação da Lei de Amnistia».

Refere, ainda, a greve de fome de Amílcar Romano e acrescenta: «Outros lhe seguirão o exemplo».

O ex-primeiro-ministro Pinto Balsemão preside sábado à sessão inaugural do colóquio «Vozes da Liberdade/83» que vai decorrer em França por iniciativa do IPI – Instituto Internacional de Imprensa – e de Universidades e órgãos de comunicação norte-americanos.

O encontro, que decorre durante sábado e domingo em Tallaoires, tratará sobretudo de questões relacionadas com a liberdade de Informação.

Para além de Pinto Balsemão, que é administrador e fundador do semanário «Expresso», participam no encontro responsáveis de órgãos de Comunicação da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, entre os quais o director da revista «Time».



O vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa Nacional, Mota Pinto, acompanhado pelo secretário de Estado da Defesa Nacional Figueiredo Lopes, visitou ontem o Comando Naval do Continente.

Esta visita, na sequência da que efectuou a semana passada ao Estado-Maior da Armada, iniciou-se às 10 horas com uma exposição do comandante naval do continente e do seu Estado-Maior sobre as missões desse comando e dos meios navais para as executar. O vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa Nacional, durante esta visita esteve a bordo de um submarino e de uma fragata da classe João Belo.

a palavra com...

Manuel Ruas

No aniversário de um fuzilamento

Completam-se a 30 de Setembro de 1983 sete anos sobre a data em que foram formalmente despedidos da RTP, sem justa causa e por meios ilegais, 22 dos trabalhadores que se encontravam suspensos a pretexto dos acontecimentos de 25 de Novembro de 1975. Ficaram, assim, sem emprego e sem salário.

Ao longo destes sete anos, e logo desde o primeiro dia, foram muitas as denúncias públicas da ilegalidade daquele acto. A sua enumeração exaustiva exigiria muito espaço e constituiria parte substancial de um «livro negro» especialmente dedicado a este caso e que um dia virá, talvez, a ser publicado... Neste momento, basta recordar que a própria Comissão Administrativa da RTP que afastou os 22 dos seus postos de trabalho, e depois lhes instaurou processos confessadamente tendentes desde logo ao despedimento, não se sentiu capaz de consumar os factos. Teve de ser substituida por outra, presidida por um tristemente conhecido capitão de mês nenhum que já se fizera notado noutras funções pelos seus furores recuperatórios. Mesmo nessa C.A. houve, todavia, certas relutâncias; o nunca assaz cantado militar viu-se, pois, obrigado a assinar sózinho os despachos de despedimento (para os quais a lei exigia um mínimo de duas assinaturas). Foi isso que recentemente revelou o corajoso oficial em depoimento dado a público num papel semanal da reacção. O depoimento veio explicar com toda a clareza de onde tinham vindo as ordens e confirmar, de fonte insuspeita, aquilo de que já havia muito se não podia duvidar: os despedimêntos resultaram de ódios e rancores político-ideológicos, os 22 trabalhadores tinham sido tomados como reféns e foram fuzilados profissionalmente para servir de exemplo.

Neste jogo de mandarins e mandaretes, os mandantes mostraram-se ao depois bastante ingratos e não retribuiram conforme prometido os serviços do abnegado executor. Isso, porém, é da história: já Roma fora ingrata para os matadores de Viriato...

Em 1977, o Provedor de Justiça analisou alguns dos «processos disciplinares» (só alguns, porque, apesar de insistentes e sucessivos pedidos, a RTP nunca lhe facultou a consulta de todos). E encontrou neles tão graves vícios de forma e conteúdo jurídico que recomendou a sua reabertura e total revisão. Mas as recomendações daquele magistrado não mereceram o mínimo respeito por parte da RTP ou das esferas governamentais.

Nessa altura corria já os seus trâmites no Tribunal do Trabalho de Lisboa uma acção movida pelos 22 contra a RTP em que se reclamava a declaração de nulidade dos despedimentos, a consequente reintegração nos postos de trabalho e o ressarcimento dos danos materiais sofridos, ou seja: o pagamento dos salários em dívida. Quanto aos danos morais, nunca poderiam nem poderão ser cabalmente reparados; e a passagem do tempo serve apenas para os avolumar ainda mais que aos outros.

Na verdade, a situação criada aos 22 despedidos é de uma gritante desumanidade e justifica perfeitamente que se tenha já falado de «condenação à morte profissional» e se fale agora de «fuzilamento». O respectivo capítulo do tal «livro negro» seria bem comprido; mas esse nunca será escrito. Nunca será escrito por motivos de pudor e de respeito. De pudor, porque cada um dos 22 conserva o seu brio e guarda para si próprio (e para os seus) as privações, as frustrações, os sofrimentos–aquele nózinho sentido na garganta em tantos momentos difíceis. Não se explicará se alguém deixou de ter automóvel ou teve de vender o andar, se alguém teve de resignar-se à emigração ou a rudes e obscuros mesteres para sobreviver, se alguém viu desfeito o seu lar, se alguém conheceu, com a família, o tetro rosto da fome ou esteve a braços com a doença sem meios para combatê-la. Basta dizer que todos estes corações continuam a bater por Abril e têm resistido bravamente; alguns deles, até, às ameaças da grande segadora.

Também por motivos de respeito se não insiste nesse aspecto. Nestes sete anos, não foram só 22 (antes fossem!) os portugueses que sofreram e sofrem os ataaues do mesmo inimigo, até têm sido centenas de milhares, e o seu número cresce todos os dias por obra e graça do FMI e dos seus mandaretes nacionais. Muitos lares vão já arrostando com o negrume do desemprego, da fome e da miséria. E, ao passo que estes 22 só simbolicamente foram fuzilados, há já a lamentar a perda irremediável, essa sim, de outros trabalhadores, de bons portugueses que foram mortos a sério com balas reais. O respeito por tantas outras vítimas e por tantos outros sofrimentos faz calar os queixumes de 22 gotas de água neste mar encapelado de injustiças e de crimes. Mas, se os queixumes se calam por pudor e por respeito, nada poderá abafar os protestos.

Há que reconhecer, porém, que isto é tirar a vida. Que diferença existe entre o homicídio praticado num instante e o lento homicídio que consiste em impedir um ser humano de exercer um dos seus mais sagrados direitos–o direito ao trabalho–, em impedi-lo de viver verdadeiramente, de realizar-se como elemento útil da sociedade e de usufruir a sua quota parte dos bens materiais e culturais produzidos? O tempo de vida assim perdido–e, ao todo, neste caso, são já cerca de oito anos–é vida roubada e ninguém pode repô-la. Os que querem ganhar tempo ganham, na verdade, o tempo que tiram à vida de outrém. São homicidas a fogo lento (e a sangue-frio).

A promulgação da lei 74/79 (lei de Amnistia) parecia trazer uma solução que, mesmo incompleta, poderia pôr cobro ao incessante agravamento que a passagem do tempo ia acrescentando à injustiça cometida. Mas não. Embora lhes tivessem sido arquivados os processos do foro militar, os 22 não foram reintegrados. A luta pela observância e aplicação dessa lei de Amnistia recolheu considerável apoio da opinião pública e contou com a solidariedade de muitas organizações de trabalhadores nacionais e internacionais. Mas a lei de Amnistia foi sistematicamente desprezada por sucessivos Conselhos de Gerência da RTP e por sucessivos governos. Os ódios e rancores não estavam esquecidos.

Entretanto, o tempo acabou por produzir alguns efeitos. A acção movida no Tribunal de Trabalho teve a 28 de Julho de 1983 o inevitável desfecho: a ré RTP não fora capaz de encontrar um único facto que pudesse apresentar ao Tribunal para se justificar dos despedimentos e o Tribunal, na falta dessa justificação e como é de lei, declarou a nulidade dos despedimentos e condenou a ré em todo o pedido.

Seria desta vez que a justiça venceria a injustiça? Pura ilusão Ainda sem conhecer o teor da sentença, já a ré vinha a público declarar pressurosamente que a não acataria e garantir (a quem?) que os 22 trabalhadores «não poderiam ser reintegrados».

Contumaz a ré diz que recorre da sentença porque tem o direito de recorrer. Da boa-fé e do bem-fundado do recurso julgarão os exmos Desembargadores da Relação de Lisboa. Os 22 trabalhadores despedidos são democratas que respeitam o Poder Judicial e vão aguardar serenamente o acordão. No entanto, é de notar que um representante do actual C.G. da RTP já admitiu que, a perder o recurso na Relação. como tudo parece indicar, apelará para o Supremo; e, sendo-lhe preguntado a que recorreria se também no Supremo viesse a perder, respondeu com um silêncio perfeitamente esclarecedor. Vê-se assim que a ré e as esferas governamentais suas mandantes, não tendo respeitado as leis do trabalho, nem as cláusulas da contratação colectiva, nem o parecer do Provedor de Justiça, nem a lei de Amnistia, se preparam agora para desrespeitar premeditada e continuadamente o Poder Judicial. E que espanto pode isto causar? Pois não são esses mesmos mandantes, associados ou dissociados uns dos outros ao sabor das sucessivas fórmulas governativas de tantos anos de política de direita, que pisam a pés as próprias leis que cozinharam (vide a perversa lei Barreto) e se riem de cerca de duas centenas de decisões judiciais transitadas em julgado?

Se eles ainda estivessem no poder quando o Supremo os condenasse, não podemos ter dúvidas acerca de qual seria o seu último recurso.

Não se sabe se ao longo destes anos os mandarins de ódios e rancores terão festejado o glorioso feito de 30 de Setembro de 1976. É de supor que não, pois lhes escasseia o tempo para as ciclópicas tarefas do bem da sua nação. Por isso procuram ganhá-lo tirando-o aos outros. Mas o feito é comemorado diariamente na RTP: veja-se o festival imundo de mentira, de mediocridade e de baixeza que todos os dias se acende no «pequeno écran».

Seja como for, se alguém tiver criado o hábito de comemorar o 30 de Setembro, há-de sentir desta vez um travozinho bem amargo. De facto, este sétimo aniversário do fuzilamento profissional de 22 trabalhadores da RTP decorre em circunstâncias fundamentalmente diferentes dos anteriores. Desta vez, os lesados são já portadores de uma sentença judicial cuja transparência e solidez, segundo confiam, serão confirmadas em todas as instâncias. O tempo está prestes, por outro lado, a produzir novos e decisivos efeitos e os recursos extrajudiciais vão deixar de ser possíveis. Vejamos:

Assim como foram muitas as denúncias públicas da ilegalidade dos despedimentos, foram também muitas as demonstrações de solidariedade. Logo a seguir à assinatura do despacho dos despedimentos, por exemplo, os delegados sindicais da RTP, reunidos em plenário, aprovaram uma moção de veemente repúdio e condenação daquele acto, observando que «de decisões semelhantes poderá cada trabalhador da RTP vir a ser vítima no futuro». Que o digam os que depois disso foram vitimados ou estiveram à beira de o ser. Que o digam agora todos os trabalhadores da RTP, juntamente com os da ANOP, da Rádio e dos jornais estatizados, agora que o mesmo ministro que em Novembro de 1975 sobraçava a pasta da Comunicação Social e em Setembro de 1976 a da Justiça vem chamar-lhes «excedentários» e preparar-lhes despedimentos em massa na mesma onda de desemprego, miséria e fome que o obediente governo a que ele pertence deseja aplicar a todos os trabalhadores portugueses, à ordem dos patrões do imperialismo.

Na mesma altura, também os delegados sindicais do «Diário de Lisboa» tomaram conhecimento, «com viva indignação», dos despedimentos e alertaram o público para «as graves consequências de tal medida... (que) significa abrir as portas às formças da reacção e do fascismo, degradar a informação televisiva, mistificar a opinião pública, favorecer a escalada do grande patronato, prejudicar todos os trabalhadores portugueses, trair o povo». Que o digam os telespectadores diariamente mistificados, que o diga todo um povo traído.

De modo que, ao fim de sete anos, o acto de prepotência fascizante que criou este conflito juridico-laboral entre a RTP e 22 dos seus trabalhadores aparece já aos olhos de toda a gente nas suas verdadeiras dimensões e significação. O fuzilamento profissional dos 22 da RTP foi um exemplo e um aviso, e o conflito juridico-laboral que dele resultou é hoje um aspecto local e episódico – se bem que, por isso mesmo, muito importante – de um conflito muito maior e muito mais profundo, um conflito que está a opor todo um povo traído, todos os trabalhadores portugueses, todos os portugueses patriotas, a um grupo de senhores que lhes declarou guerra para satisfazer os interesses do grande capital nacional e internacional.

A vida mostrou que tinham razão os delegados sindicais da RTP, os delegados sindicais do D.L. e todos aqueles – e muitos foram – que desde logo e desde então se insurgiram contra aquela sinistra imitação à portuguesa do celerado **Berufsverbot** (proibição de trabalho) que o pós-nazismo da R.F.A. criou para impor uma espécie de **apartheid** laboral aos democratas. Os mandarins e mandaretes do grande capital, discípulos atentos do ascoroso Malthus, acham que há gente a mais (FMI dixit) e o que agora pretendem aplicar a todo um povo já não é o **Berufsverbot**, é um verdadeiro **Lebensverbot** (proibição de viver).

Infelizmente para tais senhores, a força de trabalho é, porém, uma mercadoria muito difícil de manipular: não é fácil destrui-la, como ao trigo ou ao café, quando «está mais». A força de trabalho é uma mercadoria que resiste e, como força de trabalho que é, é também força de progresso e de vida. De modo que não falta muito para se ver quem é que em Portugal, e neste mundo todo, é excendentário.

Se alguém tiver criado o hábito de comemorar o 30 de Setembro, há-de sentir desta vez um travozinho bem amargo. É bem natural que seja a última. E neste jogo de mandarins e mandaretes haverá um dia quem receba dos seus mandantes a mesmíssima paga com que retribuiu o abnegado executor daquele fuzilamento: foi sempre assim que o Império Romano pagou aos traidores que o serviam.

Entretanto, a solidariedade recebida continua a ser retribuida e há 22 corações – alguns deles, ou talvez todos, a repelir dia a dia as foiçadas da grande segadora – que continuam a bater por Abril em uníssimo com os de todo um povo.

Energia: necessidades do Terceiro Mundo e pressões do Norte

Venugopala Rao/IPS

A Conferência Mundial sobre Energia, que encerrou os seus trabalhos em Nova Deli na passada semana, foi fértil em dissertações sobre fantásticos progressos tecnológicos, sugestões para o futuro, com vista à criação de toda a espécie de combustíveis possíveis, e análises do complicado panorama energético da actualidade.

Mas o boi, com os seus 400 milhões de exemplares criados por dois milhões de pessoas no Terceiro Mundo como animais de tiro e centro de energia em muitas sociedades, «foi totalmente ignorado durante o colóquio, deliberadamente ou inconscientemente», lamentou um defensor dos direitos dos animais.

Este comentário, feito pelo professor Ramaswani, director do prestigioso «Instituto Indiano de Administração de Bangalore», leva-nos a assinalar um conto que produziu um grande descontentamento entre o grupo de planificadores que defendem o desenvolvimento rural sem necessidade da alta tecnologia.

Na mesma conferência foi manifestada a opinião de que as principais fontes de energia no Terceiro Mundo não forem abordadas concretamente.

O relatório final da conferência concluiu que houve uma atitude «relativamente negligente» em relação às fontes renováveis de energia e sua tecnologia.

Esta negligência significa que não se está a responder aos principais problemas com que se enfrenta a população de países subdesenvolvidos com grandes áreas rurais e dependentes de fontes de combustível não-comerciais, tais como a energia vegetal e a biomassa.

Nota também que as discussões sobre os prejuízos causados pela erosão e a desflorestação e as formas de garantir a existência de lenha para o fogo nas próximas décadas foi minimizada.

Os delegados queixaram-se de não ser dada atenção suficiente aos sistemas descentralizados de energia, considerados como um elemento crucial para elevar o nível de vida nas áreas rurais do Terceiro Mundo.

Uma das razões pelas quais se produziu esta falsa discussão, residiu no facto de somente 10 por cento dos delegados que estiveram presentes nas conferência serem do Terceiro Mundo.

O presidente da conferência, Satish Ghandran, e o vice-ministro da indústria e Energia indiano, Shum Ronji, declararam que a Conferência teria mudado o seu parecer se a ela tivessem assistido mais delegados do Terceiro mundo.

Contudo, nem todos compartilham tal opinião, devido, em grande medida à estrutura e carácter da conferência e dos seus principais propósitos.

A organização do 12.° Congresso que teve lugar na semana passada, puseram grande ênfase no carácter não-governamental da conferência mundial de energia e na origem do seu financiamento em comités nacionais de energia, que representem os produtores e consumidores do Norte, do Sul, do Este e do Oeste.

Mas, na realidade, o centro de gravidade de toda esta actividade encontra-se nas poderosas transnacionais, se bem que ao longo da conferência tenham procurado não se tornar demasiado visíveis.

Alguns delegados do Terceiro Mundo reconhecem que esta situação é aceitável, já que está nas suas mãos quase toda a capacidade de exploração de energia, produção e distribuição.

As companhias tansnacionais de energia, são também a vanguarda da investigação em relação às fontes renováveis. O ministro da energia de Angola, Pedro Van Dunem foi o único orador do Terceiro Mundo a intervir na conferência para advertir que estas trasnacionais não permitiriam facilmente o fluxo da tecnologia e do conhecimento das fontes energéticas para os países em vias de desenvolvimento e subdesenvolvidos.

Crónica agrícola

Continuação da pág. 3

produção agrícola sobre as seguintes questões:

1.ª – A quanto montam actualmente os subsídios aos adubos?
2.ª – Tenciona o Governo retirá-los todos e a que prazo?
3.ª – Até que altura o preço dos adubos se vai manter?
4.ª – Qual é actualmente o montante concedido como subsídio às rações e ao leite?
5.ª – Quando vão ser retirados estes subsídios?

Um apontamento de boa gestão

Quando os recentes aumentos dos preços dos adubos e das rações havia em «stock», quer duns quer doutros milhões de toneladas. Tinham-nas os fabricantes e os armazenistas. Como não se havia feito na altura da subida dos preços qualquer inventário de «stocks», aqueles agentes económicos puderam disfrutar disfrutar de um lucro extra muito apreciável.

Em contrapartida, os utilizadores de rações – produtores de ovos e frangos, produtores de leite, criadores de porcos – tiveram, de imediato, mesmo no dia seguinte, de continuar a consumir as mesmas quantidades com os novos preços mas vendendo os produtos aos preços antigos. Eles não poderiam dizer à bicharada que apertasse o cinto. Então, num intervalo de dois meses, enquanto não se actualizaram os preços dos ovos, do leite, e da carne, os produtores perderam milhares e milhares de contos, exactamente nos termos equivalentes aos ganhos extra dos fabricantes e armazenistas.

Assim vai a Agricultura.

Um exemplo típico de transfeência de fundos e de boa gestão.

Doze socialistas respondem a um inquérito do "DL"

AINDA que a Direcção socialista queira fazer do V Congresso que amanhã se inicia no Pavilhão dos Desportos, o 'Congresso da Responsabilidade', a verdade é que não se esperam dele grandes alterações à situação actual.

O debate, que não se prevê muito animado, girará fundamentalmente à volta da moção de Mário Soares («Manter o rumo, enfrentar a crise») e das duas moções de carácter nacional de elementos do ex-«Secretariado» («Em defesa do projecto socialista», de António Guterres, e o «Projecto Socialista – Uma razão de esperança», de Manuel dos Santos). Ao contrário do que sucedera em 81, o líder socialista não sofre contestação e já há muito que ganhou este conclave máximo socialista.

Apesar de tudo há uma questão polémica e que não vai ser fácil decidir no sentido do desiderato de Mário Soares. É a alteração da actual Declaração de Princípios, aprovada no Congresso de 74. Desmarxizá-la é o objectivo de Soares. Todavia, quer o projecto da maioria, feito quase totalmente por Jaime Gama, quer o do ex«Secretariado» foram apresentados à última da hora. O debate sobre eles não existiu, a quase totalidade dos delegados ao congresso não os conhece. Qual será a decisão sobre matéria tão importante num **congresso de intervalo** como é o que amanhã começa?

Que a questão deve ser adiada disseram-no, na sua larga maioria, os socialistas ouvidos pelo «DL», num breve inquérito que incluiu também a expectativa de cada um quanto aos resultados deste congresso. De todos os inquiridos, apenas dois dirigentes indefectíveis de Soares defenderam a pronta alteração da Declaração de Princípios. Os restantes preferem o debate à precipitação.

Na escolha dos inquiridos procurou o «DL» cobrir as várias sensibilidades do PS desde os 'históricos' (Tito de Morais e Manuel Alegre) à JS (Margarida Marques), passando pelo ex-Secretariado, pelos incondicionais do líder socialista (António Campos e José Luís Nunes), pela 'Esquerda Laboral' (Marcelo Curto) e pelos autogestionários (José Leitão).

Duas questões

1 – O que espera do V Congresso que tem sido preparado em ambiente bastante morno?

2 – Acha que a alteração da actual Declaração de Princípios deve ser feita agora ou adiata para outro congresso? Concorda com a eliminação da «inspiração Marxista» daquela declaração.

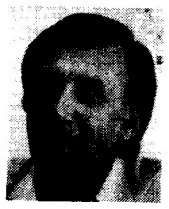
TITO MORAIS:

Adiar o debate sobre os princípios

1 – As moções que são apresentadas ao Congresso foram debatidas nas diversas secções do partido e é fundamentalmente na base delas que se vai travar uma discussão política no Congresso que definirá a orientação do partido em face da situação política actual. Espero por isso um debate aprofundado sobre a política do Governo e que estará na base das listas dos órgãos dirigentes do partido. Esta discussão vai ainda desenrolar-se na base do relatório que o secretário-geral vai apresentar ao congresso.

2 – Em minha opinião, as alterações a introduzir numa Declaração de Princípios e num programa do partido devem passar por uma ampla discussão nas bases do partido. Por razões diversas, considero que essa discussão não foi feita, pelo que julgo não ser oportuno fazê-la neste congresso. O problema deve ser adiado para outro.

Pessoalmente não concordo com a eliminação pura e simples da referência à inspiração marxista, mas entendo que é necessário rever não só essa como outras expressões que precisam de ser adaptadas à realidade presente.



ANTÓNIO CAMPOS:

Alterar o mais depressa possível

1 – O peso das dificuldades do país, o empenhamento de todo o partido na coligação governamental para superar a crise e fazer renascer um Portugal moderno, transforma este congresso no **congresso da responsabilidade.** O empenhamento de todos no Portugal real ultrapassou a discussão partidária e serviu de traço de união entre todos os militantes. Se o dar as mãos, superar divergências e canalizar os esforços em uníssono para a batalha fundamental de vencer a crise é apelidado de morno, pessoalmente discordo de tal classificação.

2 – Deve ser feito o mais depressa possível, Modernizar o partido, colocá-lo ao lado dos grandes partidos congéneres europeus, é a missão de orgulho para os que acreditam no futuro e não vivem do passado.

Concordo com a eliminação da «inspiração marxista». Declaro-o hoje, como o fiz em 1975, em plena Assembleia da República. Tenho uma formação sergiana, mas acima de tudo pretendo estar atento ao futuro, sem deixar de respeitar o passado.

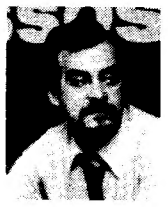
MARGARIDA MARQUES:

Condições para a clarificação ideológica

1 – Espero que o Congresso crie condições para o debate político dentro do partido e, consequentemente, para uma clarificação ideológica. Só assim é possível a criação de verdadeiras tendências políticas, com base em opções ideológicas e em projectos políticos claros. É também fundamental que a nova direcção política que venha a sair deste congresso entenda a importância que tem para o partido a existência de uma organização autónoma de jovens como a JS e, daí, também esperarmos, da parte dessa direcção, um maior apoio à nossa acção.

2 – Só seria possível ao congresso apreciar as diferentes propostas de declaração de princípios se previamente tivesse havido um debate amplamente participado por todos os militantes. Isso de facto não aconteceu. OS delegados vão na própria 6ª feira tomar conhecimento, pela primeira vez, dos textos dessas propostas. Não me parece pois, que haja condições para que o V Congresso aprove um novo texto tão fundamental como a Declaração de Princípios.

A questão não está na retirada ou não da expressão «inspiração marxista». O que é importante é que a nova Declaração de Princípios que eventualmente venha a sair deste congresso congregue as várias correntes socialistas do pensamento e que defina como objectivo «a construção de uma sociedade mais justa, mais livre e mais fraterna», uma sociedade mais participada que assente numa verdadeira descentralização de poderes.



JOSÉ GALVÃO TELES:

Unidade à volta das ideias

1 – Não é exacto que do nosso lado, a preparação do Congresso se faça em ambiente morno. Tem havido inúmeras reuniões para debate das moções e das listas. Em resumo espero do Congresso o seguinte: que assegure uma vivência democrática no partido, promovendo a total isenção do seu aparelho e Imprensa; que reconheça a riqueza insubstituível resultante do pluralismo existente no PS, de modo a que a unidade do partido se faça à volta de ideias e não de pessoas; que relance o grande debate ideológico e político no interior da esquerda portuguesa; que consagre, finalmente, o PS como um partido de projecto e de poder cuja participação no Governo possa ser sempre ajuizada à luz do seu programa de socialismo democrático.

2 – Não me passa pela cabeça, sequer, que o Congresso do PS aceite alterar a sua Declaração de Princípios sem que antes se tenha procedido a um intenso, alargado e profundo debate interno. Foi aliás, o que aconteceu quando aprovámos no 3º Congresso o 'documento para os anos 80'.

A eliminação da «inspiração marxista» é uma falsa questão que alguns pretendem empolar, apenas para descaracterizar a base socialista da Declaração de Princípios.

ANTÓNIO ARNAUT:

Reencontro e não concerto em 'play-back'

1 – Gostaria que o Congresso fosse o reencontro dos socialistas com o seu partido e do partido com as suas raízes históricas. Gostaria que fosse, também, um espaço aberto de debate e não, simplesmente um comício ou um concerto em «play-back».

2 – Admito a oportuna revisão da Declaração de Princípios e do programa. Mas, como disse, há dias, o Manuel Alegre, não se altera o programa de um partido como se alteram os estatutos de um clube de futebol. O processo de revisão deveria ser precedido de um amplo debate nas estruturas do partido. Como esse debate não se fez, nem mesmo na comissão nacional, o adiamento deste ponto da ordem de trabalhos é uma exigência das mais elementares regras democráticas.

Qualquer partido deve ter um suporte teórico, uma base política, filosófica e ética. A ideologia socialista visa a libertação do homem de todas as formas de opressão e alienação. Por isso, todos os que lutaram por esse nobre ideal, desde Cristo a Marx são **necessariamente,** inspiradores da ideologia socialista. A natureza plural e não dogmática do PS aconselha a que se aceitem todos os caminhos que, na consciência de cada um, conduzam ao objectivo final da libertação do homem.

JOSÉ LUÍS NUNES:

Ninguém fica proibido de ser marxista

1 – Espero que o congresso seja uma manifestação de grande unidade do partido, na esteira da linha aprovada no IV Congresso. É minha convicção que a linha aprovada no IV Congresso a coberto da moção «Novo rumo» que permitiu retirar o PS da vertente descendente em que se encontrava e lançá-lo de novo no primeiro plano da vida nacional, seja reforçada.

2 – A declaração de princípios do PS aprovada no congresso constitutivo de 1973 foi objecto de autênticos «tratos de polé» no I Congresso, de 74. A sua revisão à luz não só da prática, mas também da história do partido impunha-se desde há muito. Parece-me que chegou o momento de proceder a essa alteração e por isso não vejo motivos que justifiquem o seu adiamento até porque não foram formuladas alternativas que justifiquem uma melhor ponderação. O Congresso será, porém, soberano para reprovar, ou aprovar, as alterações propostas.

No que se refere à inspiração marxista, importa dizer que a frase tem em si pouco sentido. Como quer que seja não deve o PS privilegiar nenhuma das escolas de pensamento socialista, deixando aos seus elementos a possibilidade, de nesse campo, se assumirem de acordo com a sua consciência. Ninguém fica proibido de ser marxista no PS que se afirma, agora como um partido independente em relação às diversas ideologias socialistas.

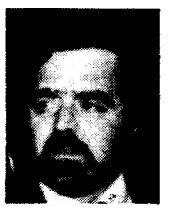
GOMES FERNANDES:

Empenhamento de quadros afastados

1 – Espero que constitua uma oportunidade para um aprofundamengo do diálogo entre as principais sensibilidades e que sirva de reforço da democraticidade interna. Penso, também, que o congresso pode criar condições para um maior empenhamento de um conjunto de quadros que tem estado à margem da vida activa do partido.

2 – Como se trata de uma questão importante, penso que necessitaria de uma ponderação relativamente grande. Por isso, talvez fosse vantajoso encontrar uma forma que permitisse uma discussão mais aprofundada e mais ampla em todo o partido. Não há vantagem em tomar decisões precipitadas.

A questão da «inspiração marxista» não me preocupa muito. Acho que não é pelo facto de ser terirar ou não a expressão que o PS passará a ser diferente. Penso que a revisão quer programática, quer da declaração de princípios, deve ser feita no sentido da modernização do partido. As questões da ecologia, da defesa do ambiente e da paz, entre outras, devem ser aprofundadas no interior do partido e constituir linhas de força da sua acção programática.



MANUEL ALEGRE:

"Não" à mudança de partido

1 – Espero que seja um congresso sereno e que estabeleça as condições para um debate de ideias, tendo em vista as necessárias alterações que terão que ocorrer num próximo congresso.

2 – Acho que a discussão deve ser adiada para um congresso extraordinário convocado para esse efeito. A alteração da Declaração de Princípios não é coisa que se possa fazer sobre o joelho, debaixo da pressão dos acontecimentos, das conveniências e da conjuntura.

A questão da inspiração marxista, é uma maneira de falsear o problema. O problema é saber que partido nós queremos. Eu estou de acordo com a necessidade de renovar e actualizar a Declaração de Princípios e o programa do Partido, mas uma coisa é mudar a Declaração de Princípios, outra é mudar os princípios e o próprio partido. Uma coisa é renovar o programa, outra coisa seria programar outro partido. Eu digo «sim» à renovação e actualização e «não» à mudança de partido.

V Congresso do PS começa amanhã

JOSÉ LEITÃO: E o elemento libertário?

1 – Este congresso marca o fim de um período na vida do partido. Valerá sobretudo pela aproximação verificada entre a actual maioria e o ex-Secretariado. Este facto é muito significativo, pois abre caminhos a novas convergências a nível de partido e permitirá, decerto, que uma corrente de renovação socialista se comece a aglutinar, de forma a ser maioritária no congresso seguinte. O PS ultrapassará desta forma as querelas pessoalizadas e poderá discutir as reais alternativas estratégicas. A renovação socialista terá de ter simultaneamente um conteúdo cultural, político e económico.

2 – Oponho-nos a que seja modificada neste congresso a Declaração de Princípios, não porque não possa vir a ser alterada, mas porque as propostas surgidas apareceram posteriormente à eleição de delegados ao congreso, não tendo sido discutidas a nível de secções e núcleos.

O marxismo não dogmático nem integrista é uma das inspirações do projecto socialista. Se o PS não deve ser confessionalmente marxista, não pode, contudo, recusar, o contributo crítico de Marx. Preocupa-nos, também, o facto de o elemento libertário que aposta na síntese necessária entre uma democracia representativa renovada e as formas de democracia autogestionária pode não ter adequada expressão numa apressada alteração da declaração de princípios.

MARCELO CURTO: Reafirmação da teoria marxista

1 – O Congresso do PS terá de manter viva a esperança do povo português no socialismo democrático e para isso a Esquerda Laboral e a lista «Pela Alternativa de um Futuro Socialista» continuará a lutar com persistência, com autonomia, contra o desvio de direita no PS e contra o projecto totalitário do PCP.

2 – Nós tomámos posição em Junho de 1983 contra a falta de condições criadas para discutir as moções de orientação política, para promover as listas de delegados e para debater seriamente nas bases do Partido, o aperfeiçoamento da Declaração de Princípios e do Programa do PS. Deste modo concordamos que não há condições sérias e democráticas para alterar no V Congresso aqueles textos e, portanto, que o ponto 4 da Ordem de Trabalhos deve ser retirado e discutido em congresso extraordinário a marcar para o efeito. Não concordamos, porém, com aqueles camaradas que consideram intocável a Declaração de Princípios, pois sempre fomos contra o imobilismo e a favor do debate de ideias e do aperfeiçoamento dos princípios.

A inspiração marxista «predominante» não pode considerar-se inamovível, principalmente como predominante. As inspirações do socialismo democrático têm que se ir buscar a outros teóricos e práticos socialistas, como Proudhon, como Adler, como Rosa Luxemburgo e outros, para a elaboração de *princípios adequados à realidade de hoje, ou seja, à autogestão, à transformação estrutural e qualitativa do sistema capitalista.* O que implica a reafirmação da teoria marxista, como parte do património comum dos socialistas, e o repúdio da sua corrupção totalitária, derivada do leninismo, e do stalinismo.

JÚLIO CARRAPATO: "Não haverá debate ideológico"

1 – Tenho estado um pouco fora da preparação deste congresso e por isso não sei a que resultados irá conduzir. Penso, no entando, que não haverá um debate ideológico sobre matérias de fundo, como seria necessário. Ao contrário do último congresso em que houve discussão para além da mera estratégia conjuntural, penso que o V Congresso vai ser mais «de corrida». A conjuntura política actual desilude-me bastante.

2 – Penso que deve ser adiada a discussão sobre esta matéria para outra altura. Não vejo interesse em que haja já revisão profunda dos princípios que enformam o PS. Quando à eliminação da «inspiração marxista» acho que isso seria uma descaracterização da imagem do PS. Não vejo vantagem nenhuma, sobretudo no que diz respeito ao método dialéctico de interpretação dos fenómenos históricos. Eu considero-me um dialecta e é com certa mágoa que veria desaparecer esta concepção do mundo e da vida.

OLIVEIRA E SILVA: As clivagens devem ser adiadas

1 – Espero que haja um esfoço de ambas as partes – maioria e minoria – no sentido de alcançarem uma solução que reforce a unidade do partido e que o torne mais apto a resolver os problemas da conjuntura actual. As clivagens ora existentes deverão ser adiadas para outra altura, pois não há, neste momento, grandes condições para provocar um debate ideológico.

2 – Em minha opinião, o debate sobre esta matéria deve ser adiado para outro congresso. Quanto à segunda questão entendo que os movimentos socialistas, quer de feição democrática, quer de feição ditatorial, não podem negar a contribuição do marxismo. Qualquer movimento socialista não pode furtar-se a reconhecer que o marxismo foi uma fonte importante da doutrina socialista, o que não quer dizer que tenha que ter um papel determinante. O debate sobre este problema, que tem importância mais teórica que prática, deverá ser, repito, adiado para outra altura.

Serra de Monchique foi muito atingida

Dominados grandes incêndios no Algarve e perto de Viseu

Dois grandes incêndios, na serra de Monchique e perto de S. Pedro do Sul, estavam esta manhã dominados, depois de horas dramáticas e intensos esforços mobilizando centenas de homens no combate às chamas.

O incêndio que durante dois dias devastou florestas da serra algarvia estava esta manhã dado como dominado. Mas o balanço dos prejuízos é, por enquanto, incalculável: arderam eucaliptos, medronheiros, pomares, vegetação diversa e algumas casas rurais com o gado nos respectivos estábulos, e maquinaria agrícola.

O fogo começara na segunda-feira, às 13 e 30, quando um ancião queimava algumas cepas. Alastrou ao mato circundante e o drama tomou rapidamente proporções dramáticas. A área atingida é agora calculada em cerca de cinco mil hectares, num perímetro de cinquenta quilómetros quadrados.

A violência do incêndio obrigou à intervenção de dois pelotões do Regimento de Infantaria de Faro, que foram deslocados a fim de apoiarem as corporações de toda a região que acorreram ao local.

Uma tentativa dos comandantes dos bombeiros para que, a determinada altura, fossem deslocados meios aéreos da Região Centro para o Algarve resultou infrutífera. A impossibilidade técnica foi a razão aduzida para a recusa, mesmo após diligências feitas junto do ministro da Administração Interna.

Situação dominada em S. Pedro do Sul

Duas frentes de incêndios na região de Viseu, que ontem provocaram grande inquietação, também se encontravam praticamente dominadas esta manhã, segundo apurámos junto de corporações dos bombeiros.

Uma povoação chegou mesmo a estar ameaçada, como foi o caso de Outeiro de Espinho, no concelho de Mangualde. As chamas estiveram a dois quilómetros do povoado e os sinos tocaram a rebate, chamando a população à cooperação com os bombeiros.

As duas frentes foram durante o dia de ontem combatidas com meios aéreos e terrestres. No caso das chamas que eclodiram perto de Mangualde, conseguiu-se em determinada altura dominá-las, mas o reacendimento seria constatado ao princípio da noite de ontem.

A zona de Viseu foi, ainda, palco de algumas outras situações similares, com a característica generalizada de haver fortes suspeitas de acções criminosas. Foi o caso das chamas que lavraram em Ponte da Pedrinha, no concelho de Tondela, ou entre as povoações de Roda e Fagilde.

MAI promete apoio e segurança

O ministro da Administração Interna afirmou ontem, em Viseu, ser «necessária uma acção concertada, que poderá passar pela constituição de pelotões militares», ou «apoio de segurança», no combate aos incêndios.

Eduardo Pereira acrescentou que os objectores de consciência terão de cumprir dois anos, pelo menos, de serviço civil.

As câmaras municipais, disse o ministro, vão dispor de grupos de mancebos, de ambos os sexos, encarregados da organização de certos serviços, entre os quais se inclui a limpeza de florestas.

Anunciou, também, que o Governo distribuirá cerca de 300 milhões de escudos, pelos Centros de Protecção Civil, destinados a financiar os municípios para arranque de pequenas obras domiciliárias de água potável às zonas mais carenciadas.

Dessa verba, cabe cerca de 35 milhões de escudos ao Centro de Protecção Civil de Viseu.

Populações colaboram no combate aos incêndios

Coimbra recebe 20 mil contos

A Secretaria de Estado da Segurança Social entregou ontem, em Coimbra, um reforço de 20 milhões de escudos ao orçamento do Centro Regional de Segurança Social, tendo em vista minorar as consequências dos recentes incêndios.

Leonor Beleza acentuou que esta verba, o «auxílio possível», se destina às famílias cujos meios de subsistência foram afectados particularmente e é distribuída após um estudo elaborado com a colaboração das autarquias.

Admitiu que esta contribuição governamental possa ser reforçada, depois da conclusão do trabalho de campo que está a decorrer, para investigação das carências.

Adiantou que o Governo — «que não pode assumir-se como primeiro responsável» — tenciona auxiliar os municípios na adopção de medidas conducentes a solucionar os problemas existentes.

Visita aos Açores

Eanes destaca papel dos militares no fomento regional

FLORES, 29 (do nosso enviado especial Ribeiro Cardoso) – Prossegue aqui o «jogo de escondidas» entre o PR e os jornalistas, que ainda não sabem se conseguirão sair esta tarde para o Faial, graças ao péssimo tempo que se faz sentir. A comitiva presidencial deixou ainda ontem a ilha das Flores e deve estar hoje na Graciosa e em São Jorge. Assim, só amanhã é que os jornalistas voltarão a encontrar Ramalho Eanes na ilha do Pico.

O escândalo é tal que o Presidente da República se despediu ontem dos jornalistas, dizendo-lhes «então até depois de amanhã» com um ar cúmplice e divertido. A questão que permanece em tudo isto é a de saber se se trata apenas de deliberada má-fé e de prepotência ou apenas de uma escandalosa desorganização.

Apesar das dificuldades que lhes estão a ser criadas e das tentativas feitas para afastar os jornalistas do PR estes conseguiram estar presentes, ontem, na visita às Lages das Flores, única Câmara do País com um presidente da ASDI. Aí foi-nos dado assistir a uma recepção entusiástica a Eanes onde não faltava um pano com a inscrição «Eanes sim, Mota Amaral não». Curiosamente, esta faixa foi retirada por uma filha de um vereador do PPD antes da chegada do Presidente da República.

No meio de tudo isto Mota Amaral faz de conta que não é nada com ele, mas todos os observadores locais são unânimes em consique o presidente do Governo Regional se está a aproveitar desta visita como um instrumento de propaganda eleitoral para consumo local». Esta análise tem por base a forma como as coisas se estão a passar e o facto de Mota Amaral estar a ser abertamente contestado na ilha Terceira, onde os jornalistas foram impedidos de se deslocar, em Santa Maria, aqui nas Lages das Flores e em certos sectores do Pico e do Faial.

A gestão dos dinheiros públicos começa aqui a ser muito contestada e os negócios e escândalos em que poderá estar metida gente do Governo Regional são cada vez mais ventilados, sem que as obras de beneficiação que têm sido feitas um pouco por todas as ilhas sejam suficientes para manter uma imagem limpa de quem governa esta região.

PS critica visita

Entretanto, a secção de Ponta Delgada do PS considera negativos os efeitos da visita aos Açores do presidente Eanes. Num comunicado divulgado ontem, o PS estranha «as insinuações originárias do PSD e com eco em alguns órgãos de Comunicação Social ainda não comentados pelo Presidente, que querem fazer crer um estranho concubinato político entre o general Eanes e Mota Amaral».

Isto, no entender dos socialistas, «na tentativa de alimentar as fantasias do presidente do governo açoriano e, também, do mais disparatado romance de ficção presidencial, titulado de 'o candidato eanista'.»

O documento acusa o governo regional de marginalizar os partidos de oposição e afirma que «poderá ter que assumir as responsabilidades da eventual transformação de Ramalho Eanes no presidente de alguns açorianos».

Menos portugueses de visita a Espanha

O número de portugueses que visitaram Espanha durante o mês de Agosto diminuiu em 163 805 entradas em relação ao mesmo mês de 1982 — anunciou hoje a Secretaria de Estado de Turismo espanhola.

Em termos percentuais, esta redução significa uma queda de 9,3 por cento em relação a Agosto de 1982, quando visitaram Espanha 1 768 725 portugueses.

Portugal continua a ser o segundo fornecedor de visitantes de Espanha, depois de França, donde entraram nos oito primeiros meses do ano 7 556 079 cidadãos.

Derrubando o executivo camarário antes de 5 de Outubro

PSD e CDS de Famalicão preparam boicote à homenagem a Bernardino Machado

A Câmara de Vila Nova de Famalicão (quatro vereadores socialistas, incluindo o presidente, outros quatro eleitos ainda pela AD e um último eleito pela APU) pode vir a ser posta em causa pelos dirigentes distritais do PSD (Braga) e do CDS que «nunca aceitaram de bom grado a derrota sofrida nas últimas eleições autárquicas. Ainda que com o vereador da APU (a advogada Margarida Malvar) a esquerda se encontre em maioria, a verdade é que «uma saída em bloco» dos quatro vereadores da AD, não deixaria de afectar seriamente a imagem da Câmara e o seu rendimento.

A possibilidade de isso acontecer não é de todo inviável, dado que um dos pontos em debate na reunião da passada segunda-feira, entre dirigentes locais do CDS e do PSD (na sede dos centristas e que terminou de madrugada) a que compareceram destacados dirigentes distritais dos dois partidos (o que confere uma certa importância à reunião), era precisamente a tomada de posição em relação ao actual executivo municipal e à permanência em funções dos vereadores daqueles partidos. Segundo soubemos, foi inclusivamente defendida pela distrital do PSD e pelo CDS, nessa reunião, a saída dos quatro vereadores «ainda antes das comemorações do 5 de Outubro» em Famalicão, a que, como o «DL» noticiou, deverão assistir o Presidente da República e o Primeiro e Vice-Primeiro-Ministros.

A não ida do PSD e do CDS locais às comemorações, que incluem uma homenagem nacional a Bernardino Machado, seria assim uma forma de «abrir já uma ruptura» na Câmara e, ainda segundo a nossa fonte, diminuir «o significado e o prestígio» que a Câmara liderada pelo dr. Agostinho Fernandes atribui àquela iniciativa.

Todavia esta posição não ganhou unanimidade entre os dirigentes do PSD e do CDS presentes na reunião, acabando por prevalecer a posição dos que defendem a linha do acordo nacional PS/PSD e, portanto, a permanência dos quatro vereadores no executivo e a sua participação nas cerimónias do 5 de Outubro, que este ano terão particular significado em Famalicão.

Os sociais-democratas famalicenses teriam invocado, em defesa do acordo PS/PSD, que consideram mais correcto um trabalho autárquico com uma equipa francamente prestigiada aos olhos do eleitorado do concelho, do que um afrontamento que, no caso de Braga, já custou alguns votos.

Por outro lado, segundo famalicenses por nós contactados, «estes factos não surgem isoladamente». As posições da distrital de Braga, nomeadamente a Comissão Permanente afecta a Eurico de Melo e Ribeiro da Silva, prolongariam a contestação ao acordo nacional PS/PSD que já aflorara no «voltar à carga» com o caso do inquérito à Câmara bracarense, visando o socialista Mesquita Machado, agora no Governo.

José Gomes Bandeira

Quinhentas toneladas de lodo adiam viragem do "Tollan"

Pela nossa parte já optámos: com o «Tollan» não há que fazer previsões, ou seja quando virar, se virar, que vire. E nessa altura cá estamos para noticiar o evento. Agora o que não ousaremos mais é apontar datas ou horas. E isto por que ainda ontem, as chamadas fontes fidedignas anunciavam que a histórica «cambalhota» estava por um «cabelo», tudo se resumindo a uns escassos nove graus, uma vez que o cargueiro já atingira uma inclinação de noventa graus.

Afinal esta manhã em contacto com o capitão do porto de Lisboa, comandante Bartolomeu Guimarães, foi-nos dito que as previsões mais optimistas da «Sealift» para a viragem do «Tollan» apontam para sexta-feira ou sábado próximos. E isto porque há a necessidade de proceder à lavagem dos porões do navio, onde se encontram armazenadas cerca de quinhentas toneladas de lodo e de areia.

Perguntámos ainda ao comandante Bartolomeu Guimarães se já haviam sido detectados indícios dos restos mortais dos quatro tripulantes do «Tollan» que teriam ficado a bordo durante o naufrágio.

A resposta foi negativa. Para o comandante Bartolomeu Guimarães os cadáveres, a existirem, deverão estar em camarotes ainda fechados. «No entanto esse é um ponto bastante sensível», faria juz em frisar.

Policlínicos convocam manifestação para lutar contra despedimentos

Médicos policlínicos da zona sul, ontem reunidos em plenário no Hospital de D. Estefânia, em Lisboa, decidiram convocar uma manifestação para o próximo dia 11, às 16 horas, em frente do Ministério da Saúde, como forma de luta contra o anunciado despedimento de dois mil médicos pelo Governo.

Convocada pelas comissões de internos P1, P2 e P3 e o apoio dos sindicatos dos Médicos da Zona Sul, a assembleia decidiu ainda lançar «uma campanha de esclarecimento da opinião pública» para expressar publicamente «as condições reais de saúde nas regiões e promover uma recolha de assinaturas nos restantes estratos médicos, de solidariedade pelo pleno emprego».

Outra decisão tomada em plenário diz respeito à determinação dos policlínicos em se oporem «por todos os meios legais ao seu alcance «contra a política governamental no campo da saúde».

No documento aprovado, os médicos policlínicos «acusam o Governo de não ter fundamentos nenhuns para despedir médicos, a não ser o fundamento das suas opções económicas».

«Caso o Ministério da Saúde não atenda às justas reivindicações dos médicos policlínicos, estes declaram-se já dispostos a recorrer a outras formas de luta, incluindo a greve», conclui o referido documento.

Gama insiste em Nova Iorque

Espanha não vai ter mais licença de pesca

O ministro dos Negócios Estrangeiros reafirmou ontem que não serão concedidas mais licenças de pesca à Espanha, na zona marítima compreendida entre as seis e as doze milhas.

Esta garantia foi dada depois do ministro se ter avistado em Nova Iorque com seu homólogo espanhol, Fernando Móran, com o qual discutiu os preparativos da cimeira ibérica. Esta realiza-se em Lisboa nos dias 11 e 12 de Novembro, sendo presidida pelos chefes dos governos português e espanhol, Mário Soares e Felipe Gonzalez.

Jaime Gama, que se deslocou a Nova Iorque para participar na Assembleia Geral das Nações Unidas, avistou-se também com o comandante Silvino da Luz, ministro dos Estrangeiros de Cabo Verde, acertando a sua visita àquele país para os dias 14 a 17 de Novembro.

Desarmamento

Entretanto, em Lisboa, o Ministério dos Negócios Estrangeiros divulgou um comunicado de apoio às novas propostas do presidente Reagan sobre desarmamento. De acordo com o Palácio das Necessidades, elas são «um importante desenvolvimento no processo das negociações sobre armas de alcance intermédio e traduzem, além disso, um contínuo e íntimo processo de consultas entre os EUA e os seus aliados europeus e canadianos».

Depois de se afirmar partidário da «opção zero» – eliminação dos mísseis de médio alcance tanto soviéticos como americanos – o MNE salienta que a nova proposta poderá «reduzir as diferenças de posições entre os EUA e a URSS, de forma a poder chegar-se a um acordo».

«O Governo português», conclui o comunicado, «deseja vivamente que o sentido de responsabilidade e genuína vontade de conseguir um equilíbrio militar estável, ao mais baixo nível, que esta iniciativa traduz, possa permitir a obtenção em Genebra de um acordo equilibrado, justo e verificável».

Correspondente da ANOP agredido em Valpaços

O correspondente da ANOP em Valpaços foi agredido ontem por familiares do antigo presidente da Câmara local, Sobrinho de Morais, na sequência de uma notícia divulgada pela Agência Noticiosa Portuguesa.

Na passada segunda-feira, a ANOP transmitiu às 12 e 34 um telegrama, datado de Valpaços, no qual se citava declarações públicas do actual presidente do Município, Mário Parente, acusando Sobrinho de Morais de «manobras para desestabilizar o Executivo Municipal».

No mesmo telegrama, foram ainda citadas declarações de Mário Parente na Assembleia Municipal de Valpaços, nas quais o edil referia que «a cadeia de Alcoentre esta vazia a espera de Sobrinho de Morais».

Cerca das 21 e 30 de ontem, quando o correspondente da ANOP em Valpaços se dirigia ao seu café habitual, foi abordado por António José Guimarães, primo de Sobrinho de Morais, que o aconselhou a desaparecer e o ameaçou de morte.

Na sequência de um curto diálogo então gerado, o correspondente da ANOP foi espancado no rosto, tendo sido internado no Hospital de Valpaços, onde uma equipa médica lhe suturou com 27 pontos um golpe na face.

comunicação social

Madeira fins de 84 — RTP a 100%

O presidente do Governo Regional da Madeira anunciou no Funchal que a «cobertura televisiva, a 100 por cento, da Região poderá acontecer no final de 1984».

Falando no decorrer da cerimónia de inauguração das novas instalações do Centro Emissor da RTP/Madeira no Pico do Silva (Camacha), Jardim manifestou a intenção de «manter um espírito de colaboração que tem vindo a ser apanágio da RTP.»

Sublinhou as «condições precárias» em que os trabalhadores do Centro Regional da RTP/Madeira exercem a sua actividade e salientou o facto de a Radiotelevisão Portuguesa, «como empresa pública, enfrentar as dificuldades conhecidas e que envolvem o sector público.»

O chefe do governo madeirense recordou as posições assumidas pelo Governo madeirense quanto à não aprovação das sucessivas actualizações das taxas televisivas, mas sublinhou que a situação é hoje diferente.

«Além do satélite que entrou em funcionamento, é necessário equipamento, algum dele já adquirido, e construir novas torres para que a transmissão televisiva na Madeira seja total, além de haver a possibilidade do Centro Regional seleccionar a programação, apesar de possuir apenas um canal» – disse.

Neste contexto, anunciou ter o Governo Regional resolvido fazer aplicar a partir de 1983 os montantes actualmente praticados no Continente no que se relaciona com as taxas da RTP e anunciou ter o Conselho de Gerência «garantido que as receitas (publicidade e taxas) cobradas na Madeira serão exclusivamente consignadas ao Centro Regional.»

Anselmo Rodrigues — despacho de "recuperação"

Uma série de regras a cumprir no sentido da «recuperação do sector público empresarial da Comunicação Social» estão contempladas num despacho do secretário de Estado adjunto do ministro de Estado Anselmo Rodrigues.

O diploma, já enviado para publicação na folha oficial, obriga as empresas públicas da Comunicação Social a apresentarem regularmente informações e elementos de ordem contabilística que permitam à respectiva tutela o «exercício de um controlo efectivo e um acompanhamento da actividade das empresas nos termos previstos na lei».

Determinam-se, por outro lado, normas como a implementação de rigorosas medidas de austeridade», e o levantamento no prazo de 30 dias das situações de pluriemprego e subemprego dos efectivos de cada empresa.

MUNICÍPIO DE LOURES

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

TRABALHADORES DA NOVOBRA SEM SALÁRIOS

MOÇÃO

Sr. Presidente, Srs. Representantes, mais uma situação aflitiva para centenas de trabalhadores, neste caso os da NOVOBRA, os quais se deslocaram ontem a esta Câmara, a fim de exporem ao Sr. Presidente a grave situação vivida naquela empresa.

É com preocupação que, cada vez mais, vamos assistindo à destruição de empresas pelas suas Administrações e entidades Patronais, sem o mínimo de preocupação, face aos graves problemas sociais que são criados.

Largos milhares de trabalhadores neste País não recebem salários e Subsídios de Férias, vendo seriamente os seus Postos de Trabalho ameaçados, sem que, o Governo tome qualquer medida no sentido de forçar as entidades Patronais a cumprir as leis de trabalho emanadas da Assembleia da República, consubstanciadas na Constituição da República Portugesa.

País real, que tanto gostam os governantes deste País evocar!

Entretanto, é com magoa que temos de afirmar que as relidades são bem duras para os trabalhadores portugueses, com toda a política económica e social do Governo, protegendo todas as arbitrariedades praticadas por Patrões e Administradores.

A NOVOBRA é mais uma prova evidente do que afirmamos. Têm os trabalhadores procurado através do diálogo com a Administração encontrar as soluções para o conflito, no entanto, aquela tem sistematicamente faltado às promessas consecutivas, obstruindo desse modo qualquer resolução.

Exemplo gravoso do que fica dito é o facto de ontem, pelas 18.30, e após ter marcado uma reunião com os trabalhadores, a Administração negou-se a recebê-los.

Face à situação preocupante vivida pelos trabalhadores da NOVOBRA, e a exemplo do apoio manifestado pelo Presidente do Município, propomos que esta Assembleia manifeste a sua solidariedade para com aqueles trabalhadores, procurando junto do Governo que actue no sentido de encontrar a resolução para este conflito laboral, de consequências graves para centenas de trabalhadores.

Loures, 22 de Setembro de 1983.

de ontem para hoje

Deficientes acusam Balsemão de ter cedido a especuladores

A coordenadora Nacional dos Organismos de Deficientes (UCNOD) afirma em comunicado ontem distribuído rejeitar «governos que não tenham vocação social e espírito de solidariedade». O comunicado refere-se directamente à eliminação das barreiras arquitectónicas. Uma regulamentação geral das edificações urbanas foi aprovada em Fevereiro de 1982, prevendo condições de acessos dos deficientes a edifícios públicos e particulares, ao trabalho, à escola. O decreto não chegou a ter aplicação, «por falta de vontade política» do governo da época, segundo refere a UCNOD, e por, igualmente, o Governo Balsemão «ter aceite pedidos dos empreiteiros e especuladores da construção civil» para o prorrogamento da execução da lei.

Justiça para Casquinha e Caravela

A propósito da morte, na UCP «Bento Gonçalves», no Escoural, dos operários agrícolas Casquinha e Caravela, a FUP (Força de Unidade Popular) emitiu um comunicado «Foi há quatro anos no Escoural – A Justiça tarda», no qual afirma que a passagem desta efeméride deverá ser «de reflexão e de luta», recordando os nomes dos comandantes da força da GNR, os «tristemente célebres capitão Faria e sargento Maximino». Pergunta a FUP: «Será que o poder judicial não sabe quem são os assassinos? E porque será que o Poder burguês sempre tão rápido e obediente, quando solicitado pelos agrários parasitas a roubar terras e gados aos trabalhadores (mesmo que isso implique a morte de alguns) é tão demorado em cumprir as decisões dos Tribunais Administraticos de devolução das terras aos trabalhadores?»

Salvou dois irmãos em Guimarães

No lugar do Outeiro (Guimarães) uma pequenita de sete anos salvou dois irmãos mais velhos que se encontravam inanimados, após um deles ter provocado, ao acender um fósforo, a explosão da garrafa de gás, na cozinha da sua casa. Judite Leite de Oliveira Dias conseguiu fechar a torneira da garrafa de gás que estava aberta e de onde saíam chamas. Depois disso conseguiu ainda arrastar os dois irmãos para fora da residência.

Criança mata criança com caçadeira

A insensatez dos adultos esteve de novo na origem da morte de uma criança, Mário Alberto Pinto Moreira de Matos, de sete anos, atingido a tiro de caçadeira, em Casal da Areia (Montemor-o-Velho). A arma deixada carregada em casa pelo avô, vinicultor, foi accionada por um garoto da mesma idade com quem estava a brincar. O pequeno Mário Alberto, que teve morte imediata, foi atingido à queima-roupa no pescoço.

Capturados dois dos evadidos de Viana

A GNR de Paredes de Coura capturou ontem dois dos quatro presidiários que no domingo se evadiram da Cadeia Distrital de Viana do Castelo. Trata-se de Domingos Fernandes Gonçalves, de 23 anos, e José Alberto Pimentel Salvado Marques, da mesma idade, responsáveis por assaltos praticados na terça-feira à noite, em várias residências nas freguesias de Meixedo e Lanheses, daquele concelho. A captura ocorreu na estrada entre Arcos de Valdevez e Monção. Entretanto, continuam em fuga os evadidos José Manuel da Silva Ferreira, 30 anos, e José Gomes da Silva Leitão, de 23 anos, que alguns populares afirmam ter visto esta madrugada nas proximidades de Darque.

Turista sueca afogada em Tróia

Uma cidadã sueca, Anne Lise Hannsen, de 71 anos, morreu ontem afogada, em Tróia, ao ser arrastada por uma vaga. Uma outra turista da mesma nacionalidade, Cecile Johnssor, que acompanhava Anne Lise, foi igualmente levada pela águas, mas teve mais sorte pois foi salva por banhistas que se encontravam no local.

Queda fatal de advogado no Porto

Ainda não foram esclarecidas as circunstâncias em que o advogado David Delfim de Almeida caiu, na madrugada de anteontem, da varanda da sua residência, no Porto. Aquele causídico, que expirou no banco do Hospital de Santo António, habitava um segundo andar. A PJ investiga.

Eduardo Pereira anunciou em ronda pelo Norte

Reforço do poder autárquico com descentralização de verbas

O ministro da Administração Interna anunciou ontem na Guarda que os municípios vão ter alargadas as suas competências no âmbito do reforço do poder autárquico. A concretização, acrescentou, far-se-á na sequência de autorizações legislativas apresentadas na Assembleia da República para serem dadas mais competências e verbas às autarquias.

Eduardo Pereira revelou que várias incumbências actualmente no âmbito de vários Ministérios vão ser transferidas para as Câmaras Municipais que, a nível nacional, terão um reforço de 47 mil milhões de escudos para cerca de 75 mil milhões de escudos, o montante sobre a Lei das Finanças Locais.

A legislação sobre este sector administrativo, segundo Eduardo Pereira, tem de estar à discussão nas autarquias dentro de poucas semanas.

O ministro referira-se antes, em Viseu, à descentralização do Ministério da Educação, cujo ensaio terá lugar em 1984, cabendo às autarquias todo o processo referente à criação de novas escolas, admissão de professores e sua colocação, entre outras competências.

As autarquias receberão, para esse efeito, a verba que até agora estava a ser centralizada.

300 mil contos para a seca

No domínio da seca, o ministro da Administração Interna afirmou que o Serviço Nacional de Protecção Civil vai ser reforçado com 300 milhões de escudos.

Esta verba destina-se a ser distribuída pelos municípios do País com vista a minorar os efeitos da falta de água. Ao distrito da Guarda e para este capítulo foi atribuída a verba de 35 milhões de escudos.

Disse não se poder deixar diminuir os níveis actuais de carência e que se está na pprimeira fase de um programa para combate àseca.

Instado a pronunciar-se sobre juros sobre empréstimos contraídos pelas Câmaras, Eduardo Pereira afirmou que «não é possível alimentar ilusões sobre uma descida dos juros na generalidade ou para projectos de desenvolvimento autárquico».

Acrescentou que «o dinheiro custa ao Estado valores aproximados desses juros».

Considerou, porém, ser possível a existência de juros bonificados para projectos concretos de desenvolvimento.

Nos próximos dias 7 e 8

Loteamentos clandestinos a debate em Azeitão

Loteamentos, «problema nacional que exige soluções de quem detém o poder central», serão o tema, em Outubro, de uma reunião nacional de municípios, promovida pela Associação das Câmaras do Distrito de Setúbal.

trata-se da reedição de idêntica iniciativa, realizada no Seixal, em Maio de 1981. Desta feita, a reunião realiza-se a 7 e 8 de Outubro, em Vila Nogueira de Azeitão.

«Durante estes dois anos» – salienta um comunicado da organização – assistiu-se ao florescer do mercado negro de terrenos, à destuição da cobertura florestal e de solos com aptidão agrícola, à ocupação anárquica de terrenos com edificações feitas à revelia das normas urbanísticas, à existência e agravamento de situações de emergência relativamente a investimentos públicos», ocasionando que «um punhado de exploradores tenha embolsado lucros chorudos em operações criminosas, sem que os municípios contra eles possam intervir».

Os municípios organizadores da reunião entendem que a situação se deve à inexistência de uma política de desenvolvimento do interior do país, à queda vertical do investimento público, ao incumprimento da Lei das Finanças Locais, ao processo de centralização administrativa, ao bloqueamento dos planos urbanísticos elaborados pelos municípios, a uma política de crédito gravosa, à passividade (ou favorecimento) da especulação imobiliária e à contínua falta de legislação adequada.

Para a iniciativa, a Associação dos Municípios de Setúbal convidou os titulares das pastas que detêm competência imediata sobre a matéria, alargando o convite aos órgãos de soberania.

Bragança e Vila Real estão em "pé de guerra"

Caça à lebre e à perdiz proibida esta época em dezassete concelhos

A caça à lebre, de acordo com uma portaria da Secretaria de Estado das Florestas ontem publicada na folha oficial, será proibida esta época nos concelhos de Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Cascais, Loures, Lourinhã, Mafra, Oeiras, Sintra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira.

A mesma portaria determina ainda a proibição da caça à perdiz nos concelhos da Amadora, Oeiras, Batalha e Viana do Castelo, antecipando, por outro lado, o seu encerramento no concelho de Sintra para o último domingo de Outubro, no de Torres Vedras para o segundo domingo de Novembro, e para o último domingo de Novembro, nos concelhos de Alenquer, Arruda, Azambuja, Cadavall Cascais, Loures, Lourinhã, Mafra, Sobral e Vila Franca de Xira. O diploma reduz finalmente para o limite diário de caça de uma perdiz no concelho de Cascais e para duas perdizes nos de Paredes de Coura, Santo Tirso e Vila do Conde.

Entretanto a Assembleia Municipal de Bragança decidiu por maioria responsabilizar o Governo «por todos os actos que perturbem a ordem pública» que se possam registar na data marcada para a abertura geral da caça.

A decisão daquele órgão autárquico de Bragança foi aprovada por maioria, com 49 votos a favor e 20 abstenções, e visa apenas – segundo o teor da moção – a preservação das espécies indígenas.

A moção manifesta solidariedade com as posições expressas pelas organizações de caçadores e agricultores dos distritos de Bragança e Vila Real, em manifestação realizada no dia 24 relativamente à data marcada para a abertura da caça. Os promotores da manifestação afirmam que o início da caça a 9 de Outubro irá provocar o morticínio generalizado de algumas espécies e reivindicam a sua auscultação sobre a próxima lei regulamentadora desta actividade.

Em causa trabalhos de reconstrução

Incêndio na Sé de Angra na base de inquérito

O executivo açoriano anunciou que decidiu instaurar um inquérito à forma como têm sido executados os trabalhos de reconstrução da Sé de Angra do Heroísmo.

Uma nota oficiosa dá também conta de que o Governo Regional vai solicitar ao Conselho Superior de Magistratura a designação de um magistrado que dirija esse inquérito.

A decisão do gabinete de Mota Amaral surge na sequência do incêndio que destruiu domingo a Sé de Angra do Heroísmo com suspeita de origem criminosa.

Para apuramento desta hipótese, o governo pediu a intervenção da Polícia Judiciária, que destacou para o local quatro agentes e um técnico de laboratório.

A nota oficiosa refere que «a eventual intencionalidade do facto verificado repugna à consciência de todo o povo açoriano, e, sendo provada, exige a punição exemplar dos seus autores».

Repudia, por outro lado, «aqueles que aproveitando a gravidade da ocorrência e a natural consternação da população procuram com objectivos inconfessados instalar a confusão, o descrédito das instituições e a suspeição infundada, na previsão de assim conseguirem a confiança que o povo sempre lhes recusou».

Reafirma, finalmente, que os trabalhos de reconstrução da Sé prosseguirão de imediato.

A demissão do autarca de Faro

PS responsabilizado pela AD

A secção de Faro do PS criticou ontem o comunicado do PSD que responsabilizava os socialistas pela recente demissão do presidente da Câmara de Faro.

Refere o PS de Faro que foi o próprio presidente demissionário, Francisco Silva, que afirmou em Assembleia Municipal ter decidido abandonar o cargo «por falta de apoio por parte da força política que o elegeu – a AD».

O PS – sublinha a mesma secção – manteve uma oposição crítica perante o executivo camarário, adiantando que os problemas no abastecimento de água não serviram para «tratados demagógicos» ou «manipulações sem interesse» e que pretende-se agora «tapar o sol com uma peneira» para esconder a má gestão da câmara de Faro, da responsabilidade AD».

Substituto quer ser efectivo

Entretanto, o presidente em exercício da câmara, Negrão Belo, número dois da lista AD nas eleições autárquicas, afirmou a sua disponibilidade para o cargo «em pleno direito». Vereador a tempo inteiro, Negrão Belo assumiu provisoriamente a presidência da câmara considerando a sua tarefa difícil porque «falta o dinheiro para cumprir qualquer plano».

O novo responsável – que disse ser o seu antecessor um homem «íntegro e decidido» – terá de esperar agora pelas posições do PS e da APU, pois estas forças se renunciarem aos madatos, podem originar novas eleições.

De qualquer modo, o autarca em exercício declarou já a intenção de resolver de imediato o grave problema da aldeia de Montenegro, há oito meses sem água, e que teve influência na renúncia do presidente eleito.

Mota Pinto no Alfeite

O ministro da Defesa Nacional, Mota Pinto deslocou-se ontem ao Alfeite, para visitar o Comando Naval do Continente.

Respondendo a perguntas dos jornalistas, Mota Pinto que «a disponibilidade de unidades de presença naval» continua a ser uma prioridade das Forças Armadas, a propósito do caso das fragatas.

Budapeste já parece Viena

Os húngaros instalam-se na sociedade de consumo

Os húngaros instalam-se com fervor numa sociedade de consumo, com os seus prazeres e as suas paródias, o que leva o visitante ocidental a dizer que Budapeste está, decididamente, mais perto de Viena que de Bucareste ou Moscovo.

Com efeito, os cidadãos húngaros ganharam hábitos de consumo que os aproximam mais de um ocidental do que da maior parte dos habitantes dos países socialistas da Europa de Leste: as suas necessidades básicas são largamente satisfeitas, o que faz com que os seus desejos os levem para os produtos de luxo.

Ter um carro, passar férias no estrangeiro e ter uma residência secundária no Lago Balatão, são outras tantas aspirações prestes a passar do sonho à realidade para uma boa parte da população: em 10,5 milhões de habitantes, 1,2 milhões têm um automóvel e 5,5 milhões — ou seja mais de metade — foram passar férias ao estrangeiro no ano passado.

Em Budapeste, as conversas já não se arrastam nas bichas, mas traem a preocupação, tal como no Ocidente, face a uma política de austeridade, à diminuição do poder de compra e à inflação.

O aumento dos preços será de 7 a 8 por cento este ano, mas os húngaros dizem que não há grandes problemas, desde que as lojas estejam cheias. Em contrapartida, trabalha-se muito, por vezes 15 horas por dia, e há um certo encorajamento ao duplo ou, até mesmo, ao triplo emprego.

Cada cidadão tenta tirar o maior proveito possível daquilo que sabe fazer: os operários fazem horas extraodinárias, os alpinistas tornam-se pedreiros ou restauradores de monumentos históricos, os engenheiros passam a bombeiros ou a electricistas, os professores de línguas estrangeiras tornam-se intérpretes ou tradutores nos congressos que se sucedem na capital húngara ou para os 15 milhões de estrangeiros que visitam anualmente a Hungria.

Para os outros, resta a solução de ir aumentar o número de táxis privados que permitiram a Budapeste resolver um problema de transporte tradicional nos países socialistas.

O desenvolvimento da segunda economia — a das pequenas empresas, do comércio e dos serviços do Estado, cooperativos ou privados — tenta responder às novas necessidades, bem mal.

A legislação sobre as divisas foi amenizada e cada húngaro pode possuir 200 dólares, que utiliza à sua vontade nas «free shops» reservadas anteriormente aos turistas estrangeiros.

A capital húngara coloca-se, ela própria, no diapasão e torna-se bela: a renovação do bairro histórico de Buda, à volta do bastião dos pescadores, está quase terminada, as fachadas dos edifícios das grandes avenidas estão rebocadas e os curiosos deambulam, maciçamente, durante a tarde, em frente às novas montras apresentadas com gosto no bairro reservado a peões da famosa Vaci Utca.

Mas, sobretudo, o que mais surpreende o visitante ocidental é a atmosfera da capital húngara, que lhe faz esquecer que transpôs a «cortina de ferro»: os engarrafamentos do fim-de-semana, uma polícia discreta, a ausência quase total de bandeiras vermelhas ou de palavras de ordem na rua e absolutamente nenhum retrato dos dirigentes do País.

«A imagem da sua primeira rainha de beleza, os húngaros cuidam do seu corpo e do seu aspecto exterior, ao ponto de um dos principais assuntos de conversa neste Verão ter sido a autorização ou não do nudismo e do «top-less» nas praias do País: os habitantes de Budapeste lançam-se à conquista do sol e do ar puro, que entrou em suas casas pelo pequeno écran.

Dentro em breve, poderão vestir-se na nova loja Pierre Cardin, envergar calças de ganga levy Strauss fabricadas na Hungria e fumar uma nova marca de cigarros, «Phillip Morris»: são estas as últimas novidades da capital húngara. A vigilância ocidental tem por vezes, limites inesperados: assim, a firma Mac Donald não recebeu autorização para se instalar em Budapeste, tendo sido avançado o motivo, oficial, de que os seus hamburguers não correspondem «às necessidades e aos hábitos do estômago magiar».

Por último, Budapeste viveu este Verão uma grande estreia cultural, com uma «ópera-rock» ao ar livre sobre o tema histórico do reinado do Rei Santo Estevão, símbolo da unidade da Hungria.

Contudo, despreocupação não significa inconsciência: os últimos aumentos de preço dos produtos de base (pão, açúcar, azeite) confirmaram uma sondagem sobre a preocupação dos húngaros no que diz respeito ao seu nível de vida e às dificuldades económicas do seu país.

Mas os húngaros receiam, antes do mais, um regresso à guerra fria, que poderia pôr em causa essa qualidade de vida adquirida depois de numerosos anos de esforços e de diplomacia. Ninguém se engana em Budapeste: a Hungria faz parte do campo socialista.

Bertrand Rosenthal, da AFP

Para garantir a recuperação global

Dolorosas reformas económicas

— receita do Presidente do Banco Mundial

O presidente do Banco Mundial, A. W. Clausen, pediu aos líderes dos países industrializados e em vias de desenvolvimento que actuem, agora, de forma a garantir que a recuperação económica global seja prolongada e não de curta duração.

Discursando na sessão inaugural da trigésima oitva Assembleia anual do Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial, Clausen sublinhou ser necessário um empenhamento firme da comunidade internacional.

«Não é que não saibamos quais as acções que é necessário tomar. Nós sabemos quais são. Não é que não tenhamos os instrumentos para fazer o trabalho. Nós temo-los. O que falta é um empenhamento firme da parte da comunidade internacional para agir enquanto ainda temos aberta a janela da oportunidade» – sublinhou Clausen.

O presidente do Banco Mundial recomendou a criação de condições que permitam aos países em desenvolvimento realizar as necessárias e muitas vezes dolorosas reformas económicas, sem as quais não se poderá voltar a um crescimento apoiado.

«Isso significa» – sublinhou Clausen – «um adequado fluxo de recursos externos para os países em vias de desenvolvimento numa base apoiada».

A. W. Clausen recomendou, também, a eliminação das medidas proteccionistas adoptadas durante a recente recessão, considerando que o proteccionismo «é um cancro que tem de ser eliminado».

O presidente do Banco Mundial advertiu no entanto que «só o comércio nunca gerou, nem nunca gerará, recursos suficientes» para o crescimento dos países em vias de desenvolvimento.

«Eles sempre necessitaram de um firme fluxo de capitais externos. E sem um fluxo contínuo, o ritmo de desenvolvimento não pode voltar a ser apanhado.»

Para Clausen é também necessário um grande esforço da comunidade internacional para utilizar a sua capacidade de acelerar o crescimento dos países de menores recursos e diminuir a sua pobreza.

«A procrastinação tem de acabar. E tem de acabar agora. A crise económica das nações mais pobres é uma bomba de relógio a funcionar e demoramos a despoletá-la a nosso próprio risco» – afirmou Clausen.

O presidente do Banco Mundial recomendou, ainda, um aumento no auxílio oficial ao desenvolvimento, que não tem aumentado desde 1980.

Clausen sugeriu que todos os governos se interroguem «sobre se cada milhão de dólares a mais em gastos militares contribui a longo prazo para a segurança global tanto como cada milhão de dólares a mais investido no desenvolvimento económico do Terceiro Mundo».

Voltando aos instrumentos disponíveis para apoiar uma recuperação económica global, A. W. Clausen afirmou que as instituições que fazem parte do Banco Mundial são subutilizadas.

O presidente do Banco Mundial sublinhou o papel crucial que a Associação Internacional de Desenvolvimento tem a desempenhar, sublinhando que 90 por cento dos seus fundos vão para países de baixos rendimentos.

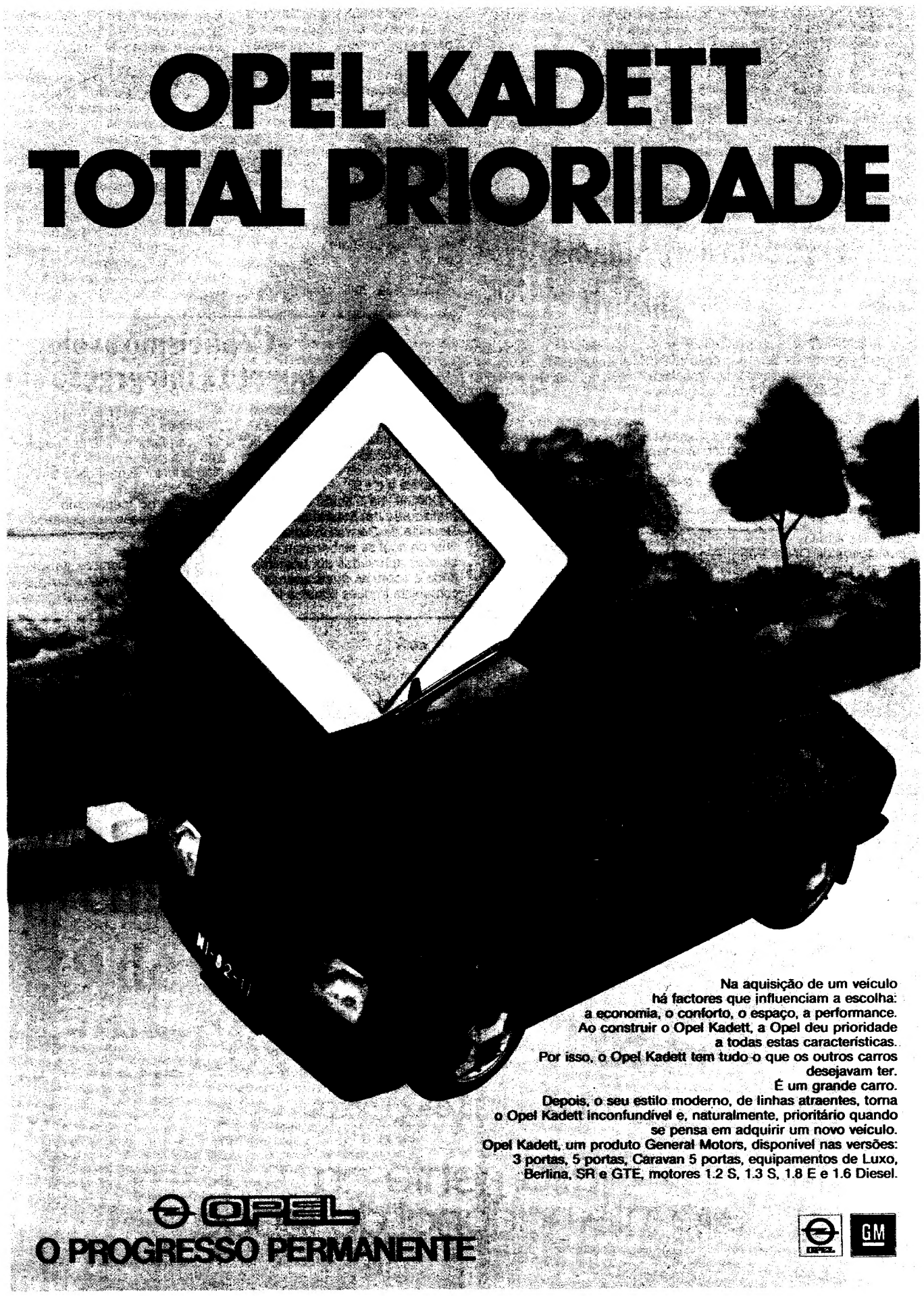
A. W. Clausen destacou, também, os empréstimos concedidos pelo Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento, que se elevaram a 11.100 milhões de dólares, mais 8 por cento do que no exercício de 1982, mas sublinhou que o BIRD necessitará «a longo prazo de um substancial aumento de capital».

O papel do sector privado em ajudar os países em desenvolvimento a recuperar o ritmo de crescimento é cada vez mais importante, segundo afirmou Clausen, que destacou o aumento crescente de recursos e serviços da corporação financeira internacional, afirmando no entanto que só poderá haver uma resposta adequada com um aumento do capital de base da CFI.

«É essencial que o BIRD, a AID e a CFI continuem a crescer e a participar nas respostas às necessidades diversas de um mundo em transformação.»

O presidente do Banco Mundial afirmou aos delegados que os destinos destas instituições «estão nas vossas mãos» e concluiu:

«As vidas de centenas de milhões de pessoas no Terceiro Mundo serão afectadas, para o bem ou para o mal, pelo destino que escolherem para estas instituições. E têm que escolher, e escolher bem. Sei que o farão.»



Automóvel Clube acusa o Governo de "apetite voraz"

O Automóvel Clube de Portugal considera que o Governo, ao aplicar mais dois impostos sobre o sector automóvel, prossegue a política de executivos anteriores, mas «dá mostras de apetite bem mais voraz».

Em comunicado ontem distribuído, o ACP lamenta que o Governo tenha aplicado as medidas «esquecendo totalmente o tão prometido diálogo», ao ponto de a maior associação portuguesa de consumidores, o ACP, nem sequer ter sido previamente consultada.

O ACP afirma que o agravamento do imposto de venda proporcionará ao Governo maiores receitas por unidade vendida, mas não maiores receitas globais, devido à diminuição do número de veículos vendidos.

Acrescenta o ACP que por esta via o Governo conseguiu atingir o seu objectivo de desincentivar o consumo, mas salienta que «impedindo a aquisição de automóveis novos, o Governo fomenta uma muito maior importação de peças, indispensáveis à reparação e manutenção domais velho parque automóvel europeu».

«Por outro lado — acrescenta — porá em risco a laboração de numerosas linhas de montagem existentes em Portugal e de toda a estrutura de vendas que lhes está subjacente provocando inevitavelmente, também nesta área, o desemprego».

Quanto ao imposto especial sobre carros com maiores cilindradas, o ACP considera que se trata de «uma acção demagógica pois nos últimos cinco anos o número de veículos aos quais se aplicará este imposto representa apenas 10 por cento do total e inclui praticamente todos os táxis e veículos de aluguer.

O ACP recorda, ainda, que desde que foi empossado este Governo determinou aumentos de preços dos combustíveis, dos prémios de seguros e das portagens.

«Agora — conclui o Automóvel Clube de Portugal — vêm mais dois impostos sem que nem a ínfima parte deles se destine à reparação das estradas a fim de aumentar a sua segurança, diminuir o número de acidentes, melhorar o escoamento da circulação assegurar uma mais eficaz conservação dos veículos, que tão caros são».

Técnicos da EFTA apreciaram em Tomar projectos de desenvolvimento industrial

O secretário de Estado da Industria presidiu, ontem, em Tomar, ao almoço de encerramento da décima oitava reunião da Comissão Directiva do Fundo EFTA para o Desenvolvimento Industrial de Portugal.

Carvalho Carreira, que representava Veiga Simão, ministro da Indústria e Energia, contactou, assim, com os 40 participantes dos sete países contribuintes do Fundo (Áustria, Finlândia, Islândia, Noruega, Portugal, Suécia e Suíça).

O director das Relações Públicas do Banco de Fomento Nacional disse à ANOP que, na reunião, foram aprovados dois empréstimos, num total de 190 milhões de escudos, a duas unidades industriais portuguesas.

Teixeira Mota acrescentou que foi também apreciada a actividade do Fundo neste sexto ano de mandato e, por outro lado, preconizadas as perspectivas de actuação no exercício em curso.

Os elementos da Comissão Directiva avroveitaram a oportunidade para visitar diversos empreendimentos industriais localizados em Almeirim, Marinha Grande e Tomar.

O Banco de Fomento Nacional e o seu conselho de gestão, na qualidade de Comissão Executiva, pretenderam, desse modo, identificar a Comissão Directiva do Fundo EFTA com projectos específicos que possam contribuir para o desenvolvimento da indústria portuguesa, designadamente nos sectores das transformadoras, extractivas, agricultura, pescas e serviços produtivos.

Os trabalhos iniciados terça-feira contaram com a presença do secretário-geral adjunto da EFTA e foram dirigidos por João Salgueiro, presidente da Comissão Executiva do Fundo EFTA, instituição que é representada em Portugal pelo conselho de gestão do Banco de Fomento Nacional.

A jornada de encerramento registou, também, a participação de representantes diplomáticos, acreditados em Lisboa, agregados às delegações dos respectivos países.

A Comissão Directiva do Fundo EFTA reúne pelo menos uma vez por ano em Portugal, e sempre em regiões diferentes.

Orçamento espanhol prevê aumento de 20% nas despesas

O Orçamento espanhol para 1984 apresenta um défice de 1,3 biliões de pesetas, o que representa 5,5 por cento do Produto Interno Bruto e uma diminuição de 0,5 por cento do PIB em relação ao orçamento deste ano.

Entregue no Congresso de Deputados com duas semanas de antecedência em relação ao prazo previsto, o Orçamento prevê despesas de 8,4 biliões de pesetas, incluindo a Segurança Social.

Os números globais do Orçamento representam um aumento de 20 por cento em relação ao Orçamento deste ano e prevêem diminuições nas contribuições empresariais para a Previdência Social, com a finalidade de estimular a criação de novos postos de trabalho.

O Governo pensa aumentar as receitas fiscais, prevendo mais 25 por cento nos impostos directos e mais 24 por cento nos impostos indirectos.

No seu conjunto, a pressão fiscal para 1984 deverá aumentar 1,03 por cento em relação ao ano anterior.

As previsões macroeconómicas que acompanham o projecto de Orçamento Geral do Estado são um aumento de 0,5 do consumo privado, 2,5 do consumo público, procura interna 1,5 por cento, exportação de bens e serviços 8,5 por cento, importação 3 por cento, crescimento do produto interno bruto 2,5 por cento e inflação de 8 por cento.

Os aumentos salariais dos funcionários públicos serão de 6,5 por cento.

Os investimentos públicos em 1984 serão de 1,15 biliões de pesetas, o que representa um aumento de 13,9 por cento em relação a 1983.

Alguns dos programas de investimento prioritário são, por esta ordem, reconversão industrial, investigação e desenvolvimento tecnológico, fomento à exportação, electrónica, turismo e bibliotecas.

Dois milhões e meio para empresas participadas

Cerca de dois milhões e meio de contos vão ser libertados do Orçamento Geral do Estado 1983 para seis empresas em que o Estado tem participações sociais. Destinadas ao aumento do capital estatutário, estas verbas, previstas no OGE na rubrica global de 17 milhões de contos de dotação para as empresas públicas, será gerida pelo Instituto de Participações do Estado e os critérios de distribuição encontram-se publicados no Suplemento ao «Diário da República» de 1 de Setembro, só hoje distribuído.

A Brisa-Auto-estradas de Portugal é a mais beneficiada nesta dotação de capital, com um milhão e 368 mil contos, parte visando o saneamento financeiro e cobrir investimentos realizados em anos anteriores (971,7 milhões de contos) e parte para investimento no ano corrente (397,1 mil contos).

As outras cinco empresas que vão receber dotações de capital são a Interagro (30 mil contos), a Sorefame (257,6), a Cometna (239,5), a Funfrap (128,3), a Renault Portuguesa (430,6) e a Renault Gest (12,9).

O Estado deve milhões à construção civil

A administração central, as câmaras e as empresas públicas devem às empresas de construção civil muitos milhões de contos – afirma-se num comunicado da Associação Nacional dos Empreiteiros de Obras Públicas, divulgado ontem.

Esta associação afirma que «quanto ao pagamento das dívidas é incompreensível que, fixando os contratos de empreitada inequivocamente quais os prazos e modalidades de pagamento, se utilize abusivamente todo um conjunto de complexos artifícios burocrático--administrativos que conduzem na prática ao protelamento por muitos meses e até anos dos respectivos pagamentos e correspondentes juros de mora».

Estes atrasos são considerados pela Associação Nacional dos Empreiteiros de Obras Públicas como um dos principais responsáveis pela situação de crise que se vive no sector e que poderá levar em breve a uma onda de falências e ao aumento do desemprego.

Cepticismo avoluma-se quanto à integração europeia

A Comissão Mista Parlamento Europeu-Cortes Gerais de Espanha manifestou publicamente a sua preocupação pelo atraso nas negociações da adesão de Espanha à CEE.

Durante os últimos três dias, realizou-se em Madrid a Sétima Reunião da Comissão Mista, no final da qual se elaboraram conclusões aprovadas por unanimidade e sobre as quais apenas o comunista francês Maurice Martin mostrou algumas reservas.

Nessas conclusões, a Comissão constata os efeitos negativos que está a provocar na opinião pública espanhola o atraso da integração na CEE, que se expressa no cepticismo crescente em relação aos benefíos e interesses da adesão.

Afirma-se que os aspectos económicos e técnicos da adesão não devem constituir um pretexto para atrasar as negociações assim como também não devem sê-lo as dificuldes inters que a comunidade atravessa.

A Comissão Mista expressa o fervoroso sejo de que a Comunidade possa encontrar na reunião do Conselho Europeu, em Atenas soluções para os seus poblemas internos, de modo a que a adesão espanhola possa verifiacr-se no prazo mais breve possível.

intercasa
SALÃO INTERNACIONAL DO MOBILIÁRIO, ILUMINAÇÃO E DECORAÇÃO
30 SET./9 OUT. 1983
horário: das 15 ás 23 horas
diáriamente na feira internacional de lisboa

MUNICÍPIO DE ALMADA
CÂMARA MUNICIPAL

AVISO

Torna-se público que em sessão da Câmara de 16 do corrente foram aprovadas as listas de classificação definitiva dos requerentes ao concurso para atribuição de licenças para a EXPLORAÇÃO DA INDÚSTRIA DE TRANSPORTES DE ALUGUER EM VEÍCULOS LIGEIROS DE PASSAGEIROS:

Foram atribuídas já seis licenças.

Os interessados poderão consultar as listas e o respectivo Edital afixados nos Serviços Camarários na Rua Conde Ferreira em Almada, nas sedes das juntas das Freguesias e em outros locais do estilo.

Almada, 23 de Setembro de 1983

O Presidente da Câmara Municipal de Almada

José Martins Vieira

Estreia da agência norte-americana entre nós

AID propõe-se levar à Guarda melhor aproveitamento energético

O ministro da Administração Interna, Eduardo Pereira, presidiu ontem na Guarda ao acto de assinatura do protocolo de um plano de investimento norte-americano nesta cidade.

O referido plano, patrocinado pela Agência Internacional de Desenvolvimento (AID), é avaliado em 150 mil dólares e vai ser realizado em colaboração com a Tennessee Valley Authority (TVA) dos Estados Unidos.

O projecto, denomindo MEREC (Gestão Eficiente da Energia e Recursos da Cidade) visa o estudo e implementação de acções no campo da racionalização da utilização energética e de outros recursos da cidade da Guarda.

Manuel Porto, presidente da Comissão de Cordenação da Região Centro (CCRC), que participou no acto, disse que a escolha da Guarda se deve a razões objectivas d dimensão e expansão da cidade.

Frisou que se pretende que o MEREC seja um projecto demonstrativo para o estudo dos recursos energéticos como possibilidade de aplicação em outras cidades, sobretudo da Região Centro.

O ministro da Administração Interna, Eduardo Pereira, disse, a propósito deste acordo, que ele significa a descentralização do Poder Central.

Na ocasião afirmou que o Poder Local vai ser reforçado, institucionalizado e descentralizado.

O director da AID, Michael Lucomsky, afirmou que é a primeira vez que a «Agência Internacional para o Desenvolvimento celebra um protocolo em Porugal neste capítulo e neste caso com a autarquia da Guarda». Salientou os laços de cooperação existentes entre os Estados Unidos e Portugal.

Depois de classificar a realização do projecto MEREC como uma acção importante, Lucomsky disse poder vir a contribuir, com os estudos a realizar, para a aplicação em outros locais.

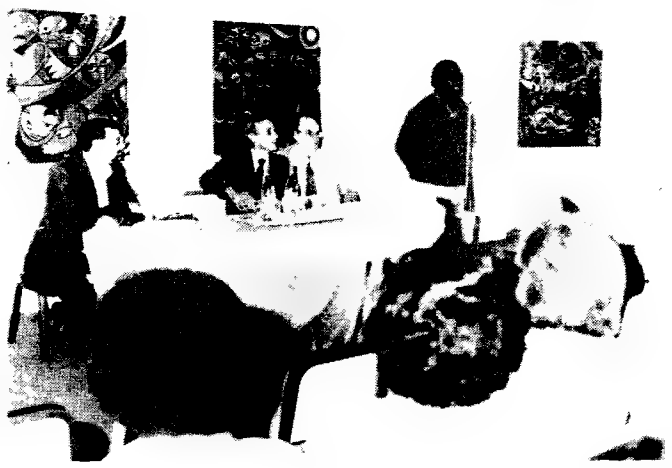
Realçou o carácter universal do projecto actualmente em execução ainda nas Filipinas e Tailândia.

Abílio Curto, presidente da Câmara Municipal da Guarda, referiu-se a uma mensagem do ministro da Indústria, Veiga Simão, também deputado eleito pela Guarda, que disse apoiar a execução do MEREC.

Nos Paços do Concelho da Guarda, Eduardo Pereira presidiu também à assinatura de um protocolo entre a Comissão de Coordenação da Região Centro e as edilidades de Manteigas, Sabugal e Guarda.

O acordo visa a instalação na Guarda de um laboratório de ensaio de materiais, betões, solos e pavimentos.

Este organismo vai funcionar junto do Gabinete de Apoio Técnico (GAT) da Guarda.



O pintor Malangatana fazendo a sua comunicação na reunião/convívio de autores portugueses e moçambicanos

Artistas portugueses ajudam autores moçambicanos

Dando seguimento à programação da «Semana de Moçambique no Estoril» teve anteontem lugar, na Galeria de Arte do Casino Estoril, uma reunião-/convívio que registou a presença de muitas individualidades ligadas às artes e às letras dos dois países, nomeadamente Malangatana, pintor, Eugénio de Lemos, pintor e director do Museu Nacional de Moçambique, Calane da Silva, vice-presidente da Associação dos Escritores de Moçambique, Mário de Oliveira, pintor e crítico de artes plásticas. Manuela de Azevedo e dr. Rui Mário Gonçalves, críticos de artes plásticas, os artistas João Ayres, Francisco Relógio, Garizo do Carmo, José Júlio, Silva Vieira, Ló, Ema Berta, Fernando Martins, Arnaldo Figueiredo, Bento d'Almeida, Gisella Santi, António Pinheiro, Fernando Calhau, Brito Leite e Álvaro Passos entre outros.

Após breves comunicações feitas pelos pintores Malangatana e Eugénio de Lemos e ainda pelo jornalista, poeta e escritor Calane da Silva nas quais a técnica foi posta nas dificuldades dos criadores moçambicanos por falta de material, foi sugerida pelo pintor Mário de Oliveira a realização de uma exposição-/venda de obras de autores portugueses, na Galeria de Arte do Casino Estoril, cujo produto reverteria para a aquisiçõ de material a oferecer aos artistas plásticos de Moçambique.

Esta sugestão, que teve a máxima adesão dos presentes e o apoio do dr. Manuel Telles que presidiu a este encontro, começará a ser viabilizada por um grupo de trabalho que integra os pintores Mário de Oliveira, Francisco Relógio, Garizo do Carmo, João Ayres e Barros.

Esta reunião/convívio na qual se abordaram temas de muita actualidade, resultou em franca troca de impressões que puseram em destaque o espírito de cooperação e amizade existente ao nível dos artistas e literatos de Portugal e Moçambique.

Seguiu-se uma animada merenda com produtos da gastronomia moçambicana.

Libertados pela UNITA

Portugueses chegaram ontem a Joanesburgo

Trinta e cinco cidadãos portugueses libertados pela UNITA chegaram ontem a Joanesburgo, devendo partir para Lisboa ainda esta semana, apurou a ANOP junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A mesma fonte precisou ainda que o grupo é integrado por 21 pessoas – seis crianças, cinco mulheres e dez homens – cujas identidades ainda não eram conhecidas em Lisboa.

A UNITA informara que tinham sido libertadas as 35 pessoas e entregues à Cruz Vermelha Internacional, admitindo-se que alguns delas não tenham comprovadamente a nacionalidade portuguesa.

Os portugueses foram recebidos no aeroporto de Joanesburgo, onde chegaram num avião da Cruz Vermelha Internacional, por funcionários do consulado de Portugal.

Recorde-se que o grupo de portugueses mais recentemente libertados pela UNITA (15 pessoas), chegou a Lisboa há cerca de três meses, sabendo-se que nas última semanas foram capturados mais alguns portugueses.

Portugueses libertados em Moçambique

Dois portugueses há mais de sete meses capturados pela Resistência Nacional Moçambicana foram libertados «em meados deste mês» pelas forças armadas de Moçambique, soube a ANOP em Maputo.

Os portugueses, Eduardo Regado Ribeiro, 45 anos, comerciante, e Bino Bhay, técnico de contas da direcção provincial de indústria e energia, foram libertados na sequência de um assalto a uma base da RNM, na província de Inhambane.

De acordo com as informações obtidas em Maputo, Eduardo Ribeiro, que também é criador de gado, foi capturado em 27 de Dezembro de 1982 entre as localidades de Magude e Panjane quando conduzia um camião que transportava produtos alimentares e artigos para abastecimento.

O segundo português agora libertado, residente em Inhambane, fora capturado em 2 de Janeiro deste ano, juntamente com a sua mãe, quando seguia na estrada que liga Massinga a Morrumbene, quando regressava de automóvel de um funeral de um seu familiar.

Os dois portugueses foram apresentados à Imprensa e contaram os maus tratos e a fome que sofreram e as longas caminhadas que foram obrigados a fazer sob ameaças de morte.

Eduardo Ribeiro disse que o chefe do grupo que os prendera, depois de uma reza, afirmou que «os espíritos» lhe disseram que «todos os portugueses tinham de ser presos, pois Portugal estava a cooperar com Moçambique».

CAMPANHA MUNDIAL PELO DESARMAMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS

Campanha Nacional de Desarmamento:
30 de Setembro-31 de Outubro

Semana do Desarmamento:
24 a 31 de Outubro

ENCONTRO PLENÁRIO NACIONAL
Aberto ao público

5.ª feira, 29 de Setembro

Rua Almirante Barroso, 3, Lisboa (ao Largo de D. Estefânia)

20.30 h

Primeira projecção em Portugal do excepcional filme japonês PROFECIA, do realizador Susumu Hani, consagrado à tragédia de Hiroshima e Nagasaki.

21.30h - 24 h

Debate

1 – A guerra nuclear: o maior perigo, o maior inimigo da Humanidade. Doutrinas estratégicas e corrida aos armamentos. Acção da opinião pública e dos movimentos pela Paz.

2 – Iniciativas de apoio, em Portugal, à CAMPANHA MUNDIAL PELO DESARMAMENTO das Nações Unidas.

Marchas da Paz 83: 29 de Outubro

Associações promotoras: Associação dos Amigos dos Países Árabes, Associação para a Cooperação com as Nações Unidas em Portugal, Associação dos Inquilinos Lisbonenses, Associação Portuguesa de Deficientes, Associação Portuguesa de Escritores, Associação Portuguesa de Teatro Amador, CIDAC, Centro Ecuménico de Reconciliação, CGTP-IN, Comissão de Paz de Lisboa, Coordenadora Nacional das CT's das Empresas do Sector de Seguros, Conselho Português para a Paz e Cooperação, Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, Juventude Operária Católica, Liga Operária Católica, MDM, Movimento «Não às Armas Nucleares em Portugal», Organização dos Trabalhadores Científicos, Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, Sociedade Portuguesa de Autores, União Coordenadora Nacional dos Organismos de Deficientes, União dos Resistentes Antifascistas Portugueses, União dos Sindicatos de Lisboa, União dos Sindicatos de Setúbal

Signatários do Apelo: Abranches Ferrão, Alcina Bastos, Almeida Carrapato, Álvaro Rana, Aníbal Aquilino Ribeiro, Dep. Anselmo Aníbal, António Arnaut, António Galhordas, António Lobo Antunes, António Macedo, António Paulouro, António Silveira, António Teodoro, Araújo Sequeira, Armando de Castro, Armando Cotta, Arsénio Nunes, Artur Cunha Leal, Artur Ramos, Augusto Sobral, Barahona Fernandes, Beatriz Ruivo, Beja Santos, Bellíni Jara, Bragança Gil, Cardoso Pires, Carlos Candal, Cor. Carlos Vilhena, Cesário Borga, Corino de Andrade, Costa Leal, Cunha Serra, Daniel Ricardo, Dieter Dillinger, Pastor Dimas de Almeida, Domingos Moura, Edite Soeiro, Emídio Guerreiro, Emídio Martins, Esteves Belo, Eugénio de Andrade, Eunice Muñoz, Fernando Loureiro, Fernando Piteira Santos, Fernando Sylvan, Florival Lança, Marechal Francisco da Costa Gomes, Frederico de Carvalho, Gualter Basílio, Dep. Helena Cidade Moura, Dep. Igrejas Caeiro, Inácio Peres Fernandes, Jacinto Prado Coelho, Joaquim Seabra Diniz, Jorge Feio, Dep. Jorge Patrício, José Barata Moura, José Gomes Ferreira, José Luís Judas, José Magalhães Godinho, Dep. José Manuel Tengarrinha, Dep. José Manuel Mendes, José Morgado, Dep. José Rodrigues Vitoriano, José dos Santos Veiga, José Saramago, José Soares Martins, José Vacondeus, Justino Morais, Leonor Santa Rita, Lopes Graça, Ludgero Pinto Basto, Luís Francisco Rebelo, Luís Moita, Luzia Maria Martins, Manuel Ferreira, Manuel da Fonseca, Manuel Lopes, Padre Manuel Vilas Boas, Maria Judite de Carvalho, Maria Lamas, Maria Lúcia Lepecki, Maria Ondina Braga, Maria Tereza Horta, Maria Velho da Costa, Dep. Mário Aguiar, Mário Dionísio Mário Murteira, Mário Neves, Modesto Navarro, Moradas Ferreira, Morais e Castro, Natália Correia, Norberto Lopes, Nuno Grande, Nuno Teixeira Neves, Nuno Teotónio Pereira, Orlando de Carvalho, Óscar Lopes, Otílio Figueiredo, Pedro Vieira de Almeida, Pinto Correia, Rui Grácio, Ruy Luís Gomes, Rui Mário Gonçalves, Sérgio Carvalhão Duarte, Sérgio Godinho, Sérgio Vilarigues, Silas Carqueira, Souto Teixeira, Padre Telles Sampaio, Teresa Dias Coelho, Túlio Espanca, Urbano Tavares Rodrigues, Vasco de Castro, Vasco da Gama Fernandes, Virgínia Moura, etc., etc.

24 horas

Bomba no Clube Militar de Paris

Foi perpetrado hoje, cerca das 5.00 horas locais, um atentado com explosivos contra o Clube Militar de Paris, que fez apenas estragos. A bomba, que explodiu em frente à porta do edifício, partiu numerosos vidros. O atentado foi reivindicado pouco tempo depois pelo grupo «Acção Directa», numa mensagem endereçada à AFP.

Suíça termina boicote à «Aeroflot»

O boicote da Suíça às ligações aéreas com a União Soviética, decidido no passado dia 14, pelo Conselho Federal Helvético, durante duas semanas, terminou às 24.00 horas de quarta-feira, anunciou o Departamento Federal da Aviação Civil em Berna. Os voos entre os dois países recomeçaram a partir dessa hora e os aviões da «Aeroflot» estão de novo autorizados a sobrevoar o território da Suíça, precisou o Departamento Federal num telegrama enviado à companhia aérea soviética.

Pilhagem no Brasil

Vinte e uma pessoas, entre as quais seis menores de 18 anos, foram detidas depois da pilhagem, ontem, de 16 supermercados e lojas de produtos alimentícios de São Paulo, soube-se de fonte oficial. Todas as pessoas presas estão desempregadas, declarou ontem à noite o Governador de S. Paulo, Franco Montoro, membro do Partido e do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB, oposição), na altura em que estava presente o chefe do Estado brasileiro, João Baptista Figueiredo, que se encontrava de visita à cidade.

Eleições no Quénia

Quarenta por cento dos lugares do Parlamento queniano serão renovados, segundo resultados ainda provisórios das eleições realizadas segunda-feira, revelaram fontes do Governo de Nairobi. Dos 158 lugares do Parlamento, e sem contar com cinco que foram proclamados no mês passado por não terem entrado na campanha eleitoral e seis designados directamente pelo presidente Arap Moi, 57 dos restantes 147 deputados foram eleitos à primeira volta. O índice de abstenções foi de 45 por cento contra 67 por cento registado nas eleições anteriores, há quatro anos. Os 760 candidatos que se apresentaram à corrida eleitoral eram todos membros do partido único nacional, União Nacional Africana do Quénia (UNAK).

Baixas na UNITA

O Exército angolano destruiu um acampamento da UNITA a 25 quilómetros da localidade de Seles, província de Kwanza-Sul, tendo causado 19 baixas aos rebeldes – informou hoje a ANGOP. A agência refere que a acção ocorreu há dez dias e que cinco soldados do Exército ficaram feridos, enquanto dezenas de pessoas mantidas na base foram resgatadas.

Naufrágio no Lago Nicarágua

Cerca de 80 pessoas terão morrido na quarta-feira de manhã no incêndio, ocorrido no Lago Nicarágua, de uma barca, a «Santa Elena», que realizava uma ligação interna entre as localidades de San Carlos (sul do Lago) e Granada no norte, soube-se na quarta-feira à noite de fonte informada. Trinta passageiros salvaram-se, dos 120 que a Santa Elana transportaria. As buscas prosseguiram durante a noite.

Oficial da polícia assassinado

Um oficial da polícia foi morto esta manhã perto do Templo de Ouro de Amritsar, a cidade santa dos Sikhs (Pendjab, noroeste da Índia), por dois desconhecidos, anunciou a agência indiana (PTI). Trata-se do segundo assassínio de um responsável da polícia cometido esta semana no Pendjab, um Estado onde os militantes Sikhs reivindicam uma maior autónomia política.

Tufão mata no Japão

Morreram 16 pessoas, 73 ficaram feridas e vinte são dadas como desaparecidas, devido à passagem do tufão «Forrest» pelas regiões ocidental e central do Japão, segundo um balanço da polícia, estabelecido hoje. O tufão desencadeou chuvas torrenciais, que inundaram mais de 36 mil casas. Foram registados estragos em 38 prefeituras.

Explosão no Bantustão de Ciskei

Uma explosão danificou ontem a residência do vice-ministro da Defesa do Bantustão do Ciskei, reverendo Ntchinga – anunciou a estação emissora da África do Sul. A mesma rádio acrescentou que várias bombas de petróleo foram arremeçadas para a residência, mas nem todas provocaram prejuízos no edifício. As explosões surgem na sequência de várias outras ocorridas em Agosto, em diversas residências de simpatizantes do Governo do Ciskei.

Encontro internacional antibelicista

O encontro internacional de organizações sociais contra a guerra terminou ontem, em Genebra, depois de três dias de trabalhos no Palácio das Nações. Durante a reunião, cerca de 150 delegados de 18 países dos cinco continentes analisaram a tensa situação existente no Mundo e aprovaram uma série de medidas concretas tendentes a afastar a ameaça de guerra nuclear que paira sobre a Humanidade.

"Para defender a bandeira espanhola"

General na reserva apela à sublevação militar

O general na reserva Francisco Casalduero Marti, de 76 anos, convidou ontem publicamente os militares do activo – «simples soldados ou generais no comando de grandes unidades» – a usar as suas armas para defender a bandeira espanhola.

Em artigo assinado publicado no jornal de extrema-direita «El Alcazar», o general Casalduero cita abundantemente as Ordens Reais, que regulamentam a vida militar e têm, lembra, força de lei, para afirmar que o Exército é um «quarto poder» do Estado, «ao mesmo título que os poderes legislativo, executivo e judicial».

A tese deste militar faz eco da exposta há duas semanas num semanário pelo tenente-general Fernando Soteras, que o Governo socialista logo destituiu do cargo de capitão-general da Sétima Região Militar (Valladolid).

Baseando-se no Artigo 18 das Ordens Reais – «a instituição militar é encarregada de guardar, honrar e defender a bandeira, símbolo da pátria e da sua unidade» – o general Casalduero considera que quando esse símbolo é atacado, alusão à «guerra das bandeiras» no País Basco, «o momento de recorrer às armas chegou».

O general Casalduero considera que cada um dos «quatro poderes cardeais» do Estado deve ser exercido segundo as tarefas que são as suas e os poderes de que dispõe. Conclui que «o recurso à acção violenta», tratando-se de defender a bandeira, é da competência das forças armadas.

No caso concreto de uma bandeira ilegalmente retirada da frontaria de um edifício público ou queimada, qualquer militar testemunha de uma tal agressão, mesmo que seja simples soldado, tem o dever de usar as suas armas, após intimação, afirma o general.

Na primeira página «El Alcazar» anuncia além disso que seis bandeiras foram queimadas, na véspera no País Basco espanhol durante diversas manifestações organizadas por independentistas.

A publicação deste artigo do general Casalduero coincidiu, como havia já sido o caso com a entrevista do general Soteras em 14 de Setembro, com uma reunião do gabinete presidido pelo chefe do governo, Felipe Gonzalez.

No Ministério da Defesa, soube-se de boa fonte, o texto do artigo do general Casalduero foi objecto de um exame atento, mas sublinhava-se nesse Ministério que a avançada idade desse militar e sua situação na reserva tornavam o seu caso menos grave que o do general Soteras.

Compromisso na «guerra dos catecismos»

O conflito que opõe o governo e a hierarquia eclesiástica espanhola, a propósito dos catecismos escolares, encaminhava-se ontem para uma solução permitindo a utilização, sem retoques, dos livros contestados, soube-se em Madrid.

Em contrapartida, os bispos comprometeram-se a acolher as «sugestões pedagógicas» do governo socialista sobre o assunto, indicava-se de fonte eclesiástica.

O último comunicado do Secretariado da Comissão Episcopal do Ensino indica que os 200 mil catecismos, cuja utilização tinha sido proibida na última sexta-feira pelo governo, «poderão ser utilizados sem sanções nem dificuldades de espécie alguma». O texto precisa que foram dadas garantias nesse sentido às autoridades eclesiásticas durante a entrevista Igreja-Governo.

Contactado pela AFP, o Ministério da Educação recusou-se a confirmar oficialmente tais informações, indicando apenas que os catecismos continuam a não ser autorizados, visto que não receberam autorização legal prévia, devido à comparação que neles é feita entre aborto e terrorismo.

É quase certo que o governo, ao mesmo tempo que manterá formalmente a proibição, irá renunciar a mandar fazer inspecções nas escolas para a fazer aplicar, o que equivalerá a uma autorização «de facto» dos textos litigiosos, indica-se de boa fonte.

«O governo vai fechar os olhos», concluiu o presidente da Comissão Episcopal do Ensino, mons. Elias Yanes.

Em contrapartida, o Episcopado comprometeu-se a «acolher com a maior consideração as sugestões pedagógicas» formuladas pelo governo, indica o comunicado.

O teor dessas sugestões não foi precisado. O porta-voz do governo indicou apenas que elas deverão ter em conta a idade das crianças (10 e 11 anos) às quais os catecismos se destinam.

O comunicado do Episcopado indica contudo, por seu lado, que os bispos só transmitirão aos professores as orientações em questão – «que não alterarão o conteúdo dos textos» – «quando tiver sido obtida a autorização governamental».

«Penso que não há um vencedor, porque não se tratava de uma guerra», declarou ontem o presidente da Conferência Episcopal, mons. Gaino Diaz Merchan.

Segundo os observadores em Madrid, trata-se, quando muito, de uma escaramuça e de uma observação, antes da verdadeira batalha Igreja-Estado, que se iniciará dentro das próximas semanas nas Cortes (Parlamento) e perante a opinião pública, sobre a despenalização do aborto.

Líbano

Atrasos no cessar-fogo

Três dias após a paragem dos combates no Líbano, as medidas concretas que devem permitir consolidar o cessar-fogo continuam a fazer-se esperar, atrasando as decisões políticas que deverão abrir caminho para um Congresso Nacional de Reconciliação e a formação dum Governo de união nacional.

O Comité Militar, que reúne o exército libanês e os principais beligerantes libaneses: «Forças libanesas» (milícias cristãs unificadas), «Frente de Salvação Nacional» (compreendendo nomeadamente Walid Jumblatt, chefe do Partido Socialista Progressista) e o movimento chiita «Amal», teve a sua primeira reunião ontem em Khalde (entrada sul de Beirute).

Segundo um comunicado oficial, o Comité reuniu-se durante duas horas «cada parte manifestando o seu ponto de vista com toda a franqueza». «A consolidação do cessar-fogo, a retirada dos elementos estrangeiros» da montanha libanesa e a instalação do exército libanês, na estrada costeira do sul do Líbano e na estrada Beirute-Damasco até Aley (15 km a leste da capital), foram debatidos segundo o comunicado.

O Comité decidiu prosseguir as suas reuniões e estabelecer uma ligação permanente de contacto. Não foi anunciada qualquer decisão concreta susceptível de despoletar a tensão nas frentes onde os combatentes permanecem frente a frente.

Entretanto, registaram-se tiroteios nas últimas 24 horas entre tropas israelitas e sírias, na região de Jib Jannine e de Gazeh (sul da Bekaa), que não fizeram vítimas.

Por outro lado, foi perpetrado ontem um atentado com explosivos contra um veículo militar israelita, na estrada que liga a cidade de Merjayun a Hasbaya (no sector oriental do sul do Líbano), que fez vítimas, indicam os correspondentes.

Thatcher em Washington

A chefe do governo britânico, Margaret Thatcher, iniciou ontem uma visita de 36 horas a Washington, durante a qual deve ser hoje recebida pelo presidente Ronald Reagan na Casa Branca.

Os problemas das negociações americano-soviéticas de Genebra sobre os euromísseis, a América Central, as relações Leste-Oeste e a situação no Médio Oriente, nomeadamente no Líbano onde um contingente britânico faz parte da Força Multinacional, devem ser nomeadamente abordados por Reagan e Thatcher, indicou fonte oficial americana.

Um alto funcionário, que pediu o anonimato, salientou «a estreita cooperação» e a identidade de pontos de vista que reinam entre Londres e Washington sobre todos estes assuntos.

No domínio do controlo dos armamentos e dos euromísseis, Thatcher, que o presidente Reagan tinha consultado, tal como outros dirigentes dos países interessados, antes de pronunciar na segunda-feira o seu discurso na ONU, deveria assim reafirmar o seu apoio à posição americana.

Thatcher deve ser hoje recebida pelo presidente Reagan na Casa Branca. A chefe do governo britânico, deve também conferenciar com os membros da comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado, e também com o secretário americano do Tesouro, Donald Reagan e o vice-presidente George Bush.

Nicarágua

Anti-sandinistas atacaram em duas frentes

Intensos combates entre forças governamentais e guerrilheiros anti-sandinistas travaram-se ontem no Norte e no Sul da Nicarágua.

O país ficou sem acessos para o Norte da América Central devido à destruição da ponte de Ocotal pelos anti-sandinistas, que nos combates têm empregado potentes armas de guerra, incluindo morteiros, cujos projécteis caíram em explodir, perto da unidade militar da zona.

As confrontações foram especialmente violantas nos departamentos de Nueva Segóvia e Madriz.

No Sul, forças de Eden Pastora, atacaram, às primeiras horas da manhã de ontem, o posto fronteiriço de Penas Blancas, situado na fronteira entre a Costa Rica e a Nicarágua.

Segundo informações dos funcionários costarriquenhos que se encontravam no sector, o combate iniciou-se quando foi lançado um ataque contra as tropas do Exército Popular Sandinista (EPS) ali destacadas.

Os membros do EPS repeliram o ataque que, segundo os anti-sandinistasd «foi muito duro e causou vários feridos, que mais tarde foram transferidos para a Costa Rica».

O posto fronteiriço que se encontra do lado da Costa Rica foi evacuado como medida preventiva contra a possibilidade de novos incidentes armados e no local foi instalado um pelotão da guarda civil como precaução.

No Norte, perto das Honduras, os anti-sandinistas destruíram, em El Espino — posto fronteiriço por onde transitam os transportes pesados centro-americanos — o edifício da alfândega, as instalações da companhia telefónica (TELCOR), as duas agências alfandegárias e habitações civis.

As forças governamentais conseguiram recuperar El Espino, defrontando-se agora o governo de Magágua com a reconstrução da alfândega, a reparação da ponte de Ocotal sobre o rio Coco e o problema dos refugiados.

As acções dos antigovernamentais obrigaram à evacuação da zona pelos camponeses que abandonaram as suas casas, transferindo-se para Somoto, onde foraqm alojados precariamente em escolas e centros comunais. Os responsáveis pelo atendimento dos refugiados receiam que mais vítimas civis continuem a chegar aos centros de realojamento, já que os confrontos armados continuaram nos sectores de El Castillo e El Caracol, a 15 quilómetros de Somoto.

Os receios foram confirmados pelo tenente Denis Peralta, chefe dos reforços militares que se encontram na zona de Las Playas.

Quatro sandinistas mortos nos combates do fim-de-semana tiveram um funeral colectivo em Ocotal, quase ao mesmo tempo que em Somoto, cidade a 216 quilómetros ao norte de Manágua, era enterrado um dos dois milicianos caídos noutra povoação atacada pelos antigovernamentais.

Em San Lucas, povoação do departamento de Madriz, a autodefesa conseguiu resistir depois de duros combates.

Protesto nicaraguense

A Nicarágua protestou ontem «energicamente» junto da Costa Rica pelo ataque ocorrido nesse mesmo dia no posto fronteiriço nicaraguense de Penas Blancas, lançado, segundo Nicarágua, a partir de território costarriquenho.

Em comunicado, o Ministério nicaraguense dos Negócios Estrangeiros afirmou que «mercenários vindos da Costa Rica atacaram com morteiros e armas pesadas os lealistas (nicaraguenses) de Cardenas e de Sopu e o posto fronteiriço de Penas Blancas, antes de recuarem para território costarriquenho».

O posto fronteiriço foi «praticamente destruído por completo» e três soldados sandinistas foram mortos e doutros 16 feridos, precisa o comunicado.

Andropov afirma que os EUA não querem acordo em Genebra

O presidente soviético, Yuri Andropov, disse ontem que a União Soviética não separa nem contrapõe o bem-estar e a segurança do seu povo, ao bem-estar e segurança de outros povos. Numa declaração feita por Andropov, em resposta ao recente discurso do presidente Reagan dos Estados Unidos, reafirma-se a «linha contínua» da política externa soviética, orientada para a preservação e a consolidação da paz, para o desanuviamento internacional, para a contenção da corrida aos armamentos e para o alargamento e o aprofundamento da cooperação entre os Estados.

ACUSANDO a política externa dos Estados Unidos, de ameaçar seriamente a paz, Andropov disse que «a sua essência é procurar garantir aos Estados Unidos posições dominantes do mundo sem levar em conta os interesses dos outros povos e países».

O fomento sem precedentes do potêncial bélico dos Estados Unidos e os programas, de grande envergadura, de produção de todos os tipos de armas, inclusive nucleares, químicas e convencionais visam precisamente esses objectivos.

Andropov considerou que aumenta a presença militar norte-americana, a milhares de quilómetros de território dos Estados Unidos, sob vários pretextos, inventados. Estão a ser criadas pontas-de-lança para ingerência armada nos assuntos internos de outros países, para a utilização de armas norte-americanas contra todos os países que rejeitam o ditame de Washington que têm como resultado o agravamento da tensão em todas as regiões do mundo: na Europa, Ásia, África, Médio Oriente e América Central, acrescentou.

A política dos Estados Unidos e a sua crescente militarização revela-se também na falta de disposição para manter quaisquer conversações sérias e para chegar a acordo sobre a contenção da corrida aos armamentos, afirma-se ainda na declaração do dirigente soviético.

Para Andropov a «nova opção» dos norte-americanos sobre desarmamento reduzir-se-á, como antes, ao seguinte: quantos mísseis soviéticos de médio-alcance é preciso reduzir e quantos novos mísseis norte-americanos é preciso colocar na Europa para completar o potencial nuclear da NATO já existente?

Resumindo, sugerem-nos um diálogo sobre como ajudar a NATO a romper o equilíbrio dos meios nucleares de médio raio de acção existentes na zona da Europa a seu lado, comentou.

Nas conversações de Genebra, diz Andropov, os Estados Unidos não se propõem chegar a acordo, pois a sua tarefa é outra: protelar as conversações para proceder à instalação, na Europa Ocidental, de mísseis balísticos «Pershing-2» e «Cruise», de grande raio de acção.

Andropov acusou ainda a proposta de desarmamento do presidente Reagan de ser cínica e acusou Washington de utilizar como reféns os países da Europa.

O que na verdade dificilmente se pode compreender é porque é que todos estes factos passam despercebidos aos olhos dos políticos europeus que, desprezando os interesses dos seus próprios povos e os interesses da paz, ajudam a materializar ambições militaristas da administração norte-americana.

Nesta questão não há, segundo o dirigente soviético, lugar para ambiguidades: o aparecimento de mísseis nucleares norte-americanos no Continente europeu, a despeito da vontade da maioria da população dos países euro-ocidentais, se vier a concretizar-se a um passo de proporções globais no sentido contrário da paz, dado pela direcção dos Estados Unidos e por personalidades de outros países da NATO que a apoiam.

«Ninguém deve tomar a boa vontade da União Soviética e o seu desejo de chegar a entendimento por um indício da sua fraqueza» – acentuou Andropov advertindo que a União Soviética «saberá responder, devidamente a toda e qualquer tentativa para violar o equilíbrio estratégico-militar, que se estabeleceu, não se limitando a meras palavras».

Mísseis franceses e britânicos

As forças de dissuasão francesa e britânica terão que ser objecto de negociação, se quisermos chegar a um acordo com a URSS sobre uma redução substancial dos armamentos nucleares, comentou ontem o vice-presidente americano George Bush.

Os 162 mísseis de alcance intermédio franceses e britânicos terão que ser discutidos «num momento ou noutro numa das duas negociações sobre o controlo dos armamentos», a dos euromísseis ou a dos armamentos estratégicos», disse à Imprensa

O vice-presidente americano acrescentou que a ideia de fundir as negociações sobre os «euromísseis» e as negociações sobre os armamentos estratégicos tinha sido «levantada» no seio do governo americano. «Deve ser encontrada uma resposta para os mísseis britânicos e franceses», acrescentou, se quisermos atingir «o objectivo ideal de reduções significativas dos armamentos nucleares».

É a primeira vez que um alto responsável americano diz publicamente que as forças de Paris e Londres deverão finalmente ser levadas em linha de conta nas negociações

A URSS exigiu desde sempre que os mísseis franceses e britânicos fossem incluídos nas negociações em curso, em Genebra, sobre os euromísseis o que foi rejeitado, tanto pelo governo americano como pelas autoridades francesas e britânicas.

A propósito desta exclusão ., o vice-presidente Bush acrescentou que «alguém tem que apresentar uma melhor solução para este problema».

Dirigentes afegãos na mira da CIA

A CIA pediu a alguns dos seus espiões que trabalham na Embaixada americana em Cabul para localizarem as residências de altos responsáveis afegãos e prepararem os seus assassinatos, segundo informação da agência oficial afegã Bakhtar, recebida em Paris.

Quatro agentes da CIA, cuja nacionalidade a agência não precisa, foram presos «recentemente» e confessaram trabalhar há muito tempo para a central de informações americana na Embaixada dos EUA em Cabul, anunciou a Bakhtar.

A sua missão, precisou a agência afegã, consistia em coligir informações sobre os aspectos da vida social e económica do povo afegão. Esses membros da Embaixada americana transportavam, além disso, armas e explosivos, contidos em canetas e latas de conservas quando passavam a fronteira paquistano-afegã, acrescenta a Bakhtar.

A agência afirma igualmente que, numa recente confereência de Imprensa, os espiões declararam ter estreitos contactos com os seus agentes nas diversas províncias do país e que os tinham encarregado de encontrar «bandidos contra-revolucionários» para assassinar inocentes afegãos.

O Governo afegão tinha ordenado em 16 de Setembro, lembramos, a expulsão de dois diplomatas americanos, acusados de «actividades de espionagem»,

QUIMIGAL QUÍMICA DE PORTUGAL, E.P.

AV. INFANTE SANTO, 2
1399 LISBOA CODEX

OBRIGAÇÕES EX-NITRATOS DE PORTUGAL, 5%

Emissão de 1960

PAGAMENTO DE JUROS

Avisam-se os Srs. Obrigacionistas que a partir do próximo dia 2 de Outubro de 1983 se encontra a pagamento o cupão n.º 46, da emissão de 1960. O valor líquido deste cupão é conforme se discrimina a seguir:

Por obrigação ao portador

Juro ilíquido	25$00
Impostos	9$76
	15$24

Por obrigação ao portador registada

Juro ilíquido	25$00
Impostos	4$55
	20$45

O pagamento dos juros será efectuado nos seguintes estabelecimentos de crédito:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
MONTEPIO GERAL
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES
BANCO DE FOMENTO NACIONAL

Lisboa, 29 de Setembro de 1983

cambridge school

INSTITUTO DE LÍNGUAS

PER LINGUAM AD LINGUAM

Inscrições imediatas para as classes de

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO
PORTUGUÊS
para Estrangeiros

Pode escolher a hora, entre as:
9h. e as 22h sem interrupção

LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 173-1º-3º – TEL. 55 47 80 - 55 47 89 — 1200 LISBOA
LISBOA: AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1º DIR. — TEL. 88 45 44 - 89 96 01 — 1000 LISBOA
BENFICA: EST. DE BENFICA, 729-5º DIR. — TEL. 70 43 29 - 70 36 38 — 1500 LISBOA
ALMADA: PRAÇA DO M.F.A., 12-1º — TEL. 276 02 34 - 275 32 18 — 2800 ALMADA
PORTO: RUA DUQUE DA TERCEIRA, 381-1º — TEL. 56 03 80 - 56 11 30 — 4000 PORTO
COIMBRA: PRAÇA DA REPÚBLICA, 15 - TEL. 3 49 69 - 3000 COIMBRA
CAMBRIDGE EXECUTIVE SCHOOL
LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 173-4º — TEL. 4 13 52 - 57 60 30 — 1200 LISBOA

APA-CS 4/80

Cristãos ár os irmã mal amad

Um traço de união apes

Fala-se deles sobretudo a propósito do Líbano, onde passam duras provações e onde o seu número lhes garante força e expressão política.

Mas os maronistas não são os únicos cristãos árabes. São um ramo de numerosas comunidades cristãs do Oriente, que tiveram fados diversos: desde a marginalização ao papel principal, da coexistência massacre, da «protecção» à acção modernizadora.

Algumas desapareceram ou foram reduzidas. Quem é o responsável? Os muçulmanos? As grandes potências?

Os árabes cristãos, enraizados no seu território, estão impiedosamente condenados à provação e ao exílio?

Antes de mais, eles sofrem do facto de serem irmãos pouco conhecidos e, portanto, mal amados.

Em 1962 uma delegação de intelectuais sírios e libaneses foi portadora da saudação do Machrek (Oriente árabe) à Argélia independente. Um dos seus membros era cristão. Os argelinos que conheceu não compreendiam que ele podia ser também «*árabe*». Não raras vezes teve com os seus interlocutores esta troca de palavras:

Garanto-vos que não sou um árabe arabizado, um árabe de cultura como os egípcios e os bérberes do Maghreb. Sou árabe por etnia e por raça.Pelo sangue, se quiserem.

– Então és muçulmano...

Não sou! À excepção dos coptas do Egipto, os cristãos do Médio Oriente são na maioria árabes autênticos.

– Isso não é possível. Os cristãos são os rumes (os bizantinos e por extensão os europeus) e os árabes são muçulmanos».

–Para me fazer entender melhor, digamos que sou um «cristão muçulmano.

– Então é isso. Devias tê-lo dito mais cedo!

Desde que estalou a crise libanesa em 1975, crise que a invasão das forças israelitas em 1982 em nada contribuiu para resolver, que não se para de falar das comunidades cristãs do Oriente, enraizadas no seu terreno do Líbano e fora dele, formando na sua diversidade a tal «*Igreja dos árabes*» de que nos fala Jean Corbon (Ed. do Cerf, Paris). E, contudo...O padre Ali Chourane, da Igreja caldaica do Iraque conta que uma vez teve de parar numa bomba de gasolina da região parisiense, cujo empregado,marroquino não queria acreditar que o eclesiástico podia ser árabe e cristão. Monsenhor Nasrallah, bispo melchita de Paris, provocou o mesmo cepticismo num antigo ministro dos Negócios Estrangeiros parisiense!

Os maghrebinos não são os únicos que têm dificuldade de admitir as quatro proposições seguintes: 1) Nem todos os árabes são muçulmanos; 2) Nem todos os muçulmanos são árabes; 3) O mundo árabe compõe-se de cristãos e muçulmanos; 4) Nos países da Liga Árabe os árabes cristãos constituem cerca de 10% da população (mas praticamente não os há da Líbia à Mauritânia). Os árabes muçulmanos constituem 15 a 20% apenas da população muçulmana no mundo, que se calcula em 750 milhões ou um bilião de almas.

«Cavalo de Tróia do Ocidente»

À ignorância e desconhecimento junta-se a dialéctica das relações de forças entre a maioria e a minoria que determina os mecanismos mentais e sociológicos; os mesmos cristãos que, num clima de tolerância, reinvindicavam em voz alta ontem, a sua «arabidade» e o seu contributo para a civilização muçulmana, proclamam hoje, num grito de raiva desesperada: *Nós não somos árabes!* Porquê? Porque os muçulmanos os consideram uma *5.ª coluna* ou o *cavalo de Tróia do Ocidente* e lançam-lhes em cara: *a língua árabe, língua sagrada do Corão, não se cristianiza!* O ódio, o desespero, o medo, não podem entretanto ocultar uma realidade rica em surpresas e em paradoxos para os que aceitam não a recusar à partida.

Ao levar a expansão árabe ao apogeu, o Islão eclipsou de facto o contributo e o papel dos reinos árabes constituídos desde o Século VI antes de Cristo. Citemos, entre outros, o reino nnabateu de Pétra, na actual Jordânia, o de Hira, perto de Koufa, no Iraque, o de Edessa, na Mesopotâmia, centro da civilização síriaca, o de Palmira, antiga Tadmor, a «Cidade das Palmeiras», nó estratégico do deserto da Síria.

Foram todos importantes elos importantes na arabização da região, ao favorecerem a substituição do arameu, que Cristo falou, como língua veicular, pelo árabe, muito antes do islão ter aparecido. Com o advento do cristianismo, difundem ao mesmo tempo o moneteísmo e o árabe e não se pode esquecer que o ministro das finanças da rainha Zenóbia (século II) foi o famoso bispo Paulo de Samossata. Um árabe.

Os co-autor da «idade do ouro»

É de Hira que partem para a península arábica os comerciantes e poetas cristãos que aceitam florescentes episcopados nestorianos no Bahrein, Qatar, Omã. É aos escribas cristãos de Hira que o alfabeto árabe deve o módulo que viria a ser o da escrita corânica, enquanto que o cúfico faz pensar irresistivelmente na caligrafia síriaca. As primeiras inscrições árabes conhecidas ornam os lintéis de duas igrejas da Síria, datantes do mesmo ano em que nasceu Mohamed: 571. No Hejaz, e particularmente em Meca, viviam então cristãos e judeus.

Os árabes cristãos viriam a ser os melhores aliados dos sucessores de Mohamed durante a conquista do crescente fértil (Síria, Palestina, Iraque) contra os bizantinos ao norte e os sassanidas a oriente. Foi Sofrão, patriarca de Jerusalém, que negoceia com o califa Omar a rendição da cidade e Sarjoun, um árabe melquita que devolveu Damasco a Khaled Ibn Al-Walid. São ainda cristãos que asseguram a organização e a sobrevivência do califado omeyíade. Por morte de Moawiya (680), fundador da dinastia, o seu filho Yazid, rival de Ibn Zoubair, apelou aos seus tios maternos para que impedissem o trono de vacilar. Ora Maisoum, sua mãe, era cristã fiel aos hábitos beduínos. Preferindo a austeridade da tenda aos esplendores dos palácios, escreveu estes versos:

Vestir um casaco de pele e ser livre é para mim mais precioso do que os estofos mais ricos

Mais tarde, no século VIII, quando o califa Abdel Malek despediu os funcionários cristãos, a administração ficou paralisada e teve de chamá-los outra vez. São João Damasceno, neto de Sarjoun, foi ministro das Finanças e dos **mouqatila** (combatentes) embora, teoricamente, os cristãos não devessem aceitar funções políticas e militares.

Quando reinaram os abássidas (750-1258), os cristãos árabes (e os iranianos) contribuíram

Irmãos pouco conhecidos...

O caso maronita

O Líbano constituiu-se em Estado –separando-se da Síria – para que a grande concentração de cristãos que lá viviam pudessem ser maioria num país árabe. À medida que o tempo foi passando passaram a ser minoria, devido ao crescimento mais rápido dos muçulmanos – chiitas e sunitas – e à forte emigração dos cristãos. A ficção dos 51% ou dos 50% de cristãos só se manteve com a integração dessa diáspora. Membro da Liga Árabe, o Líbano, enquanto Estado de dominante cristã , é também minoritário em relação ao meio muçulmano em que está inserido.

Ora , quer se trate de indivíduos, comunidades, ou nações, existe uma psicologia da minoria. O minoritário está geralmente isolado: vive a sua situaçõ ao mesmo tempo como servidão (sente-se humilhado, diminuído) e como privilegiado (orgulha-se da sua situação específica). De acordo com as circunstâncias, adoptará uma atitude suicida ou desenvolverá um sentimento de superioridade. Esses temas são patentes na maior parte dos autores que se debruçam sobre os cristãos do Oriente. Maronita, bom conhecedor das sociedades multi-confessionais (foi o tema da sua tese), Georges Corm refina a análise para esclarecer o drama libanês (1). Divide os minoritários em quatro categorias:

– Os que, porque aceitam mal a sua condição, «tornam-se agentes da maioria ao elevarem-se na sociedade».

– Os que procuram ultrapassar a sua condição, «criando movimentos de vocação transétnica ou religiosa que reagrupam na mesma base de igualdade minoritários e maioritários». Constata-se que os movimentos revolucionários que visam estabelecer novos valores ideológicos e sociais, atraem grande número de minoritários. É o caso do partido Baas, certos partidos comunistas, movimentos palestinianos. São muitas vezes utopistas que acabam por perder o contacto com as realidades ou caem num «socialismo autoritário» se conseguem chegar ao poder.

Uma ilha no oceano

– Os que «transcendem a sua condição na criação artística e científica». Se continuam ligados à sua comunidade, é porque têm um «temperamento cosmopolita» que lhes permite manter boas relações com a maioria e a minoria. Esse foi especialmente o caso dos intelectuais da Nahda (renascimento). São «optimistas» e têm o perfil do «homem de esquerda».

Finalmente, os últimos são os mais numerosos. São fortemente ligados à sua comunidade e a sua «razão de viver está em conservar intacta a maioria, preservá-la dos perigos exteriores», com o risco de impedir a sua evolução. Segundo Corm, este é o tipo de homem conservador, «pessimista», em suma, o «homem de direita».

Este último defende que o Islão está «congelado», «inalterável» e que não saberia evoluir nem laicizar-se. «Acusar o Islão de modo isolado e específico», escreve Corm a esse propósito, «faz tão pouco sentido quanto, ao contrário do cristianismo, deixou que se mantivesse uma diversidade religiosa no seu próprio seio. Minorias cristãs e judias, seitas islâmicas heterodoxas. Não por especial grandeza de alma mas porque as bases teológicas da fonte corânica e o interesse económico,coincidiram quer para os cristãos quer para os judeus, para assegurar a sua permanência no seio da cidade islâmica».

Neste contexto, os dirigentes cristãos oscilaram desde o princípio do século entre um «libanismo cristão militante cnservador» e uma «libanidade liberal preocupada com uma boa inserção do Líbano no seu difícil meio-ambiente árabe».

O libanismo levaria, na adversidade, a comunidade a concentrar-se num «pequeno Líbano cristão», onde seria senhora de si própria, mas bem isolada no oceano muçulmano. Pode-se assim imaginar um «Estado confederativo» que voltaria, de qualquer modo a «legalizar» a divisão de facto (que tende a instaurar-se), conservando o Estado a defesa e os negócios estrangeiros que são precisamente os domínios que mais se prestam à controvérsia. Será realista? Esta solução teria provavelmente a benção de Israel na medida em que fazia prever uma atomização étnica e religiosa do Médio Oriente que favorecia a inserção do Estado hebreu e a continuação da sua supremacia.

Georges Corm opta, evidentemente, pela libanidade. Ou seja,por um «Líbano islamo-cristão» e uma sociedade itegrativa e participante total e sem tutela exterior no futuro do Médio Oritente». «Uma sociedade associativa, fundamentada sobre a ideia de que duas culturas só podem ter um equilíbrio frágil», ele pronuncia-se por um «Estado democrático forte, integrante das comunidades libanesas numa só cultura e, portanto, num só compromisso-feito de libanidade autêntica».

Ao contrárioido patriarca Maximos V, ele pensa que as comunidadescristãs «devem deixar de ser vistas como a «ponte», a «encruzilhada», o «traço de união» entre o Oriente e o Ocidente». Mas ao longo da sua história, elas desempenharam esse papel, especialmente na idade do ouro, sem perder a sua autenticidade. Não será então possível fazer a conciliação? E pode-se chamar a atenção de Goerges Corm para o facto de que se muito depende da atitude dos cristãos, mais ainda depende da resposta que os muçulmanos vão dar a estas duas perguntas: consideram os cristãos crentes e, portanto, como irmãos? Ou consideram-nos como infiéis e traidores? No primeiro caso, a simbioseserá possível, no segundo, será o fim dos cristãos árabes em terras árabes.

P.B.

(1) «Le Proche-Orient dans la guerre», revista Esprit, Paris, Maio-Junho de 1983. Georges Corm é também o autor de **Le Proche Orient éclaté,** Maspers, Paris 1983.

INGLÊS-FRANCÊS
ALEMÃO
CURSOS EM CLASSES
MANHÃ-TARDE-NOITE
ABERTAS AS INSCRIÇÕES
cial
CENTRO DE LINGUAS
Av. República, 14
Tel. 533733

rabes: ãos ados

esar de tudo...

os, de de o ia, de ci- a- os da ti- a- lo er do ao e o er da o, s-

de modo decisivo para a **idade de ouro** da civilização muçulmana. Traduzem filósofos, médicos e sábios gregos, ao mesmo tempo que participam nas invenções que fazem de Bagdade o centro mundial do pensamento e da ciência até ao século X (1). Na dinastia dos Ayyoubides (1171--1250), fundada pelo valente Saladino (um curdo), os cristãos continuam a desempenhar um papel eminente e a maior parte deles participa na resistência aos cruzados. O clima transformar-se-á consideravelmennte com o domínio dos Mamelucos, dos não-árabes, que reinam de 1250 a 1517.

O estatuto da «dhima»

Sociologicamente, o estatuto dos cristãos agrava-se. O profeta considera-os, com os judeus, «*Ahl al Kitab*» (as gentes do Livro); as suas relações com as tribos árabes cristãs fundamentam-se no princípio das alianças mediante tributo e submissão e não parecem implicar o estatuto que prevalecerá quando os seus sucessores realizarem a conquista do mundo, o da *dhima* (pacto de protecção).

Monoteístas mais minoritários, os cristãos (tal como os judeus) serão então considerados *dhimmis* (protegidos). A *dhima* limita a sua participação na vida da cidade: são submetidos a um imposto especial e a restrições de liberdade individual (fato distintivo, proibição de montada nobre como o cavalo), familiar (estatuto pessoal), económico (restrições profissionais), de culto (procissões, sinos) e cívica (interdição de assumirem cargos administrativos, políticos e militares).

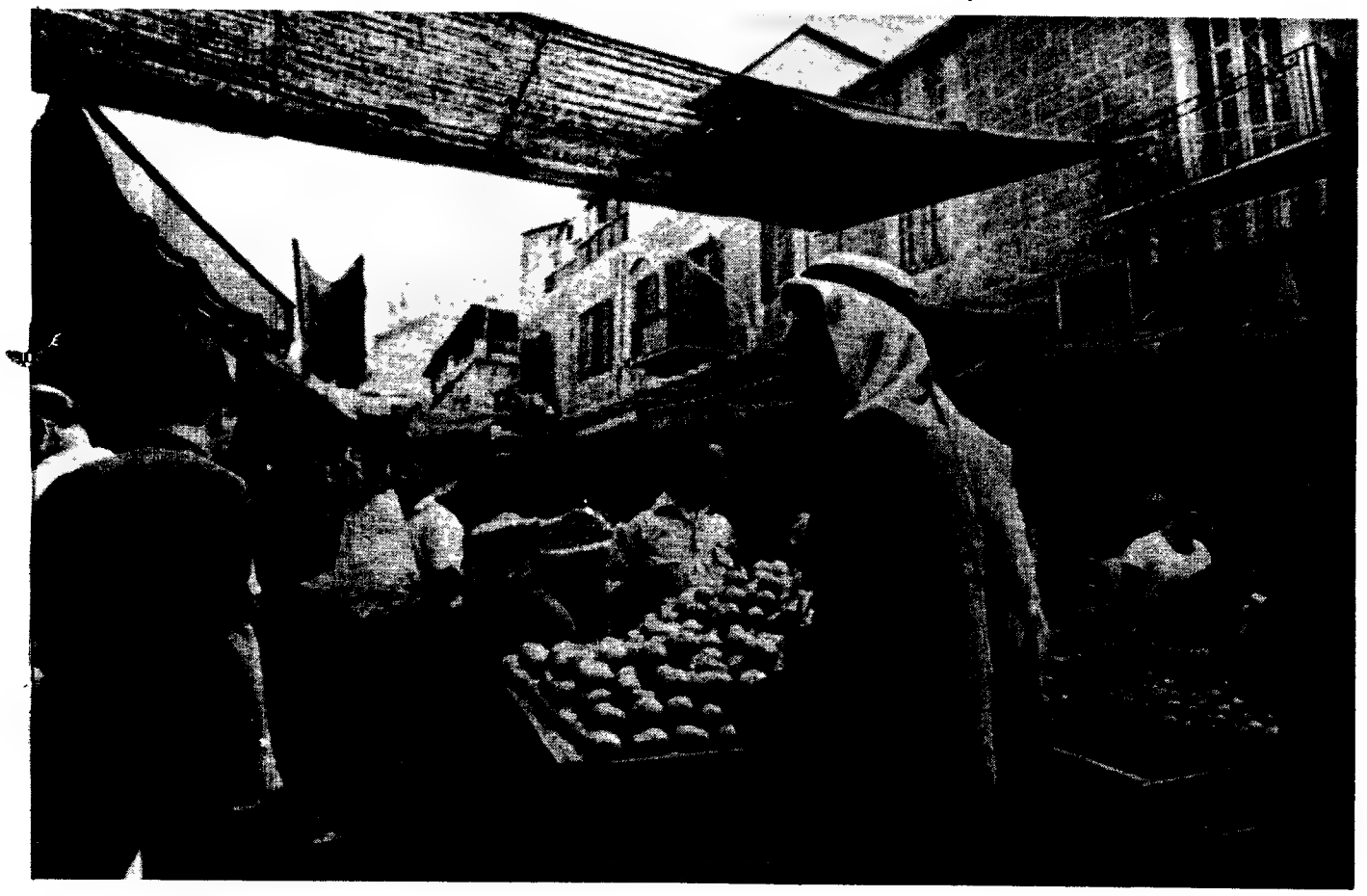
Com o império otomano, a situação deteriora-se em relação à época dos Mamelucos. O quadro torna-se mais rígido: à *dhima* junta-se a noção de *milal* (no singular, *milla*, doutrina religiosa de uma comunidade ou nação). A *dhima*, quando aplicada com rigor, tendia a marginalizar as comunidades cristãs que continuavam entretanto a viver em simbiose com os muçulmanos: os seus membros orientavam-se para as profissões liberais (medicina, finanças, literatura, artes) e assumiam um papel na sociedade.

O *milal*, ao contrário,vai criar uma brecha: preserva, é claro, essas comunidades, mas, nos períodos de crise, o poder central considera-as « *aliadas ou agentes do estrangeiro*». É verdade, por outro lado, que quando as tensões se tornavam demasiado fortes, certas comunidades eram tentadas a considerar as potências como um recurso. Assim é que em 1860 o massacre dos cristãos pelos druzos, apoiados pelos turcos, vai levar a uma intervenção da França, mas também do emir Abdel Kader, exilado em Damasco.

O quinhão de qualquer minoria – mesmo quando a *dhima* já não era aplicada – é viver na violência. Mas ela assume essa situação mais ou menos bem segundo o comportamento da maioria. Não se pode então impedir o dominado de querer tor-

Continua na pág. 16

Um baixo relevo de S. Benham ou o sonho de vingança dos humilhados



Nas ruas de Beirute

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Av. dos Bombeiros Voluntários, 29-2.º – ALGÉS
Telefone 210 29 10

INGLÊS – FRANCÊS – ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

MATRÍCULAS ABERTAS DAS 10 ÀS 12 H.
E DAS 17 ÀS 22 H. EXCEPTO AOS SABADOS

abreu

FUNDADA EM 1840

DEPARTAMENTO DE CARGA

SERVIÇOS ESPECIALIZADOS EM

- Transportes Internacionais T.I.R.
- Carga Aérea
- Carga Marítima
- Serviços Regulares em Camiões Completos e Grupagem de e para toda a Europa
- Grupagem Aérea para todo o Mundo
- Serviço Marítimo convencional e contentorizado

PORTO
Av. Aliados, 221
Telef. 317921
Telex. 22315 ABREU-P

LISBOA
Av. Liberdade, 164 - 4º
Telef. 368783/371341
Telex. 16426 ABREU-P

Também em CARGA a tradicional qualidade

Cristãos Árabes: os irmãos mal amados

Continuação da pág. 15

nar-se dominador ou, pelo menos, de sonhar com a vingança, como ilustra ingenuamente um baixo relevo do convento de Mar Benham (século XII), 35 quilómetros a sul de Mossoul, no Iraque.

Factor de dinamização

Nessa época, o califa Al Moutawakkil ordenara aos cristãos que pregassem nas suas portas imagens do demónio em madeira, por isso, o escultor representou Benham, santo patrono do convento, adornado com os atributos proibidos aos cristãos: está a cavalo, arvora cruzes por todo o lado e está armado com uma lança com a qual esmaga o diabo contra o chão!

A marginalização tem todavia o seu paradoxo. Sentida como um aguilhão por uma minoria que quer sobreviver, pode tornar-se, num meio que cristaliza, um factor de dinamização. Foi isso o que aconteceu no século XIX. Reagindo à ocupação turca, intelectuais sírios e libaneses, cristãos na maioria, tomaram o caminho do exílio, conheceram e tomaram contacto com os movimentos liberais e revolucionários que efervesciam na Europa, ao mesmo tempo que testemunhavam descobertas científicas e o surto industrial. A maior parte deles instala-se depois no Egipto e o seu movimento está na origem da *Nahda* (o renascimento), que marca profundamente o mundo árabe quer no plano cultural quer político.

A revolta contra a ocupação otomana produz-se em nome do nacionalismo árabe, que une cristãos e muçulmanos. Um libanês, Najib Azouri, publicará em 1905 *O despertar da nação árabe* e o grande escritor agípcio, Taha Hussein, não hesitará em dizer «*Todo o árabe moderno vem dos libaneses.*» Foi de resto, um deles, Khalil Gibran, (*Le Prophète, La Voie ailée;* Ed Sindbad, Paris), que revolucionou a prosa. Os grandes jornais egípcios, *Al Ahram, Al Mokattan, Al Hilal*, foram criados, respectivamente, por três famílias católicas, protestante, e ortodoxa do Líbano. No plano ideológico, o partido Bass, de que é co-fundador o cristão Michel Aflak, assim como certos partidos comunistas nacionais e movimentos palestinos criados ou animados por cristãos defendem a constituição de uma nação árabe laicizada na qual co-existiriam cristãos e muçulmanos. A ideologia modernista de Nasser segue o mesmo sentido, pelo menos até certo ponto.

O sangue e o exílio

Mas enquanto a *Nadha* proclama a esperança, uma tragédia começa com a agonia do «*homem doente da Europa*»: na Turquia otomona, dá-se o genocídio arménio de 1915, depois o genocídio das Igrejas síriaca, ortodoxa e católica, na Anatólia oriental, que provocam um primeiro e doloroso êxodo. Em 1925, na Turquia de Ataturk, em 1933 no Iraque e em 1946 no Irão, essas Igrejas pagam com o sangue e exílio as rivalidades das grandes potências que cobiçam o petróleo do Curdistão.

Em 1948, com a criação do Estado de Israel, começa o drama da Palestina, que afecta o conjunto da região e cujo povo é sacudido dum país para outro. O fracasso das ideologias modernistas e do nacionalismo árabe na procura de uma solução provoca uma escalada do Islão político e do integrismo islâmico, que contesta a *Nahda*, porque lhe censura o cariz subversivo.

Todas estas razões provocam em três gerações três êxodos dos cristãos árabes, que experimentam um profundo sentimento de medo e insegurança. Alguns chegam mesmo a interrogar-se sobre se, continuando essa hemorragia, não se chegará ao desaparecimento, daqui a cinquenta anos, dessas comunidades que serão transformadas, por sua vez, numa imensa diáspora.

Mas há também os que se recusam a desesperar. Convidado por Boummediene em Abril de 1978, o patriarca melquita Maximos V declarou na Universidade de Argel, onde acabava de receber o grau de doutor «honoris causa»: «*Nós, árabes muçulmanos e árabes cristãos, duma só raça, adoramos o mesmo Deus, veneramos os mesmos profetas. A nosssa saudação está no reconhecimento da alteridade do outro, nos valores que encarna. A abertura do cristão ao ocidente não faz dele um falso irmão; antes significa um traço de união entre duas civilizações; duas culturas, duas religiões que confessam um mesmo Deus*».

Cinco anos depois mantém o mesmo discurso sem perder a coragem.

PAUL BALTA

(1) Joseph Nasrallah empreendeu a publicação em oito volumes duma *História do movimento literário na Igreja melquita do século V ao XX*, da qual saíram três volumes sobre os períodos 968-1250, 1250-1516 e 1724-1800, Ed. Peters, Lovaina e em casa do autor, 17, rua do Petit-Pont, 75 005. O leitor poderá igualmente consultar os números 105 e 107 (Janeiro-Abril de 1983) de *France-Pays arabes*, dedicados aos árabes cristãos (12-14, rue Augereau, 75 007 Paris).

Onze patriarcas

O mundo árabe conta onze Igrejas, sendo cada uma chefiada por um patriarca: cinco ortodoxas e seis católicas. Estas últimas **sentem-se em comunhão com o Papa de Roma.** A cada Igreja ortodoxa corresponde uma Igreja católica. Em compensação, os maronitas, todos católicos, não têm ramos ortodoxos. Além destas, há as Igrejas latinas e reformadas de formação recente. À partida, todas têm um tronco comum: Antioquia, metrópole da diocese do Oriente, onde pregaram São Barnabé, São Paulo e São Pedro, na Síria ocidental, perto de Alep: esta cidade está hoje na Turquia com o nome de Antakya.

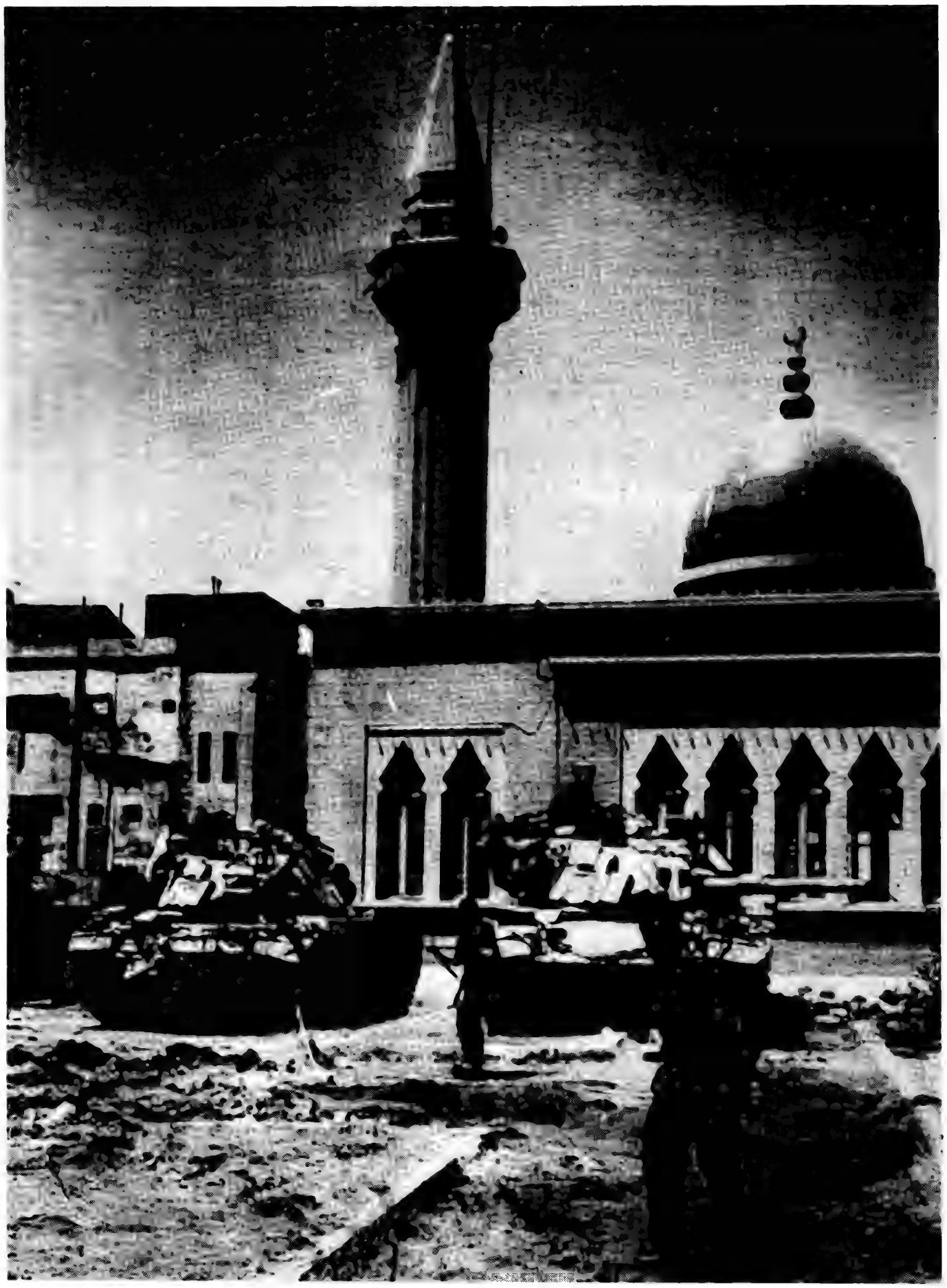
A Igreja de Antioquia conheceu três períodos de divisões maiores. Durante o primeiro milénio aparecem **cinco ramos,** segundo a expressão de Jean Corbon, as Igrejas melquita, maronita, jacobita, nestoriana e arménia. Exceptuando a Igreja melquita, que é transnacional e está implantada em vários países dentro e fora do Medio Oriente (600 000 fieis nas Americas e na Austrália) elas são nacionais. Criaram ritos, assim, o rito copta é praticado no Egipto e na Etiópia; o rito arménio é praticado pela diáspora armenia, uma parte da qual vive no mundo árabe e é arobófona mas não é, evidentemente árabe.

Depois do fim da Idade Média, a latinização dos maronitas que se seguiu às cruzadas, dá origem a «quatro enxertos» de ramos paralelos às Igrejas ortodoxas, são as Igrejas uniatas (unidas a Roma): melquita ou greco-católica, siríaca (ou síria) católica, caldaica e arménia-católica.

Nos tempos modernos, a colonização europeia e o proselitismo dos protestantes americanos provocam o aparecimento de **três raízes adventícias** de inspiração ocidental, mas que recrutavam sobretudo entre os ortodoxos, a saber: as Igrejas latinas, as Igrejas reformadas e a Igreja episcopal-evangélica.

Os números que apresentamos no quadro são significativos: os estados têm tendência para minimizar os efectivos dos cristãos e as comunidades que os aumentaram. Segundo certos cálculos, haveria 15% de cristãos no Egipto, 14% na Síria, 9% na Jordânia, 5% no Iraque, 50% no Líbano e 13% na população palestiniana. Estas proporções são igualmente aproximadas, visto que os cristãos libaneses e os caldeus do Irão têm tendência para contabilizar os fiéis que emigraram.

PAÍSES PRINCIPAIS	IGREJA	CATÓLICOS	NÚMERO	ORTODOXOS OU REFORMADOS
JORDÂNIA, LÍBANO, PALESTINA, ISRAEL, SÍRIA	MELQUITA	MELQUITAS CATÓLICOS OU GRECO-CATÓLICAS	400 000	GREGOS ORTODOXOS OU BIZANTINOS
IRAQUE, LÍBANO, SÍRIA	SIRÍACA OCIDENTAL	SIRÍACOS (OU SÍRIOS CATÓLICOS)	150 000	SIRÍACOS ORTODOXOS JACOBITAS
LÍBANO	MARONITA	MARONITAS	1 000 000	
IRAQUE	SIRÍACA OCIDENTAL	CALDEUS	500 000	NESTORIANOS
EGIPTO	COPTA	COPTOS CATÓLICOS	100 000	COPTOS ORTODOXOS
EGIPTO, IRAQUE, LÍBANO, SÍRIA	ARMÉNIA	ARMÉNIOS CATÓLICOS	60 000	ARMÉNIOS ORTODOXOS OU GREGORIANOS
JORDÂNIA, LÍBANO, PALESTINA, JERUSALEM	LATINA	CATÓLICOS ROMANOS	200 000	
CONJUNTO DO MÉDIO ORIENTE	REFORMADA	APELAÇÕES DIVERSAS	200 000	
TOTAL		2 410 000		9 220 000



Símbolo da religião entre as ruínas de Beirute

DESPORTO

"Campeões": Linfield, 2-Benfica, 3

Treino para irlandês ver

Belfast assistiu, sem tirar nem pôr, ao **festival Benfica** que, os palcos europeus, várias vezes tem subido à cena. Calhou que os parceiros de festim fossem amadores puros, meninos de coro na gigantesca catedral do chuto uefeiro: de qualquer modo, os comandados por Eriksson não transigiram. E, aplicando a receita, reduziram a cisco a mais audaciosa das aventuras irlandesas.

Senhores de uma técnica muito apurada e ostentando boa dose de poderio físico, toda a formação com asas nos pés e desembaraço serenos em qualquer situação, o Benfica nem sequer tremeu quando do caseiro golo da abertura, fruto de azar puro da defensiva da Luz. Pelo contrário: o tento espevitou a turma da águia: e, como se esperava, sem sequer embasbacar, o campeão português rubrica o essencial para retirar com novo triunfo no bornal.

Claro que Stromberg e Shéu, Pietra e José Luís, muito especialmente o diabólico Diamantino que está a firmar volume e prestígio no plano cimeiro dos nossos «astros», chegaram e sobraram para a encomenda

Carlos Manuel versus Murray

feita de propósito para um teste ideal ao «onze» luso repleto de legitímas esperanças.

Pouco mais a dizer, agora que o pano tombou sobre um belo e saboroso êxito dos nossos titulares que, mesmo sem Humebrto e Chalana, moram numa galáxia que não se compadece com amadorismo.

Linfield: Dunlop; Garret, Gibson, Jeffrey e Cramford; McKeown (Anderson, aos 71 m), Totten, Dorman (Walsh, aos 56 m) e McGaughey; Doherty e Murray.

Benfica: Bento; Pietra, António Bastos Lopes, Oliveira e Álvaro; José Luís (Nené, aos 63 m), Carlos Manuel, Shéu e Stromberg; Filipovic (Maniche, aos 80 m) e Diamantino.

Marcadores: Stromberg (aos 35 e 69 m) e Diamantino (aos 37 m), Murray (28) e Walsh (82).

Árbitro: Henning Lund-Sorensen (da Dinamarca) ajudado pelos compatriotas Dangaard e Soren - Sorenson.

UEFA: nomes e números

Resultados dos diferentes jogos uefeiros, indicando-se o 1.º resultado e o desfecho da 2.ª mão da eliminatória:

Taça dos Campeões: IFK Goteborg (Suécia)-Roma (Itália), 0-3 e 2-1; Standard Liège (Bélgica)-Athlone (Rep. Irlanda), 3-2 e 8-2; Olympiakos (Grécia)-Ajax (Holanda), 0-0 e 2-0; Bohemians (Checoslováquia)-Fenebache (Turquia), 1-0 e 4-0; Nantes (França)-Rapid (Áustria), 0-3 e 3-1; Omonia (Chipre)--CSKA (Bulgária) 0-3 e 4-1; Liverpool (Inglaterra)-Odense (Dinamarca), 1-0 e 5-0; Lindield (Irlanda do Norte)-Benfica (Portugal), 0-3 e 2-3; Jeunesse d'Esch (Luxemburgo)-Dínamo Berlim (RDA) 1-4 e 0-2; Viking Stavanger (Noruega)-Partizan (Jugoslávia), 1-5 e 0-0; Dynamo Bucareste (Roménia)-Kuusysi (Finlândia), 1-0 e 3-0; Dundee United (Escócia)-Hamrun (Malta), 3-0 e 3-0; Grasshopers (Suíça)-Dynamo Minsk (URSS), 0-1 e 2-2; Viking (Islândia)-Raba Eto (Hungria), 1-2 e 0-2; Atlético Bilbau (Espanha)-Lech Poznan (Polónia), 0-2 e 4-0.

Taça das Taças: FC Porto (Portugal)-Dynamo Zagreb (Jugoslávia), 1-2 e 1-0; Aberdeen (Escócia); Akranes (Islândia), 2-1 e 1-1; FC Koln (RFA)-Wacker Innsbruck (Áustria), 0-1 e 7-1; Barcelona (Espanha)-Magdeburg (RDA), 5-1 e 2-0; Gdansk (Polónia)-Juventus (Itália), 0-7 e 2-3; Beveren (Bélgica)-Paralimni (Chipre), 4-2 e 3-1; Spartak Varma (Bulgária)-Mersin (Turquia), 0-0 e 1-0; Dukla (Checoslováquia)-Manchester United (Inglaterra), 1-1 e 2-2; Avenir (Luxemburgo)-Servette (Suíça), 0-4 e 1-5; Glasgow Rangesr (Escócia)-Valletta (Malta), 8-0 e 10-0; Ujpest (Hungria)-AEK (Grécia), 0-2 e 4-1; Valkeakosken (Finlândia)-Sligo Rovers (Rep. Irlanda), 1-0 e 3-0; Shakhter (URSS)-B 1903 Nykobing (Dinamarca), 5-1 e 4-2; Nentori (Albânia)-Hammarby (Suécia), 0-4 e 2-1; Paris Saint--Germain (França)-Glentoran (Irlanda Norte), 2-1 e 2-1 e Brann Bergen (Noruega)-Nec Nijmegen (Holanda), 1-1 e 0-1.

Taça UEFA: Aston Villa (Inglaterra)-Vitória de Guimarães (Portugal), 0-1 e 5-0; Real Madrid (Espanha)-Sparta Praga (Checoslováquia), 2-3 e 1-1; Antwerp (Bélgica)-Zurich (Suíça), 4-1 e 4-2; Coleraine (Irlanda Norte)-Sparta (Holanda), 0-4 e 1-1; Watford (Inglaterra)-Kaiserseautern (RFA), 1-3 e 3-0; B 1903 (Dinamarca)-Banik (Checoslováquia), 0-5 e 1-1; Áustria (Áustria)-Aris Bonnevoie (Luxemburgo), 5-0 e 10-0; Ferencvaros (Hungria)-PSV Eindhoven (Holanda), 2-4 e 0-2; Sporting (Portugal)-Sevilha (Espanha), 1-1 e 3-2; Estrela Vermelha (Jugoslávia)-Verona (Itália), 0-1 e 2-3; Groningen (Holanda)--Atlético Madrid (Espanha), 1-2 e 3-0; Honved (Hungria)-Larissa (Grécia), 0-2 e 3-0; Elfsborg (Suécia)-Widzewldoz (Polónia), 0-0 e 2-2; Carl Zeiss (RDA)-Westmannaevjar (Islândia), 0-0 e 3-0; Heisinki (Finlândia)-Spartak Moscovo (URSS), 2-0 e 0-5; Lens (França)-Gent (Bélgica), 1-1 e 2-1; Anderlecht (Bélgica)-Bryne (Noruega), 3-0 e 1-1; Vorwaerts (RDA)--Nottingham (Inglaterra), 0-2 e 0-1; Aarhus (Dinamarca)-Celtic (Escócia), 0-1 e 1-4; Laval (França)-Dynamo Kiev (URSS) 0-0 e 1-0; Malmoe (Suécia)-Werder Bremen (RFA), 1-1 e 1-2; Tottenham (Inglaterra) Drogheda (República Irlanda), 6-0 e 8-0; Feyenoord (Holanda)-St. Mirren (Escócia), 1-0 e 2-0; Lokomotive Leipzig (RDA)-Bordeaux (França), 3-2 e 4-0; St. Gallen (Suíça)-Radnicki (Jugoslávia), 0-3 e 1-2; Bayern (RFA)--Anorittosis (Chipre), 1-0 e 10-0; Sturn Graz (Áustria)-Sportul (Roménia), 2-1 e 0-0; PAOK (Grécia)-Lokomotiv Plovdiv (Bulgária), 2-1 e 3-1; Levski (Bulgária)-Stuttgart (RFA), 1-1 e 1-0; Hajduk (Jugoslávia)-Criova (Roménia), 0-1 e 1-0. Decisão por «penaltys» favorável ao Hajduk (3-1); Inter (Itália)-Trabzonspor (Turquia), 0-1 e 2-0 e Inter Bratislava (Checoslováquia)-Rabat (Malta), 10-0 e 6-0.

A primeira etapa das competições do futebol uefeiro entra na história. Impante, soberano, o Benfica passeou no Windsor Park sobre tímidos superamadores do Linfield. Nas Antas, só a quatro minutos do apito entrar no bolso do juiz, Gomes acabou com o suplício: e o Porto respirava de coração ao alto. E, enquanto Alvalade também suava as estopinhas, complicando por culpa própria o problema sevilhano, os vimaranenses (em Birmingham) pagavam a factura de uma defesa de manteiga. Sintetizando: Benfica na Taça dos Campeões, Porto na Taça das Taças e Sporting na Taça UEFA: amanhã, em Zurique, quando as bolas rolarem, fica marcado o rumo dos três símbolos que erguem o futebol português.

"Taça UEFA": Sporting, 3-Sevilha, 2

Quem quer a Europa não passeia em casa

Aquilo que poderia ter sido um ciclone de golos, um turbilhão de alegria, um ramalhete de situações jubilosas, acabou por redundar num suplício masoquista de todo o tamanho: o Sporting a complicar de tal modo uma tarefa aparentemente fácil que, às tantas, o «team» sugeria a casca de noz vogando em oceano turbulento.

É preciso que se repita, agora que entramos no período de compensação e reciclagem (depois daquele aflitivo susto que nem a melhor coramina conseguia acalmar) que a turma do Sporting pode eventualmente rubricar uma exibição curiosa, mas não está com o fundamental de preparo físico e de consciência táctica para ultrapassar situações de crise. Explica-se: o último reduto vive (ainda) da saudade de Meszaros, porque não basta ser um gigante e ter muito boa vontade, se a classe fica morando na escala mediana. Depois, sem Venâncio nem Carlos Xavier ou Festas, a cortina de «backs» fica no trampolim: pior ainda se o excelente Gabriel permanece arredado da forma ideal, a dupla central chuta ao desbarato ou deixa passar a serpente e somente Mário Jorge prossegue na escalada até ao lugar ao sol que lhe foi conferido pela confiança de Allisson.

Chega-se à charneira de meio-campo e, se não é Oliveira a mostrar o seu génio, a destapar o frasco de perfume, e logo volta a constatar-se como Romeu tarda a reencontrar-se e Lito baixa a metralha por falta de pólvora. Ordenação e serenidade, apenas quando o maestro pega na batuta: e nem todas as horas Vieira da Silva assina obras imortais. Por último, entra pelos olhos dentro que tanto Manuel Fernandes como o lesionado Jordão, o «capitão» como o goleador, ainda não retomaram o ritmo normal de produtividade, como que perdidos no esquema oscilante de Venglos, o professor que se debate com o insólito de ter um batalhão para comandar e não encontrar cabos ou sargentos para as portas da fortaleza.

O Sporting movimentou-se ontem com uma lentidão enervante, como se deslizasse sobre algodão, sem o lampejo da arte de um punhado das suas «estrelas» que (normalmente) ajudam a disfarçar a tal defesa caótica e sem bússola ou chefão, causa permanente do coração aos saltos em cada verde-branco na arquibancada. E, como o Sevilha soube (habilmente) ir tecendo um teia de aranha venenosa e polvilhada de **curare**, aí está como a imagem do leão na jaula, como que fechado a sete cadeados, não saía da retina do espectador daquele sofrido e espremido «show» em que o árbitro, saído certamente duma romanza napolitana ou dos bastidores de uma opereta, validou um golo sportinguista quando dois dos nossos enfiaram com Buyo na ponta da lança, para a seguir escamotear um **penaltie** do tamanho da Légua da Póvoa, naquele lance em que o mais jovem dos Alvarez travou no coração da área um centro de Gabriel, usando às ascâncaras a mãozinha esquerda. Muito especialmente andando para ali aos baldões, sorvido pela indisciplina que vinha do banco dos responsáveis espanhóis e quase ia transformando Alvalade no ringue do Madison Square Garden.

Futre (o menino de oiro de Alvalade), Mário Jorge (a sensação a despontar em pleno) e, logicamente, mestre Oliveira quando a inspiração toca na tela, salvaram o Sporting de um afundamento que chegou a pairar sobre o parque do Lumiar, aqui e além mesmo com a bandarilha de fogo da assobiadela que não era mais que o escape de alma, que uma espécie de tabefe que se estatela no rosto querido de uma criança amada, mas muito traquina. Que tão depressa entorna a sopa sobre o fato em estreia, como é capaz de regressar da escola com o bibe puro.

Fiquemos, portanto, nesta base: o Sporting, se quiser embolsar as glórias que o seu potencial legitimamente pode justificar, tem (urgentemente) de dar uma volta naquela defesa, na média, um safanão nos atacantes e, a todo um bloco, uma injecção da alegria de Futre e Mário Jorge, já para não falar que encontrar parceiros para o professor Oliveira é hoje por cá como pela estranja conhecida, mais difícil que descobrir agulha em palheiro. Entretanto, tenhamos fé e esperança: de qualquer maneira, o Sporting continua na Europa. Meio caminho andado para ninguém se lembrar que já perdeu um ponto na corrida pelo domínio da tribo.

Neves de Sousa

Lance para controvérsia: o auto-golo de Buyo, depois do choque com Manuel Fernandes. A dúvida: o sevilhano foi carregado em falta ou, pelo contrário, com uma saída em falso envergonhou o «palmarés»?

Com muito má arbitragem do italiano Luigi Agnolin, que esteve acompanhado pelos compatriotas Giancarlo Redini e Egídio Bellerin, alinharam:

Sporting: Katzirz; Gabriel, Zezinho, Virgílio e Mário Jorge; Kostov (Futre, 49 m); Lito, Oliveira e Romeu; Manuel Fernandes e Jordão (Fernando Cruz, 81).

Sevilha: Buyo; António Alvarez; Nino, Serna e San José; Francisco (José Luís, 73), Pintinho e Juan Carlos; Moisés, Juan Alvarez e Montero (Ruda, 82).

Golos: Montero (26 minutos), Buyo (31, na própria baliza), Juan Alvarez (47), Mário Jorge (59) e Oliveira (89). Cartão amarelo para Buyo, Serna, Alvarez I, Manuel Fernandes e Futre.

DESPORTO

"Taça das Taças": Porto, 1-Dínamo de Zagreb, 0

Gomes: explosão ao minuto 86

É difícil de descrever aquilo que terá sido uma das maiores «explosões» de sempre no Estádio das Antas. Cheio como um ovo, o anfiteatro portista sofreu como poucas vezes terá sofrido, mas depois vibrou, como raras vezes terá vibrado, quando Gomes, fazendo jus ao título de «Bota de Ouro» conseguiu, finalmente, abrir o ferrolho e a «porta» da Europa que estava mesmo, mesmo a fechar.

Foram 86 minutos de sofrimento, de emoção a rodos, de intranquilidade, de desespero. Porque, mesmo a jogar com dez unidades desde os 52 minutos, o Dínamo jamais se rendeu. Foi preciso que os portistas suassem as estopinhas para que a equipa jugoslava baqueasse, mas, de cabeça erguida. Aconteceu, quando faltavam apenas quatro minutos para o baixar do pano. Frasco isolou Jaime Magalhães, pela direita, indo este quase até a linha de fundo de onde centrou a meia altura para Gomes concluir com um toque subtil, para o lado da baliza que estava desguarnecido.

Possuidores de uma frieza impressionante, os jogadores jugoslavos deixaram apenas os dois laterais portistas (João Pinto e Inácio) com os movimentos livres, numa acção premeditada que visava a exploração do contra-ataque pelos flancos. A táctica do Dínamo era clara: «secar» os jogadores mais influentes do FC Porto e aproveitar a subida dos laterais para daí colher eventuais frutos no contra-ataque.

Sempre que os «azuis e brancos» (ontem, à noite, por sinal, completamente de branco, para não se confundirem com o equipamento todo azul do Dínamo) logravam criar uma situação delicada junto da baliza de Vlak, os jugoslavos impunham um ritmo mais lento, através de triangulações (em que demonstraram ser exímios) e de passes lateralizados ou, até mesmo, para o seu guarda-redes, indiferentes aos assobios e apupos da plateia.

O intervalo possibilitou a correcção de alguns dos erros de que a equipa portuguesa vinha enfermando. Pedroto fez sair Rodolfo e entrar Costa que passou a actuar descaido sobre o lado esquerdo, para obrigar a defensiva contrária a distender-se: curiosamente, logo no minuto inicial do período complementar Costa forjou um lance muito perigoso que culminou com o seu derrube dentro da área, a justificar (em nosso entender) a grande penalidade.

Entretanto, deu-se a expulsão de Dragan Bosnjak que já tinha visto o «amarelo», por obstrução a João Pinto e, foi brindado com o vermelho quando repetiu a falta sobre Frasco. Uma decisão bastante discutível do juiz da partida: na jogada anterior, Lima Pereira havia feito uma «gravata» a Mlinaric, quando este se escapava perigosamente e o árbitro apenas assinalou a falta, não exibindo como devia o cartão vermelho ao jogador portista, já que este também contava já com um «amarelo» desde os 11 minutos. Por amor à verdade, somos forçados a dizer que, desta feita, o FC Porto teve a arbitragem pelo seu lado.

Aliás, essa tendência do juiz da partida ficaria bem evidente daí para a frente, quando «marcou» mais dois jugoslavos com o «amarelo» e deixou passar em claro faltas idênticas praticadas pelos portistas.

Reduzido a dez unidades, o Dínamo manteve o seu esquema defensivo e «sacrificou» Mlinaric e Ringov como pontas-de-lança de um contra-ataque que chegou a causar calafrios. Com a entrada de Jaime Magalhães para o lugar de João Pinto, a turma portista passou a jogar com dois extremos clássicos. Mas o golo não aparecia. Com os nervos a pesarem, o FC Porto correu o risco de ser eliminado. Valeu um lampejo de Frasco, a sequência de Jaime Magalhães, e a entrada de Gomes que, surpreendentemente, lograra iludir a vigilância do seu «polícia», o espadaudo Zvedan Cvetkovic.

O triunfo do FC Porto foi, na verdade, mais do que justificado, embora (lamentavelmente) assente em pilares construídos por uma arbitragem manifestamente caseira.

Manuel Neto

Vlak defendia tudo

Árbitro: Robert Valentine (Escócia), auxiliado pelos seus compatriotas Duncan Gorebridge (bancada) e Freter Lambert (Maratona).

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto (Jaime Magalhães, aos 60 m), Lima Pereira, Eurico e Inácio; Frasco, Rodolfo (Costa, na 2.ª parte), Sousa e Jaime Pacheco; Walsh e Gomes.

DÍNAMO DE ZAGREB: Vlak; Bracun, Bogdan, Hadzic e Dragan Bosnjak; Branko Bosnjak, Zvedan Cvetkovic, Zajec e Mlinaric; Kranjcar e Boro Cvetkovic (Ringov na 2.ª parte).

Marcador: Gomes (86 m). Cartão amarelo: Lima Pereira (11 m), Dragan Bosnjak (27 m), Mlinaric (41 m), Vlak (58 m) e Bracun (65 m). Cartão vermelho: Dragan Bosnjak (52 m).

Sousa: difícil romper os «dinamos»

Lima Pereira: outro «amarelo»

Bilhetes falsos e desmaios

Os serviços de fiscalização do FC Porto detectaram, ontem, no jogo com o Dínamo, várias dezenas de bilhetes falsos que, segundo se presume, foram «fabricados» numa tipografia portuense. Apesar disso, a receita arrecadada ascende a cerca de 30 mil contos, o que se poderá considerar um recorde. De referir, ainda, que o movimento de socorristas da Cruz Vermelha foi grande, sobretudo quando o FC Porto obteve o seu golo e que Fernando Vasconcelos, chefe do departamento de futebol portista, foi um dos que desmaiou e que, por isso, foi assistido pelos homens da CVP.

TOTOBOLA a chave

Linfield-Benfica	2
Atlético Bilbau-Poznan	1
Gotemburgo-Roma	1
Olimpíakos-Ajax	1
FC Porto-Dínamo Zagreb	1
Gdansk-Juventus	2
Sporting-Sevilha	1
Aston Villa-V. Guimarães	1
Real Madrid-Sparta Praga	x
Ferencvaros-PSV Eidhoven	2
Groningen-Atlético Madrid	1
Leipzig-Bordeus	1
Hajduk Split-Uni. Craiova	1

O valor de cada prémio deste concurso é de 2 373 636 escudos.

"Taça UEFA": Aston Villa, 5-Guimarães, 0

Golos e erros como cerejas

O Vitória de Guimarães soçobrou no Villa Park (de Birmingham) perante um Aston Villa verdadeiramente irresistível e acompanhado daquela «estrelinha» que normalmente protege os campeões. Porém, os números finais não traduzem com verdade o que se passou durante os 90 minutos, porquanto o Vitória teve um comportamento bastante meritório até ao intervalo, sendo, então, atraiçoado por um falhanço do tamanho do castelo de Guimarães do guarda-redes Silvino. Ele, que costuma enfileirar no lote dos melhores...

Tudo começou mal para as hostes vitorianas: iam decorridos apenas dois minutos quando os ingleses abriram o activo. Também aqui teremos de dizer que se houve mérito no centro de Colin Gibson, também existiu manifesta negligência do lateral-direita vimaranense (Gregório Freixo) que teve o esférico dominado e perdeu-o para o seu adversário.

O Vitória acusou (sem dúvida) o golo frio: e durante largos minutos a precipitação apoderou-se dos seus jogadores. Passada que foi, no entanto, essa fase, os vimaranenses começaram a dar melhor conta de si e, pese embora a marcação de que foi alvo Nivaldo, a «máquina» montada por Stessl começou a dar outro rendimento. Fonseca, bem colado à linha, do lado direito, foi uma das «pedras» com que o técnico vimaranense contou para pôr de pé o seu plano e que, em primeira análise, visava travar as descidas de Colin Gibson e toda a acção ofensiva do Aston Villa por essa ala.

Para além disso, a posição rígica de Fonseca permitia (também) a entrada de Paquito por seu lado, a obrigar os ingleses a certas cautelas. Isso mesmo ficou demonstrado quando, numa incursão pela direita, Amândio deu «de bandeja» para Fonseca e este, à meia-volta, perdeu o ensejo de marcar um golo que podia ter alterado tudo.

Este falhanço constituiu (por assim dizer) uma quimera para os vimaranenses que, não raras vezes, se afoitaram demasiado na ofensiva e depois ficaram em «palpos de aranha» para aparar os contra-ataques dos ingleses.

Com um golo de desvantagem (apenas) ao intervalo, o Vitória de Guimarães acalentava ainda alguma esperança: num golpe de sorte podia conseguir o tal golo que, na circunstância, valia a dobrar. Aconteceu, porém, que mais uma vez a defesa vitoriana falhou na hora da verdade e o tento porque aspirava acabou por sorrir ao Aston Villa, logo após o regresso dos balneários. Desta feita, as culpas terão de ser endossadas por inteiro ao guardião Silvino, que teve o «pássaro» na mão e deixou que ele voasse para a cabeça de White.

Visivelmente baralhada, a turma minhota ficou, a partir daí, à mercê do Aston Villa, que cresceu de forma assustadora e, ante as tentativas sistemáticas do vimaranenses para alcançarem um golo, ficavam com terreno aberto para semear, mais e mais, a confusão. Foi a queda na vertical, o sonho lindo que se esfumava ante uma equipa galvanizada e ávida de golos.

Árbitragem sem influência no marcador e muito certa nos julgamentos cruciais do desafio, inclusive aquele que ditou a expulsão de Murça I.

Árbitro: Werner Foeckler (RFA), auxiliado por Pieter Niederfall (bancada) e Heinz Dalg (superior).

Aston Villa: Spink; Williams, Evans, Ormsby e Gibson; e Curbishley, Mortimer e McMahon; Walters, White e Tony Marley.

Guimarães: Silvino; Gregório Freixo, Amândio (Paulo Ricardo, aos 85 m.), Murça I e Laureta; Paquito, Nivaldo, Flávio e Murça II; Fonseca (Júlio, aos 78 m) e Eldon.

Marcadores: White (2, 48, e 90 m.), Ormsby (56 m.) e Gibson (75 m.).

Cartão amarelo: McMahon (25 m.), Laureta (60 m.) e Murça I (70 m.). Cartão Vermelho: Murça I (76 m.).

ponta esquerda

Goicochea: duro castigo

O futebolista Andoni Goicochea, que no sábado foi o causador de uma grave lesão no argentino Diego Maradona, foi castigado com 18 jogos de suspensão. O castigo ao jogador do Atlético de Bilbau foi anunciado após o encontro entre esta equipa e o Lech Poznan (da Polónia) para a Taça dos Clubes Campeões Europeus, que os bilbainos venceram por 4-0. Goicochea apenas fora advertido com um cartão amarelo após a jogada que obrigou Maradona a abandonar o campo em maca, com fractura no tornozelo esquerdo. Ontem, Goicochea apontou o 1.º golo dos bilbainos.

"Leões" voltam ao pedal

Manuel Graça (técnico), Joaquim Agostinho (chefe-de-fila), Marco Chagas (delfim) e José Amaro (pedalada para «sprint») vão reencontrar-se sob a mesma entidade patronal em que conheceram triunfos espectaculares. Exacto: o Sporting vai reactivar a secção de ciclismo, colocando à cabeça os dirigentes Fiel Farinha e Amílcar Cantarinha e recrutando ainda novos valores (José Henriques está na lista) para voltar às estradas em tom de campeão.

MICROSCÓPIO

Hóquei: triunfo

A selecção portuguesa de hóquei em patins, que se encontra a fazer um estágio em Monza antes de participar no Europeu (a realizar na localidade italiana de Vercelli) efectuou um encontro de preparação com o Roller de Monza, tendo ganho por 11-2. A equipa nacional apresentou a seguinte formação: Ramalhete (Domingos), José Carlos (3), Realista, Vítor Bruno (2), Cristiano (2), Trindade (3), Alves (1) e Vítor Rosado. A selecção defrontará amanhã, o Ford Bassano, equipa na qual passará a alinhar o jogador portista Vítor Bruno, após a conclusão do Europeu, que decorrerá entre 2 e 8 de Outubro.

Xadrez: nacional

António Fernandes e António Antunes vão discutir o título nacional de xadrez em próxima «finalíssima», depois de terem terminado igualados em pontos o campeonato realizado, em Ílhavo. Na última jornada, António Fernandes, que liderava com uma vantagem de meio ponto, empatou com Fernando Melão Pereira, enquanto António Antunes vencia Sílvio Santos. António Fernandes venceu o torneio, mas não conquistou o título, que apenas será decidido em Lisboa, em data a marcar pela Federação, num «match» entre aqueles dois xadrezistas. Restantes resultados da última jornada: Fernando Silva - João Sequeira, 0,5-0,5; J. P. Santos - António Fróis, 0,5-0,5; Luís Galego - Rui Silva Pereira, 0,5-0,5; Vítor Morais - A. P. Santos, 1-0. Classificação final deste 39.º Campeonato Nacional de Xadrez: 1.º António Fernandes, 8 pontos; 2.º António Antunes, 8; 3.º José Pereira dos Santos, 6,5; 4.º João Sequeira, 6,5; 5.º Rui Silva Pereira, 6,5; 6.º Fernando Silva, 6; 7.º António Fróis, 5,5; 8.º Fernando Melão Pereira, 5,5; 9.º Sílvio Santos, 4,5; 10.º Luís Galego, 4; 11.º Vítor Morais, 3,5; 12.º António Pereira Santos, 1,5.

Hipismo: saltos

O espanhol Rutherford Lathan e o português Manuel Malta da Costa venceram as duas primeiras provas do Concurso de Saltos Internacional de Lisboa, que até domingo decorrerá no Hipódromo do Campo Grande. Equipas de Portugal, Espanha, Inglaterra e Bélgica participam nesta 68.ª edição do certame. Rutheford Lathan (Montando «Capelo II») ganhou a 1.ª prova, tabela mista, com zero pontos e no tempo de 37,20 segundos. O inglês Grahan Fletcher (em «Fireone») foi 2.º com 0-38,63, e na 3.ª posição classificou-se o brigadeiro Henrique Caldo, (montando «Nefertina») com 0-39,27. Nas 4.ª e 5.ª posições ficaram o espanhol Alfonso Segóvia, (em «Golden Boy») 0-39,47, e o português José Manuel Nunes Carvalho (em «Kermesse de Vernix») 0-39,78.

Ginástica: Torneio Internacional

Portugal estará presente no sábado no Primeiro Torneio Internacional de Ginástica Rítmica Desportiva, a realizar no Pavilhão do Estádio de Alvalade (Lisboa). Além da representação portuguesa estarão ginastas da Inglaterra e da França. A prova vai servir para uma melhor preparação das atletas portuguesas seleccionadas para participarem no campeonato do Mundo, a realizar em Estrasburgo, em Novembro. A representação portuguesa foi entregue a Cristina Lebre, Maria João Falcão, Cristina Peleira e Margarida do Carmo, dirigidas pela professora Jeni Candeias. À equipa vencedora será atribuído o Troféu Califa. As entradas são livres e a competição terá lugar pelas 15 e 30.

DESPORTO

Berlim: 35 mil correram pela paz

Berlim, capital da RDA, foi teatro de um acontecimento memorável: 35 mil pessoas participaram na 2.ª Corrida de Paz. Vieram de todo o país, tendo-se-lhes juntado desportistas da União Soviética, da Bulgária, da Hungria, Roménia, Polónia, Checoslováquia, da Suíça, da Grã-Bretanha e da Grécia.

Juntamente com conhecidos atletas da RDA, como o campeão mundial de lançamento de dardo Detlef Michel, o campeão olímpico de vela da classe «finn» Jochen Schümann ou o guarda-redes da equipa nacional de futebol Bodo Rudwaleit, dezenas de milhares de pessoas manifestaram, com a sua participação, que **«é milhares de vezes melhor banhar-se em suor do que perecer em cinzas**Karin Bßner-Janz, várias vezes campeã olímpica de ginástica, (hoje médica e membro do Conselho de Paz da RDA), declarou no comício que precedeu a corrida: **«dizemos 'não' aos planos de guerranuclear dos EUA. Dizemos 'sim' às iniciativas de paz da União Soviética, que correspondem aos interesses vitais de todos os povos».**

Foi impressionante a imagem dos corredores, partindo em diferentes direcções depois do sinal da arrancada. Os organizadores tinham preparado diferentes distâncias: havia a meia légua (correspondendo à distância simbólica de 1983 metros) corridas de 5, 10 e 20 quilómetros e a maratona, havia (também) uma corrida de bicicleta (35km) e um passeio a pé (36km). Participaram desportistas-deficientes. Dezenas de milhares de berlinenses e muitos visitantes da capital da RDA prestaram o seu aplauso estimulante aos «activos».

A participação muito elevada (nunca houve antes na RDA uma actividade desportiva em que participassem 35 mil desportistas) constituiu uma afirmaçã de confiança na vida e contra a ameaça dos mísseis da NATO. O melhor corredor estrangeiro de 20 quilómetros, o moscovita Iúri Michailov, que participou pela primeira vez na «Corrida de Berlim», declarou no fim:

Na Corrida da Paz (de Berlim) participaram 35 mil pessoas

«Alegro-me especialmente por terem sido dados a conhecer, precisamente nestas horas em que aqui estamos, novos passos no sentido da paz dados pelo meu país, através das propostas do presidente do presidium do Soviete Supremo. Iúri Andrópov, tendo em vista o novo ciclo das negociações de Genebra sobre a limitação e redução dos mísseis de médio alcance. Estas propostas sublinham mais uma vez que os países socialistas fazem tudo para conservar e defender a Paz».

A «Corrida de Paz, de Berlim» constituiu, ao mesmo tempo, o ponto de partida de um grande número de comícios levados a cabo na RDA, por ocasião do 1.º de Setembro, «Dia Mundial de Paz». Expressão comum destas actividades foi que o planeado estacionamento de 572 novos mísseis de médio alcance dos EUA na Europa Ocidental, a partir do fim deste ano, agrava perigosamente a situação internacional, como nunca antes depois da Segunda Guerra Mundial. Se no «Dia Mundial de Paz», houve na RDA e em múltiplos outros países milhões de pessoas que se manifestaram em prol da paz e do desarmamento é porque ainda não se esqueceram do deflagrar da guerra em 1.º de Setembro de 1939 e das terríveis consequências que se lhe seguiram.

Mas a diferença entre esse tempo e o ano de 1983 é abismal: hoje, existe um forte movimento de paz mundial, que actua (poderosamente) contra a instalação de novos mísseis norte-americanos na Europa e a favor de negociações de desarmamento bem sucedidas. A população da RDA, que é parte integrante deste movimento, mais uma vez assegurou no «Dia Mundial de Paz» que tem consciência da responsabilidade que a história faz recair sobre os alemães: que nunca mais parta uma guerra de solo alemão! Eis o que a «Corrida de Paz» de Berlim confirmou.

«A vida e também o desporto precisam da paz. Desporto e paz formam uma unidade e são inseparáveis. Defenderei sempre este princípio», declarou (em Berlim) JannisGogos, antigo membro da equipa nacional de atletismo grega. **«A ideia olímpica, que nasceu na minha terra só pode subsistir na paz!»**

A juventude desportista do mundo quer encontrar-se no Verão de 1984, em Los Angeles, para celebrar os jogos das XXIII Olimpíadas. A opinião dos participantes na, «Corrida de Paz» a este respeito e a de que seria melhor que do país organizador dos Jogos Olímpicos partissem iniciativas e propostas de paz e desarmamento, em vez de novos mísseis para a Europa e sempre novas ameaças aos povos amantes da paz.

PANORAMA DDR

Placard

Boxe de 1ª

O filipino Frank Cedeco alcançou o título de campeão mundial de boxe, peso mosca, ao bater (por KO) o campeão inglês Charlie Magri, ao 6º assalto. A derrota de Magri registou-se aos 2 m 33 segundos desse «roud», após um golpe da esquerda que o atirou ao tapete. O árbitro (o italiano Angelo Poletti) aplicou a contagem máxima de protecção, mas teve de dar o combate por concluído depois de verificar que o pugilista inglês se encontrava impossibilitado de prosseguir. Frank Cedeco tem 27 anos e é considerado como uma das grandes esperanças do pugilismo filipino.

Aprender ténis

Depois de um curto período de férias a Escola do Centro de Ténis de Monsanto, sob a direcção do prof. Alfredo Laranjinha coadjuvado pelos professores Arnaldo Dias e Filipa Almeida) dá início a uma época de ténis, decididamente voltada para a juventude. À semelhança do que aconteceu o ano passado (num esquema agora melhorado) os jovens serão divididos em escalões etários subdivididos em níveis técnicos, para alem de uma classe de competição que nasce este ano como consequência do trabalho já produzido.

As inscrições para a Escola de Juniores estão abertas a 2 de Outubro e os testes de admissão estão previstos para dia 8 de Outubro.

Agostinho: Homenagem

A Câmara Municipal de Marinha Grande vai homenagear Joaquim Agostinho, durante uma recepção que decorrerá dia 5 de Outubro, no salão nobre do Município marinhense. Naquele mesmo dia disputar-se-ão as tradicionais voltas de Cristal e Volta dos Sete, esta última a partir das 15 horas e que contará com a participação de alguns dos melhores ciclistas portugueses: Marco Chagas, Venceslau Fernandes, Alexandre Ruas, Paulo Ferreira, José Xavier, Fernando Fernandes, António Pinto, Carlos Santos, Manuel Zeferino, Luís Domingos, Jacinto Paulino. Joaquim Agostinho apenas efectuará a chamada «Volta de Honra» ao circuito, antes do início da citada Volta dos Sete, que será antecedida de provas para jovens dos 6 aos 14 anos, com início às 9 horas, as Voltas de Cristal, estas no sistema de eliminação do último classificado em cada volta.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 37 DE 2 OUTUBRO.83

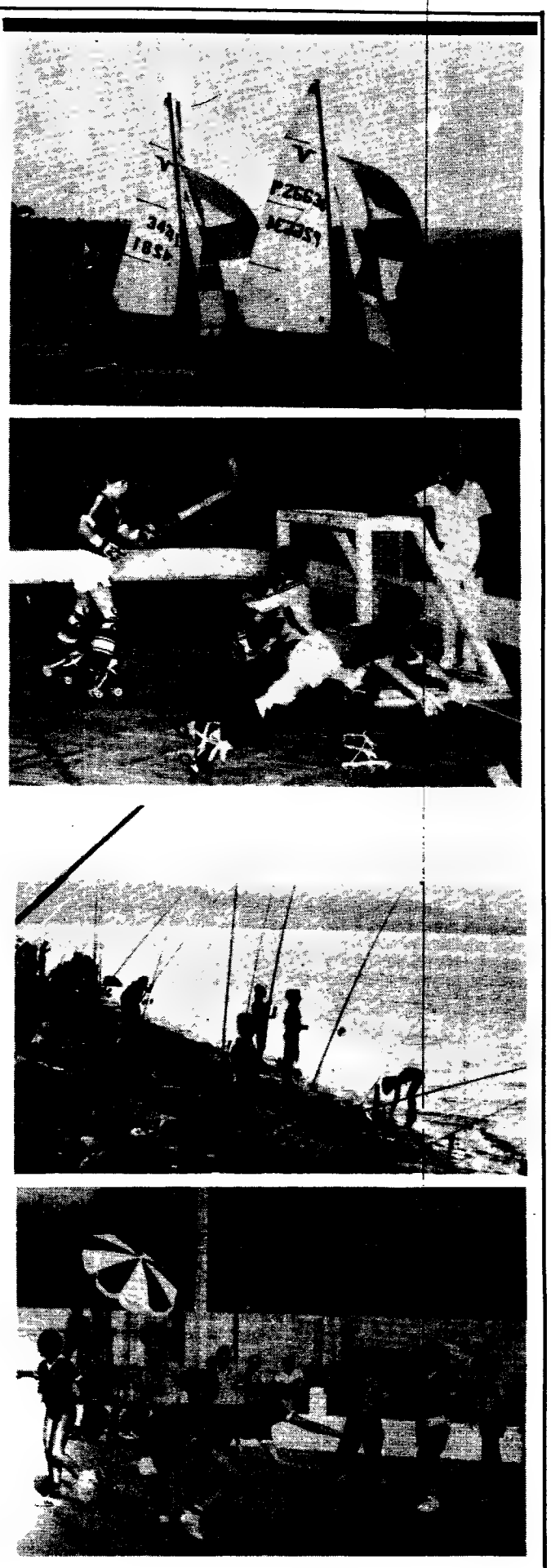
A Cor do Som x12 111 xx1 1x1x; Janela Aberta 212 11x 111 1x11; Pontapé de Canto x1x 1x1 xx1 1x1x; Gazeta de Felgueiras 21x 11x 111 1x1x; Rádio Totobola x1x 1xx 111 1x12; Correio de Coimbra 211 11x 11x 1xxx; Defesa de Espinho 21x 11x 111 1x1x; Folha do Domingo 21x 11x 111 12x1; Diário de Viseu 21x 111 xx1 x12x; Gazeta das Caldas 2xx 11x 11x 1211; Jornal da Beira 21x 111 111 1x11; Jornal Linhas de Elvas 112 11x 111 1111; Manchete Desportiva x1x 111 x11 1x11; Maria da Fonte 211 11x 111 1x1x; Notícias de Guimarães 2x2 1x1 121 1121; Jornal a Ordem x1x 11x 111 1122; Penalti 211 1x1 111 11x1; Reconquista 211 111 111 1111; RDP/ Secção Desportiva x1x 11x 1xx 121x; A Voz das Beiras 211 1x1 111 11x1; RDP-/Centro-Desporto em Análise 2x1 1xx xxx 1x11; A Voz do Domingo x1x 111 111 11x1; Voz de Lamego 211 111 111 11x2; RDP/Tempo de Desporto 211 111 1x1 111x; O Mensageiro x1x 1x1 111 1x12; Notícias de Viseu 211 xxx 1x1 x12x; Música e Não Só x1x 112 111 1xx1; RDP-/Ponto de Encontro 21x 1xx 1x1 x122; Bola Branca 212 xx1 11x 1xx2; Equipa Desportiva xxx 111 1x1 112x; O Jornal de Amarante 212 111 111 1111; Rodapé 211 x11 111 1x21; RDP-/Reportagens Exteriores 21x 111 1x1 1x1x; Telefonia Elegante 2xx 22x 1xx x211; Sais de Banho x11 11x 11x 1x11; Diatónico 21x 2x1 11x 2xx1; O Diário 21x 1x1 1x1 11x1; Diário de Lisboa 211 11x 1x1 11x1; O Emigrante 211 1x1 x1x 1211; Notícias de Évora 211 11 11x 12x1; Notícias de Gouveia x1x 11x 111 1121; Ecos do Cacia 21x 111 11x 11x1; Jornal do Fundão x1x 111 111 1xxx; A Voz de Palmela 212 111 1xx 1111; Jornal de Notícias x11 11x 111 1xx1; Quadrante Norte 211 111 1x1 111x; Resenha Desportiva x1x 11x 11x xx22; Repórter do Dia 212 111 11x 1x1x; Clube do Ar 21x 112 111 11x1; Diário do Porto 2x1 11x 111 1111; Ritmo e Amizade 211 111 111 1111; Jornal de Gaia 2x1 11x 11x 1x1x; Alvo Desportivo 111 11x 1xx 12x1; O Comércio de Leixões 21x 11x 111 x112; Estúdio 64 211 212 211 1x11; Jornal da Graça x1x 1xx 121 1x1x; O Primeiro de Janeiro 212 111 11x 11x1; Rádio Alvo 211 111 111 1111; A Voz dos Ridículos 211 111 111 1212; A Voz do Ave 211 11x 111 1112; Jornal Vento Norte x1x 1xx 111 1xx1; Alvo x1x 1xx 111 1x1x; Rádio Placard 111 111 111 1111; Rádio Sports 211 112 111 1111

	R				M	O		O	L	A	S
		1	X	2				1	X	2	a)
1.	BRAGA - BELENENSES	3	18	43				1	3	8	
2.	PORTO - GUIMARÃES	37	7	0				11	1	1	
3.	ÁGUEDA - FARENSE	20	29	9				5	5	2	
4.	ESTORIL - PENAFIEL	58	3	3				10	1	1	
5.	RIO AVE - VARZIM	47	16	1				9	2	1	
6.	SETÚBAL - BOAVISTA	32	28	4				6	5	1	
7.	PORTIMONENSE - SALGUEIROS	57	6	1				10	1	1	
8.	P. FERREIRA - SANJOANENSE	46	16	2				9	2	1	
9.	U. LEIRIA - ALCOBAÇA	47	17	0				9	3	1	
10.	ACADÉMICO - BEIRA-MAR	57	6	1				10	1	1	
11.	ODIVELAS - NACIONAL	29	27	8				5	5	2	
12.	OLHANENSE - AMORA	36	19	9				7	3	2	
13.	E. AMADORA - LUSITANO	36	18	10				7	3	2	

a)- Nos termos do Art9. 14º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
21X 111 111 1111

DESPORTO



"Seixalíada": festival de mocidade e alegria

Tem constituído um êxito espectacular a «Seixalíada», promovida pela edilidde seixalense com a imediata colaboração de todas as colectividades do concelho. Em diferentes locais, as provas vão chamando centenas de praticantes, dando tom de autêntica festividade a uma zona populosa que deliberadamente se vira para o desporto. Vela, hóquei em patins, pesca e andebol: etapas de uma realização a merecer os melhores aplausos

EXTERNATOS
SÉNECA
SEBASTIÃO DA GAMA
CICLO PREPARATÓRIO – GERAL – UNIFICADO
COMPLEMENTAR – 11.º E 12.º ANOS
Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º – Telef. 4 00 92
Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º – Telef. 82 27 76
1100 LISBOA

Lesão de Maradona: violência no futebol

A agressão que afastou o jogador argentino Diego Armando Maradona (Barcelona) dos campos de futebol, durante, pelo menos, quatro meses, ocorrida no sábado à noite, no desafio Barcelona-Atlético de Bilbau, pôs em destaque os dois cancros de que o futebol espanhol sofre desde há vários anos: a violência e a mediocridade da arbitragem.

A emoção deu lugar à indignação e à cólera, na Catalunha, onde se clama agora por *justiça*. A Imprensa catalã resumia perfeitamente a opinião geral ao falar, ontem, de *terrorismo desportivo* e ao reclamar a *cabeça* de Andoni Goikoetxea, o defesa «internacional» do Atlético de Bilbau, que poderá ser alvo de u ma sanção de 15 a 25 jogos de suspensão.

No sábado à noite, várias centenas de adeptos do «Barça» atacaram, à pedrada, o autocarro dos jogadores bascos, quando estes saíam do Nou Camp, antes de *cercarem* o hotel onde eles ficaram instalados, aos gritos de *assassinos*.

Andoni Goikoetxea, que teria recebido ameaças de morte por telefone, não é visto desde domingo.

A longa ausência de Maradona, que constituía a atracção número um do futebol espanhol, também terá graves repercussões financeiras para todos os clubes da 1.ª divisão.

No entanto, uma pergunta toda a gente faz se a emoção provocada na opinião pública pela personalidade da vítima acabará ou não por levar a Federação a cortar as duas raízes do mal: a violência e a má qualidade da arbitragem.

Embora seja useiro e vezeiro nesse tipo de actuação (foi ele que lesionou outro estrangeiro do «Barça», o alemão-federal Bernd Schuster, em Dezembro de 1981) Andoni Goikoetxea está efectivamente longe de ser um caso único no futebol espanhol. Os jogadores do FC Barcelona (que são hoje as vítimas) também não são a excepção à regra, como ficou provado em Maio do ano passado durante a final da Taça das Taças, perante o Standard de Liège. Todos aqueles que assitiram ao encontro de sábado à noite sublinharam também á pesada responsabilidade do árbitro (Jimenez Madrid) que tolerou uma série de agressões, tanto por parte dos catalães como os bascos, tendo-se limitado a mostrar o cartão amarelo ao defesa do Atlético de Bilbau.

Futebol sem fronteiras

● **O «calcio» ao ritmo do «samba».** Com 55 golos em duas jornadas o campeonato italiano parece ter entrado no ritmo do «Samba». O chefe de orquestra do grupo de basileiros que anima o «calcio» é a vedeta número um da selecção «auriverde»: Arthur Antunes Coimbra (Zico) que assinou mais dois golo, (em Catane) e fez subir o Udinese para o 1.º lugar da classificação. O Udine, comanda a par do AS Roma (campeão de Itália 1982/83) onde jogam outros dois braslieiros: Cerezzo e Falcão, que foram irresistíveis em Genova, face ao Sampdoria (2-1).

●

● **O duplo KO de Walsh.** Colin Walsh pôs o Norwich KO no campeonato de Inglaterra, ao assinar três golos para o Nottingham Forest, antes de ficar ele próprio estendido no terreno; a jovem esperança escocesa teve de sair de maca, inconsciente, depois de ter marcado o seu 3.º tento, com uma magistral «cabeça». Foi mais o medo do que outra coisa, mas Walsh, terá de ficar duas semanas em repouso.

●

● **Idílio italo-turco.** O jornal turco «Hurriyet» indica, que o guarda-redes do Inter de Milão (Walter Zenga) tinha proposto casamento a uma hospedeira turca, dentro do próprio avião que o levava e à sua equipa à Turquia, a fim de disputar o jogo da Taça UEFA com o Trabzonspor. A hospedeira (Zuhal Atmaca, de 22 anos) indicou que os amores do guarda-redes do Inter se deviam certamente à sua «depressão», visto que Walter Zenga é bastante infeliz actualmente na defesa das redes milanesas.

●

● **Ardiles operado.** O «internacional» argentino Oswaldo Ardiles fará a última tentativa de retomar a sua carreira brutalmente interrompida por uma fractura em Fevereiro. Será em Londres: Ardiles foi consultado por um especialista que o aconselhou a uma interenção cirúrgica e a colocação de uma placa metálica para consolidar a tíbia esquerda.

● **A resurreição de Kempes.** Irreconhecível na temporada passada, ao ponto dos dirigentes do Valência terem pensado em separar-se dele, o argentino Alberto Kempes realizou agora uma excelente época. Aquele que fora alcunhado de «matador»nos seus tempos áureos, desferiu o golpe fatal no Real Madrid marcando o golo que deu a vitória aos valencianos (e o seu terceiro em três jornadas) em «Santiago Bernabeu». Unica «sombra»: Kempes teve de sair na 2.ª parte, vítima de uma luxação num ombro. Terá de ficar inactivo durante um mês.

●

● **O mau aniversário de Bond.** Trevor Brooking (35 anos) o estratego e Billy Bond (37 anos) pilar na defesa e «capitão notáveis neste começo da época do West Ham. Contudo, Bond festejou bem mal o seu aniversário, sábado passado: um golo conseguido a quatro minutos do fim da partida West-Bromwich pôs termo à invencibilidade do West Ham no campeonato.

Colectividades

Ataense: bodas de ouro

O Clube Ataense, sediado em Atões (concelho de Gondomar) está a comemorar as bodas de ouro da sua fundação. O Ataense, que milita na 2.ª divisão distrital de futebol portuense procederá, no sábado, à inauguração da sua nova sede e uma exposição fotográfica evocativa dos 50 anos da sua actividade. As comemorações iniciam-se na 6.ª-feira com um encontro de futebol entre as equipas do Salgueiros e Espinho e continuarão a ser assinaladas durante o ano.

na sua agenda

CICLISMO: a Câmara Municipal de Arraiolos leva a efeito, no dia 1 de Outubro, integrada na Festa da Juventude/83, a 1.ª «Volta ao Concelho em Ciclismo». Duas etapas (respectivamente com 58,400 km e 37,500 km) chegada e partida a Arraiolos, com passagem por S. Pedro da Gafanhoeira, Sabugueiro, Santano do Campo, Aldeia da Serra, S. Gregório, Vimieiro. Cruzamento da Comenda e Igrejinha.

Hóquei em campo: leva-se ao conhecimento dos interessados que os treinos de seniores do Hockey Clube de Portugal, para a presente época, têm lugar no campo do clube (na Avenida do Brasil, em Lisboa) nos dias e às horas que se seguem: sábados: 9 horas; terças-feiras, 20; quintas-feiras, 20.

Ténis de mesa: o Clkube Alvinegro Portuense promove, a 15 e 16 de Outubro, o I Torneio de Outono. Destina-se a todos os escalões etários e é disputado individualmente.

MICROSCÓPIO

Estremoz avança

O rinque municipal de Estremoz vai transformar-se em pavilhão gimnodesportivo, dado o financiamento pedido pela edilidade local à Caixa Geral de Depósitos estar brevemente em condições de ser utilizado. A obra custará cerca de 20 milhões de escudos e incluirá a cobertura, balneários e vestiários para os atletas, além da ampliaçãoää das bancadas.

Entretanto, a Câmara de Estremoz prossegue as negociações com os dois clubes locais (Clube de Futebol de Estremoz e Grupo Desportivo de Santiago) para a cedência de instalações desportivas de modo a obter-se da Direcção-Geral dos Desportos uma comparticipação de 60 por cento sobre o custo da obra. O pavilhão gimnodesportivo é o 1.º equipamento a ser construído de uma série de infra-estruturas que vão integrar o parque desportivo municipal, a edificar na zona do Caldeiro.

Andebol: acções

A Associação Desportiva Sanjoanense promove, a 30 do corrente e 1 de Outubro, no pavilhão de S. João da Madeira, um torneio andebolístico de seniores masculinos, que contará com a particpação da Sanjoanense, Benfica, Académica de S. Mamede e Cisne Einosa de Pontevedra (Espanha), e decorrerá segundo o sistema adoptado na Taça Latina. O calendário do torneio já foi elaborado, como segue: Sanjoanense-Cisne (20.45) e Benfica-Académica S. Mamede (22 horas), na primeira jornada; apuramento dos 3.º e 4.º classificados (17.45) e final do torneio (19 horas), na segunda jornada.

Desporto: mitos e símbolos

Há interrogações a fazer imediatamente!

Manuel Sérgio

Treinar é, ou não, também educar, isto é, concorrer *al* formação de uma pessoa (ou pessoas), visando a sua valorização e **realização?...** Em **situação** de treino e de competição, pode, ou não, ajudar-se à formação do **homem novo** — de um homem mais saudável, mais liberto e libertador?... A alta competição (onde o futebol profissional decorre e se desenvolve) ainda é **desporto,** ou não passa mesmo de **trabalho?** E assim poderá dizer-se que o desporto de alta competição (incluo aqui todas as etapas de competição organizada e federada) é uma actividade lúdico-agonística de forte carácter antropológico?... Desportivamente falando, **competir** é hostilizar, ou dialogar, é fomentar ou **resolver contradições?...** Na competição, **joga-se contra** ou **joga-se com?...** Em desporto, haverá mesmo **jogos de vida ou de morte** ou **jogos impróprios para cardíacos?...** É verdade que a alta competição, no desporto, reflecte e reproduz as taras da alta competição feroz, que se verifica hoje, entre os homens, os grupos e as nações?... Não é o desejo incontrolado e a hipervalorização da vitória, que levam normalmente ao desrespeito pelo árbitro, pelo adversário (e por nós próprios) e a toda a sorte de comportamentos desonestos, por parte dos **agentes do desporto** (atletas, treinadores, dirigentes, árbitros, investigadores, jornalistas, enfermeiros-massagistas e médicos)?... É certo ou não que, por desleixo e oportunismo, se confunde **prática** e **repetição** de fórmulas velhas, gastas, decrépitas, dando-se propositadamente ao olvido que a **prática significa transformação** e pressupõe um trabalho teórico, perspective e antecipe uma nova prática?... Não é verdade que as reformas, se por um lado dependem umas das outras, também, por outro lado, se dinamizam recíprocamente e que não basta o desporto ao desenvolvimento desportivo?... Se se pretende atingir mudanças globais do sistema desportivo não deve enquadrar-se a política desportiva numa política nacional de desenvolvimento?... Praticar desporto deve dissociar-se de uma consciência cívica?... Os que proclamam a sua **neutralidade** é isso que pretendem e, portanto, não procuram estas pessoas que o desporto concorra ao adormecimento dos **humilhados e ofendidos** à recusa da sociedade injusta estabelecida?...

A pior derrota do desporto actual seria cair na fentação do desencanto e demitir-se diante do futuro a construir. Não há crise que o homem (e o desportista) não possa enfrentar e resolver. Mas importa que o desporto se questione e questione. Há interrogações a resolver... para se construir um Futuro (e um desporto) à medida do Homem!

Zimbabwe: a revolução rural

«NENHUM país pode viver apenas de seminários», declarou o ministro das Terras, Povoamento e Desenvolvimento Rural do Zimbabwe, Moven Mahachi, durante uma conferência internacional sobre Desenvolvimento de Tecnologia Agrária, que se efectuou, esta semana, na capital deste país.

Jeremey Ascuogh, do Departamento de Tecnologia da Universidade, apresentou, por seu turno, um programa audiovisual sobre o debatido tema «A Revolução Rural» e suas formas de organização.

O programa descreve um projecto aplicado em Inyanga, um distrito do Leste do Zimbabwe, com uma população de 85 mil pessoas habitando esta zona montanhosa e árida.

A iniciativa para o desenvolvimento da comundade Inyanga partiu dum grupo local, assessorado pelo grupo de Ascough.

A partir das suas humildes origens em 1980, altura em que, através do programa alimentação de emergência às crianças e refugiados da guerra foi fornecida alguma assistência para sobreviverem, o projecto desenvolveu-se e actualmente conta com um instituto de formação onde é ensinada mecanografia, encadernação, carpintaria, construção com blocos de cimento, cobertura de telhados e outras técnicas de alvenaria. Além disso, está prestes a ser inaugurado um centro de mulheres.

No centro de formação dispõe-se de alguns meios tecnológicos de aplicação com fins práticos, uma ideia surgida a partir da experiência de Ascough. Assim, por exemplo, foi introduzida na comunidade uma fórmula para o fabrico de sabão caseiro a baixo custo.

Igualmente bem sucedida foi a realização de projectos alimentares. Actualmente, o centro tem capacidade para reproduzir e distribuir galinhas e frangos, tendo assegurado o abastecimento de ovos e carne, criação de coelhos donde se extrai a carne e a pele, e de cabras para produção de carne, leite e queijo.

Algumas destas práticas são totalmente novas na comunidade. Com efeito, anteriormente nunca se tomava leite de cabra e o queijo era considerado um luxo de ricos.

Igualmente nova é a técnica do aproveitamento das peles de coelhos para confecção de casacos, em vez de serem deitadas fora.

Contudo, noutros casos os hábitos e a cultura da comunidde não permitiram que novas ideias fossem adoptadas. Assim, por exemplo, Ascough teve que renunciar à criação do coelho branco de olhos vermelhos por as pessoas considerarem que a sua carne não é comestível.

Outro exemplo foi o fracasso total de introduzir o arado de aço. Este destina-se a substituir o boi. No entanto, as pessoas preferem continuar a confiar no tradicional animal ou no tractor com o qual todos os campoenses sonham.

Ascough insistiu em que este tipo de atitudes não são os únicos obstáculos que se colocam ao desenvolvimento.

Muitas vezes o que falta é a assistência, que se ergue como um muro entre os esforços desenvolvidos e os resultados.

No Zimbabwe a falta de dinheiro para encetar projectos é a principal carência.

Segundo Ascough, há no país muitos artesãos altamente competentes e com grande aptidão para o trabalho em madeira e couro.

No entanto, o custo desses produtos é muito alto devido ao tempo que levam a ser executados. Consequentemente, os produtos não têm mercado interno e falta a estrutura necessária que permita a colocação destes artigos no exterior.

Para fazer, por exemplo, um tacho de madeira é preciso cerca de uma semana. Tomando como base o salário mínimo, o seu custo poderia ser de 13 dólares americanos. Para a maioria dos zimbabwanos é inacessível, mas para os mercados europeus é aceitável.

Para assegurar a consolidação dos mercados externos numa revolução rural, acrescentou Ascough, é necessário garantir que os artesãos tenham à sua disposição os instrumentos necessários que melhorem a sua eficácia e permitam a venda dos artigos a nível local.

No passado, o governo ignorava todos estes problemas da gente do campo. Com o governo actual existe uma grande variedade de departamentos e agências governamentais dedicadas ao estudo de possíveis soluções para o desenvolvimento rural.

Graças ao seminário, um novo problema foi descoberto: o da falta de coordenação entre todas as agências e departamentos.

Só no goveno há três ministérios dedicados a assuntos femininos e desenvolvimento governamental. Além disso, outras três dependências dedicam-se ao desenvolvimento rural.

Os funcionários governamentais que assistiram ao seminário abordaram com franqueza os problemas da competência, inércia burocrática e falta de coordenação.

O debate concluiu com uma consideração que indica que embora o povo do Zimbabwe esteja maduro para experimentar uma mudança nas suas condições de vida, os que desejam ajudá-lo têm todavia que passar por várias reformas.

Coleen Lowe/IPS

A ilha dos cães

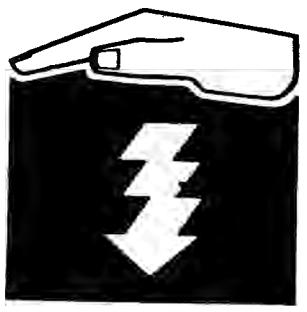
22

Desenho Florenci Clavé

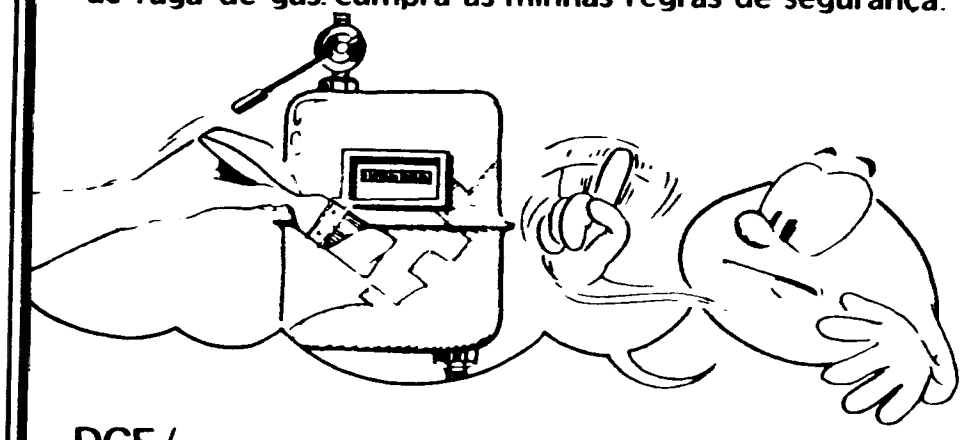
Texto Guy Vidal

Continua

POUPE ELECTRICIDADE
Direcção Geral de Energia
Campanha de poupanca de energia



Nao pinte o contador – isso pode esconder pontos de fuga de gas. Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTIVEIS GASOSOS

crónica de touros

SOLILÓQUIO

Num lugar de La Mancha...

Praça de Touros de Madrid. Domingo, 28 de Agosto de 1983. Touros de Pilar Poblacion del Castillo para Teodoro Librero «Bormujano» (que confirmou a alternativa), Paco Aguilar e Sanchez Puerto.

«En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme, no ha mucho tiempo que vivia un hidalgo de los de lanza en astillero...»

Ássim começa a sublime história de Don Quixote de la Mancha; pois não era outro o engenhoso fidalgo que à porta de casa tinha o armeiro onde repousava sua lança, sinal de autoridade e grandeza, prenúncio de imortais aventuras.

Mas assim não têm de começar todas as histórias que na Mancha sejam nascidas. Porque razões tinha Cervantes para não querer nem lembra-se do nome do lugar, Argamasilla de Alba se chamava, «pueblo» do priorado de San Juan, algumas quatro milhas a poente de Manzanares: ali sofreu de maus tratamentos, ali o obrigaram a conhecer a solidão do cárcere. Bemvinda solidão que o fez sobre os manchegos arquitectar vingança, de sua terra oferecer ao disfrute a história de Don Quixote, figura universal, construída com os grãos de sonho e de loucura de toda a gente, também do sonho de ser toureiro e da loucura daqueles a quem numa tarde, como por encanto, ele se revela e faz verdadeiro.

Madrid. Corrida de Verão. Nas bancadas da Monumental, os mais são os lugares vazios, como manda o cartaz, matadores nodestos que a arena atravessam, as cabeças descobertas, a montera na mão, e em silêncio se detêm: para que nesse minuto possam os presentes chamar sua a lembrança de Manolete, o monstro, último califa de Córdova. Faz precisamente trinta e seis anos que em Linares um Miura deixou vazio seu trono.

Não será pelo presságio da tragédia recordada, nem pelo jogo desigual mas aceitável dos touros salmantinos de Pilar Poblacion, que a tarde decorre assim monótona e fria, o público preparado para o recurso de se fixar nos subalternos, na valentia serena e eficaz de António Codeseda,na certeza com que Curro Alvarez move o percal, e nas bandarilhas se mede com a certeira destreza de Antonio Gonzalez. Porque Teodoro Libero já não é o mesmo «Bormujano», por ele ou pelas circunstâncias, que no começo dos anos setenta rompeu nas arenas com tantos ânimos: ainda que lhe tenham sobrado os bastantes para vir agora reaparecer na capital do reino, confirmar onze anos depois uma alternativa que não voltará a ser dourada. E Paco Aguilar está acabado, se é que alguma vez verdadeiramente começou este matador de Málaga, que indeciso recolhe a saída imponente do touro segundo, serão os inimigos a determinar o movimento do toureiro, que perdido procura o sítio, naquela arena que se lhe vai fazendo demasiado grande, sem abrigo para o seu fracasso.

Mas eis que, saltando à arena o terceiro touro da tarde, «Canastillo» se chamava, negro, ao encontro lhe sai o também terceiro e modesto matador, de branco e ouro vestido. A praça sobressalta-se. As verónicas são clarões, desfazem em luz a nuvem de pó que o galope do touro na arena levanta. Os olés crescem, surpreendidos. Como se estiram aqueles braços, como se transfigura o corpo pequeno que os move! Meia verónica, o joelho em terra, e no ar o fumo que as palmas fazem de vibrantes. O touro cumpre em varas, acode às bandarilhas, toma dois pares de Rafael El Boni, outro de Calderon. Brinda à praça o matador, entre o aplauso que com o silêncio se faz maior, quer dizer esperança. No primeiro ajudado, o touro leva-lhe a muleta. Um sussurro de desconsolo, receoso do rebate falso, corre pelas bancadas. Mas o toureiro está outra vez ali, no lugar do primeiro desafio. Dele levará «Canastillo», para que no remate duns passes por baixo, preciosos, toureiríssimos, estejam os dois sozinhos, no desamparo dos médios, ali onde a faena há-de ser. Faena que o touro precisava, e também merecia. Mas faena diferente do que é trivial. Seria verdade, dizer que os naturais eram extensos, que suavemente se continuavam nos remates. Mas isso pode dizer-se de muitas faenas de muitos espadas. Desta bastam três palavras: breve, ligada e toureira. A praça estava já vencida quando chegou a plástica soberana de três ajudados por baixo, a inteireza do passe de peito, a luz do farol – tudo como se fosse uma só peça, exposta no lugar onde o touro vai receber a estocada inteira, dela sair andando vagaroso, no esforço supremo que lhe manda o instinto último, chegar às tábuas onde mais abrigado possa deitar sua agonia, olhar ainda uma vez a praça que se faz branca, «Canastillo» não sabe se branca da nuvem que lhe chega aos olhos, se dos tantos lenços que ansiosos se agitam.

O último da tarde, um sobrero de Cobaleda, seiscentos quilos e afiada lenha, era bronco de mais para se repetir o espanto: mas longe esteve de o apagar, na tarde persistia o sabor, que novas tardes em nome da justiça reclamava. Chama-se Antonio Sanchez Fernandez. Por Sanchez Puerto é tratado, pouco tratado tem sido, nas arenas e cartazes. Nasceu num lugar da Mancha, em Cabezarrubias del Puerto, pequeno «pueblo» de Ciudad Real, cravado no vale de Alcudia: um lugar que Cervantes não havia de querer esquecer, se em certa tarde de Madrid o tivesse visto, ao toureiro nele nascido, Quixote vestido de branco e ouro, diante dum touro negro, esgrimindo sozinho, a espada escondida num trapo vermelho.

Dia Internacional da Música

A Fundação Gulbenkian vai comemorar no dia 1 de Outubro, tal como tem sido hábito nos anos anteriores, o Dia Internacional da Música, com uma série de manifestações musicais, a realizar no Grande Auditório.

Assim, às 16 horas, daquele dia, apresentar-se-ão alguns jovens solistas, bolseiros da Fundação Gulbenkian, nomeadamente as violinistas Alexandra Mendes e Cecília Branco, a violetista Leonor Braga Santos, as cantoras Lia Altavilla e Helena Afonso e os pianistas José João Santos e Nuno Vieira de Almeida, que interpretarão obras de Mozart, Poulenc, R. Halffter, Schumann, Vitali, Eric Satie, Cole Porter e Charles Ives.

Mais tarde às 18 e 30, a Orquestra Gulbenkian dirigida pelo maestro Gerard Oskamp, realizará um concerto em que colaborarão também dois jovens solistas, bolseiros da Fundação, o oboísta José Coutinho e o clarinetista António Saiote, os quais tocarão, respectivamente, **Introdução, Tema,** e **Variações op. 102** de **Hummel** e **Concerto para clarinete e orquestra de Kurpinski.** A Orquestra Gulbenkian executará ainda a **Sinfonia em Si Bemol** de Leal Moreira e a **Sinfonia n.º 38 «Praga» de Mozart.**

À noite, às 21 e 30, o Coro Gulbenkian, regido pelos maestros Michel Corboz e Fernando Eldoro, cantará obras de Manuel Machado, D. Pedro de Cristo, Gaspar Fernandes, Fr. Filipe da Madre de Deus, J. S. Bach, Poulenc, Ravel, Debussy e Franck Martin.

FILMES CASTELLO LOPES 66
apresenta
ROMY SCHNEIDER / YVES MONTAND
CLAIR DE FEMME

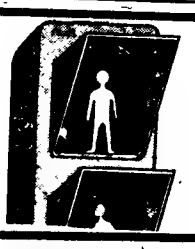
A LUZ DA PAIXÃO
O filme de COSTA GAVRAS
com ROMOLO VALLI · ROBERTO BENIGNI · DIETER SCHIDOR
AMANHÃ ÀS 21.30 ESTREIA EM 2 CINEMAS
INAUGURAÇÃO 6ª FEIRA
CINE 222 COLORIDO
CINE TURIM em Benfica (frente à Igreja)
O grande filme da nova temporada

FILMES CASTELLO LOPES 66 apresenta
FORMIDÁVEL!

CHARLES BRONSON
O RAID RELÂMPAGO DOS COMANDOS
Colorido
PETER FINCH · HORST BUCHOLZ · MARTIN BALSAM
EDDIE CONSTANTINE · SYLVIA SIDNEY · JACK WARDEN
O FILME DE IRVIN KERSHNER
O mesmo Realizador de O IMPÉRIO CONTRA-ATACA
A MISSÃO IMPOSSÍVEL
SALVAR OS REFÉNS DO AVIÃO DESVIADO...
O MUNDO SUSPENSO!
Não acons. men. 18 anos
4ª semana AMANHÃ quinteto

FILMITALUS

OS SALTEADORES DA COBRA DE OURO
DAVID WARBECK · ALMANTA SUSKA · JOHN STEINER
ANTHONY M. DAWSON
A PARTIR DE HOJE
ÀS 21.15
Centro Comercial A. C. Santos
Av. da Igreja
CINE Estúdio ACS


NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

crítica de teatro

CARLOS PORTO

"Annie": viva o espectáculo abaixo o discurso

«ANNIE». Texto: Thomas Meehan. Música: Charles Strouse. Poemas: Martin Charnin. Versão portuguesa: César de Oliveira. Encenação: Armando Cortez e Angel Yusta. Direcção de montagem: Moniz Ribeiro. Direcção musical e coros: Jorge Machado. Coreografia: José Luis Ardis. Figurinos: J.M. Costa Reis. Interpretação: Armando Cortez, Carlos Quintas, Manuela Maria, Natália de Sousa, Nicolau Breyner, Rita Ribeiro, Fernando Lito, Noémia Costa, Verónica, Luis Horta, Rui de Sá. As orfãs: Sandra Nunes (Annie), Ana Lúcia, Joana de Sá, Ana Margarida, Catarina Matos, Cláudia Carvalho, Silvéria Batista. Produção: Sérgio de Azevedo. Teatro Maria Matos. Estreia: 23-9-83.

Sejamos claros e categóricos: o espectáculo do Maria Matos, produção de Sérgio de Azevedo, é um grande espactáculo que recomendamos entusiasticamente a todos os leitores. Grande espectáculo, excepcional espectáculo no nosso teatro, e em especial no nosso teatro comercial, também aí convém ser categórico e claro. Isto para evitar chavões do género: Quis faser um espectáculo como os melhores dos países evoluídos (declarações de Sérgio de Azevedo no final da estreia); acho que este espectáculo não desmerece daqueles que já se fizeram noutros palcos da Europa (declarações de Armando Cortez ao «Expresso»). Façamos o possível por evitar cair em situações tipo «Vila Faia»: fizemos uma telenovela limpinha logo nos classificámos como tão bons ou superiores aos brasileiros (o pior é que a seguir vem «Origens»). Isto decorre daquele nosso provincianismo, se calhar atávico, que nos faz chamar pacoviamente a Aveiro a «Veneza Portuguesa» e a Coimbra a «Lusa Atenas». Por estas e por outras é que o Almada protestava: Se o Dantas é português, eu quero ser espanhol!

Pois é. «Annie», grande espectáculo em Portugal, e nem é preciso mais. E, no entanto, dir-se-ia tratar-se de qualquer coisa de impossível. As experiências anteriores no campo da comédia musical não deixavam margens para grandes optimismos. Parecia faltar-nos tudo: infra-estruturas, tradição, capacidade técnica, bom-gosto, polivalência interpretativa. E, neste espectáculo, uma outra calamidade se perfilava no horizonte, terrível: as criancinhas. Já sabemos: são o melhor do mundo, mas transformadas em vedetas televisivas são uma catástrofe. De facto, algumas das principais personagens, além da protagonista, exigem intérpretes com menos de dez anos ou à volta disso, capazes de representar, de cantar, de dançar. Só de nos lembrarmos dos perigos da criança-marioneta, tipo Maria Armanda, tínhamos arrepios.

Daí o espanto de que aqui quero dar testemunho. Todos os escolhos foram ultrapassados sem grandes mossas para o barco em tão perigosa navegação. E por isso devemos tirar uma chapelada a Sérgio de Azevedo, a quem prioritariamente se deve este êxito, e dividi-la com César de Oliveira, a quem se deve a versão portuguesa e parte da supervisão do espectáculo.

É claro que num espectáculo como «Annie» é difícil saber o que é cópia e o que é criação. Como não vi o filme nem nenhuma encenação estrangeira, não me posso pronunciar a esse respeito. Não deixarei, no entanto, de assinalar a presença, algo suspeita, de um supervisor norte-americano e de um co-encenador espanhol. Aliás, esse aspecto não me peocupa muito: em teatro, mesmo que não seja original, há sempre uma considerável margem de criatividade: na adaptação do texto e, sobretudo, no trabalho dos intérpretes.

«Annie» conta, naturalmente, uma história banal, mais uma versão da «Gata Borralheira». Neste caso, a Gata Borralheira é uma miúda que foi deixada pelos pais num orfanato de Nova Iorque. Aí vive com as suas companheiras de desgraça sob o comando sem tréguas de Miss Hannigan, solteirona suspirosa que gosta da pinga, ouvinte dos folhetins radiofónicos (sus)pirosos, e tirana implacável. Annie resolve um dia libertar-se e parte à procura dos pais. Não os encontra mas encontra um cão e depois um polícia que a remete à procedência. Antes disso conhece os vagabundos que vivem debaixo da ponte, gente da classe média vítima da crise dos anos 20 (uma das melhores cenas do espectáculo). De regresso ao orfanato, Annie acaba por ser requisitada pela secretária do multimilionário Oliver Warbucks que procurava uma órfã para lhe mitigar, no Natal, as agruras da vida. O multimilionário leva a menina à Casa Branca onde a apresenta a Roosevelt, ele mesmo. E o resto é óbvio. O multimilionário–príncipe encantado desta história–resolve os problemas todos, com o auxílio da muito citada F.B.I. Aliás, o relacionamento do milionário com Roosevelt dá o tom rosa ao conto de fadas.

Comédia musical, «Annie» é naturalmente narrado através do diálogo, das situações, das canções e das danças. Mas é-o também pelo próprio cenário, pelo guarda-roupa, pela decoração, pelos figurantes. Um espectáculo como este só existe se funcionar tudo sobre rodas bem oleadas, sem falhanços, sem pontos mortos, sem pifiezas. Desde a música, gravada ou ao vivo, ao simples gesto do levantar da perna do criado menos visível, ao comportamento, relativamente imprevisível, do cão, tudo deve ser impecável. Não digo que tal aconteça no espectáculo do Maria Matos. Mas bastou que este fosse rodeado de cuidados realmente excepcionais para atingir o nível que atingiu.

Múltiplos cenários de interiores e exteriores (de Nova Iorque!), volumes, telões, transparentes, a escadaria do final, elementos decorativos (a Mona Lisa, a Vénus de Milo, propriedades do milionário!), excelentes, possivelmente feitos a partir das maquetas originais, funcionando salvo num ou noutro momento, sem problemas (aqui as felicitações vão para Moniz Ribeiro, José Manuel, Manuel Vitória e colaboradores); guarda-roupa extremamente cuidado e com alguns fatos muito bonitos (criações de José Costa Reis, execução com a perfeição de Emília Lima); sonoplastia e música ao vivo, com alguns play-backs bem metidos, igualmente de qualidade (Álvaro Saches); luminotecnia igualmente atenta embora, numa ou noutra cena, talvez insuficiente (José Grilo)–tudo isto é duma importância que não é necessário sublinhar.

Falta o fundamental: a interpretação. Não apenas as crianças, ao mesmo tempo descontraídas e extraordinariamente capazes, mas também os actores principais; mas não só aqueles e estes, mas também os secundários e os figurantes–é através desta matéria humana que o espectáculo se torna notável. Pode dizer-se sem exagero que nesse aspecto se trata de um espectáculo histórico: os nossos actores provam aqui ter reservas de talento que não precisam mais do que ser aproveitadas. Dir-se-ia que este espectáculo inculca uma lição inesperada e essencial: se em vez de se recorrer, externamente, a empréstimos ruinosos, e, internamente, à exploração dos trabalhadores, o Poder, este ou outro, não só aproveitasse as riquezas da nossa terra como sobretudo as capacidades, os recursos de engenho, trabalho, talento do nosso Povo, a crise seria rapidamente vencida.

Pergunto se o que as crianças do Maria Matos fazem não é, simbolicamente um sinal disso? E se o não é o talento, tão vergonhosamente subaproveitado pelo teatro comercial, de Manuela Maria que aqui representa, canta e dança como se nunca tivesse feito outra coisa; e o talento de Nicolau Breyner que conseguiu em oito dias de ensaios erguer a sua personagem, representar, dançar e dançar como ele o faz; e a personagem de Roosevelt tão bem desenhada por Armando Cortez; e Rita Ribeiro, num papel «pivot» da peça, não só a menina bonita do espectáculo mas uma actriz com talento; e Fernando Lito que faz uma composição tão certeira em Bert Healy; e Carlos Quintas, no «gangster» sem classe, embora exagerando a composição por contraste com a sobriedade dos outros intérpretes (culpa da maneira como foi dirigido); e Natália de Sousa dando presença a uma personagem quase sem presença, assim como Luís Horta, e os outros intérpretes, Verónica, Rui de Sá, Sara Machado, Noémia Costa, Francisco Brás, João Santos, Licínio França, Henrique Pinho. E, para repetir, sobretudo as crianças que espero não venham a estragar-se (é esse o risco): Sandra Nunes, Ana Lúcia, Joana de Sá, Ana Margarida, Catarina Matos, Cláudia Carvalho, Silvéria Batista.

O público da estreia, naturalmente de encomenda, delirou com o espectáculo que constantemente aplaudiu: a receita não podia deixar de agradar, e como estava bem apaladada o êxito é justo. Até aí tudo bem. O pior é que o êxito subiu à cabeça do empresário. Presente no palco, ei-lo a botar discurso. Que quis fazer um espectáculo como o que de melhor se faz nos países mais evoluídos, como acima escrevi; e que tinha que estar muito agradecido à C.M.L. e em especial ao seu presidente, presente na sala (concepção capitalista-ditatorial do serviço público); e que o governo subsidiava espectáculos maus...nessa altura desisti e virei-lhe as costas. Pois quem é o Sr. Sérgio de Azevedo para julgar os espectáculos que o governo subsidia? Lá que ele se faça a um subsidiozinho é uma coisa, agora atacar os trabalhadores de teatro que em condições tão duras têm ajudado a não deixar morrer o teatro em Portugal–isso aí mais devagar. Convém lembrar ao empresário de «Annie» que com 10% do que ele gastou com o seu espectáculo («vinte mil, oitocentos e poucos contos», disse ele ao «Expresso») grupos independentes têm apresentado grandes espectáculos, autênticas criações e não meras cópias de espectáculos comerciais. Isto não significa, como ficou claro, que não se aplauda e apoie esta surpreendente «Annie». Por isso se repete: Viva o espectáculo, abaixo o discurso!

Yves Montand voou à esquerda e agora pousa à direita

Yves Montand já não gosta da esquerda. No fim de 35 anos de uma coabitação nem sempre fácil com ela, o cantor e actor francês parece ter escolhido o divórcio.

Não se passa agora uma semana sem que Yves Montand, de 62 anos, que foi outrora companheiro de estrada do Partido Comunista Francês, se apresente a criticar a esquerda no poder, exaltando-se mais particularmente contra os comunistas.

Assim, 2.ª feira colocou-se deliberadamente nas fileiras dos «Desiludidos do socialismo», achando que «a esquerda passa o tempo com blá-blá» e que já não merece crédito devido à falta de lucidez.

Numa entrevista à France-Presse, o actor-cantor atirou-se à «demagogia, às asneiras e ao sectarismo» metendo no mesmo saco os sonhadores da esquerda», «os pacifistas oeste-alemães», e «os estalinistas» do PCF.

Já no princípio de Setembro, passados somente alguns dias sobre a destruição do «boeing» sul-coreano, Montand fizera sensação ao denunciar a presença de comunistas na lista de esquerda de uma eleição municipal parcial em Dreux (oeste de Paris) mais do que a alta espectacular da extrema-direita com argumentos racistas, e que tanta emoção haviam causado nas hostes da «inteligentsia» de esquerda.

No entanto, Montand não se junta às fileiras da oposição embora não hesite em tirar o chapéu

a «esta direita que esteve no poder em França durante 35 anos e que fez coisas extraordinárias no plano económico».

«Hoje, o inimigo principal é o Goulag», diz Yves Montand que não perde uma oportunidade para se manifestar contra o «estalinismo» reinante na União Soviética e nos países socialistas. Longa evolução pra este homem que foi o primeiro cantor ocidental a efectuar digressões nos países do leste, em fins de 1956, a seguir à intervenção soviética na Hungria.

A lua-de-mel de Yves Montand com o Partido Comunista não sobreviveu muito tempo, é verdae, aos acontecimentos na Hungria, mas o cantor-actor ficou a partir dessa altura simpatizante de todas as cusas defendidas pelos intelectuais de esquerda franceses, com Jean-Paul Sartre à frente: a solidariedade para com os nacionalistas argelinos e a revolução cubana, a luta pela paz no Vietname nos anos sessenta, a adesão à revolta estudantil do Maio de 6B em Fmaça, a denúncia de ditaduras pró-ocidentais no Chile ou em Espanha, etc.

Este período poderia ser simbolizado pelos três filmes que Yves Montand rodou com um cineasta tão conhecido como Costa Gravas: «Z», (1968), «A Confissão» (1969) e «Estado de Sítio» (1972), denunciavam respectivamente o regime dos coronéis na Grécia, as purgas estalinistas na Checoslováquia nos anos 50 e o papel da CIA na América Latina.

Porém este Montand – versão 1983 – tem uma outra linguagem, reclama mais «firmeza» no Tchad face ao coronel Khadafy, aliado da URSS.

Hoje denuncia o pacifismo dos jovens oeste-alemães e o seu «slogan» «antes vermelho que morto». «Porque é que eles não começaram a desfilar antes da instalação dos misseis ss-20 soviéticos?», insurge-se ele. E no entanto, na época da guerra dos franceses na Indochina, em 1953, tornou-se popular através de uma canção pacifista proibida na rádio durante anos.

Outro sinal dos tempos: Montand não tem palavras suficientemente duras contra a presença palestiniana armada no Líbano ficando porém prudente quanto aos cofrontos no Salvador, «um país onde se pode filmar livremente, o que não acontece em Cuba ou no Afganistão».

Mas o centro da sua actividade política fica na Polónia:

Ao lado da mulher, actriz Simone Signooret, ela própria contraída perante a evolução política do marido, milita abertamente a favor do «Solidariedade», de que trás o distintivo quando aparece em público.

NicolasShahshahani (AFP)

Duas importantes edições da Gulbenkian

Em edição da Fundação Gulbenkian, através do seu Centro Cultural Português de Paris, acabam de ser publicadas duas novas e importantes edições: «Manuscritos do Arquivo Histórico de Vincennes» (referentes a Portugal – III-1807-1811), de que é autor António Pedro Vicente e «Un Pionnier de la Propagande Liberal au Portugal: João Bernardo da Rocha Loureiro (1778-1853)», de que é autor Georges Boisvert.

O primeiro trabalho é constituído por «um novo acervo documental, ainda que de interesse variável, para o estudo dos acontecimentos que se prendem às Invasões Francesas em Portugal». Trata-se, por assim dizer, de um «prólogo» à história portuguesa de 1807, que «continua tão ignorada nos seus aspectos político, militar, social e económico». São 30 os estudos agora tornados públicos e que são, na sua maioria, elaborados por engenheiros militares com formação adquirida em Escolas Superiores francesas da especialidade. São também em grande parte executados durante a estadia dos exércitos de Junot em território português, tendo em vista a consolidação da ocupação ou a previsão, que se veio a realizar, de novas invasões.

A segunda obra, que é dedicada ao doutor Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Galbenkian, e ao prof. Pina Martins, antigo director do Centro Cultural de Paris, principia por aludir ao embarque da família real portuguesa para o Brasil, assinala o início do período liberal, refere-se a dois jornalistas «improvisados», João Bernardo da Rocha Loureiro e Pato Moniz que no «Correio da Península» «procuram desenvolver, a partir de um «discurso» de propaganda patriótica, um «discurso» de propaganda política apresentando sob uma forma teórica os elementos da ideologia liberal». Tão importante trabalho insere uma ampla biografia de Rocha Loureiro (1.ª parte), sendo a II parte dedicada ao estudo da «Propaganda patriótica à Propaganda Liberal» de «O Correio da Península», num total de 9 capítulos, com diversos subtítulos que nos dão, com grande amplitude, o estudo desse período tão agitado da vida portuguesa. Notáveis os capítulos sobre a Propaganda Liberal, a Imprensa portuguesa depois da primeira invasão francesa, as amplas referências ao velho jornal «O Telégrafo», em que assume uma acção preponderante a personalidade de Rocha Loureiro. O livro contém uma valiosa bibliografia, anexos diversos, os respectivos índices de nomes de pessoas e dos jornais, assim como «Hors-Texte» e quadro das matérias estudadas.

A pureza do cinema impuro

Manuel Carvalheiro

Águas passadas não movem moinhos. Mas não quero deixar de focar um facto que decorreu no ano passado no Festival Internacional da Figueira da Foz, a propósito da minha curta-metragem «Amores de Salazar». Com efeito, escrevi à direcção desse festival, mais concretamente ao seu secretário-geral, José Vieira Marques, pedindo-lhe que desse um parecer sobre o meu filme de maneira a pode-lo incluir na programação de curtas-metragens portuguesas a serem exibidas durante esse certame. Escrevi-lhe assim a tempo e horas, antes portanto do encerramento do prazo estipulado pelo regulamento do referido festival. Não obtive qualquer resposta. Desse meu filme existiam duas cópias em 35 mm a cópia zero, com genérico em que aparece na direcção de fotografia tanto o nome de António Escudeiro como o de Manuel Costa e Silva, existente em Paris, e, a cópia um, com legendas em alemão, cujo genérico foi refeito e no cartão respeitante à direcção de fotografia, só aparece o nome de Manuel Costa e Silva, tendo sido relegado para a secção de agradecimentos o nome de António Escudeiro. A cópia zero serviu para ir para o Festival de Berlim, de forma a ser visionada para eventual selecção. Como o filme foi seleccionado, fôi feita nova cópia e alterado o genérico, não só melhorando a sua qualidade geral eliminando letras esborratadas como alterando o conteúdo de certos cartões. Como o filme tinha sido feito em quatro dias e o António Escudeiro só trabalhou no primeiro, releguei o seu nome para o dos agradecimentos, visto que o material por ele filmado, apesar de bem filmado, acabou por ter um tempo diminuto em relação à montagem final de doze minutos do filme em questão. Não interessa agora eu explicar porque prescindi, da colaboração de Escudeiro, ainda para mais argentariamente benévola. Dei a minha versão em entrevista à revista «Plateia» de Dezembro de 1981. Quem quiser conhecê-la pode com facilidade consultá-la. Entretanto, como o material filmado por Manuel Costa e Silva na montagem final ocupava seis minutos, optei pela inclusão do seu nome na direcção de fotografia, a sós, por ser maioritário e visto que as cenas por ele filmadas constituíam em termos narrativos o essencial do filme. Como a estrutura do filme é um pensamento de um pensamento e as cenas do presente são de Costa e Silva, mais uma razão para a minha opção. E foi a cópia um que foi projectada no Festival de Berlim. A minha opção era também um prestar homenagem não simplesmente técnico mas também moral, a um director de fotografia que me ajudara a acabar um filme que de outra forma teria ficado inacabado. Não vi inconveniente maior em retirar o nome de Escudeiro para o colocar em local mais condizente com a sua acção, embora sem cair na injustiça de o eliminar de todo o genérico, o que acharia desleal.

Entretanto, José Vieira Marques, assiste no Festival de Berlim, à projecção da minha curta-metragem, na sessão da tarde em que para minha surpresa ela foi estrondosamente pateada. Quase chorei! Adiante. Isto em Fevereiro de 1982. Interpretei então a falta de resposta ao meu pedido de inscrição para o Festival da Figueira a realizar em Setembro também desse ano, como uma forma jesuítica de não a querer projectar durante o certame que esse padre dirige, sem expressamente dizer um «não». Apesar de tudo a curta-metragem tinha estado no Festival de Berlim! E quantas curtas-metragens portuguesas tinham tido essa sorte?! Assim, José Vieira Marques segundo o meu entender, queria deixar morrer a questão. Entretanto sou convidado a deslocar-me aos Estados Unidos, de onde só volto dois dias antes do Festival da Figueira começar. Passo pelo Instituto Português de Cinema e verifico que a cópia em alemão continua nas prateleiras. Impossibilitado de fazer vir de França a cópia zero, a tal do genérico Escudeiro-Costa e Silva, não por essa razão, mas pelo facto de ser em Português, sem legendas em alemão a incomodar os nossos espectadores, muno-me da cópia alemã e vou até à Figueira. Contacto a organização de Vieira Marques e peço «ad-hoc» a sua inclusão no programa de curtas-metragens. Demoram um ou dois dias a responder e lá se decidem a fazê-lo. Por cordialidade, sugiro que não se faça publicidade na montra de a sala de cinema, habitualmente com a indicação de passagem dos filmes. Não é feita publicidade. Mas então acontece uma coisa inesperada, embora sem gravidade para os meus olhos na altura. No programa impresso, colocam-me uma fotografia do filme, a do caranguejo, de pernas para o ar. Acidente tipográfico, digo eu para o Mário Dorminsky da revista «Cinema Novo». «Não acredito», responde-me este, acrescentando ainda: «—O padre é sinistro!». No mesmo programa, o meu nome também aparece truncado, demasiado truncado, transfigurado mesmo. Mas disse para mim próprio, que podia haver perfeitamente segundo acidente tipográfico, embora estranhasse que na mesma folha, no material referente às outras três curtas-metragens nada se verificasse de anormal, nem mesmo uma simples gralha de uma letra. Comecei então a pensar que anos antes um cartaz com os marinheiros do «Couraçado Potemkine» a ilustrar uma edição do Festival da Figueira tinha curiosamente todos os olhos dos marinheiros furados com efeito plástico também tipográfico. Tudo isso queria dizer alguma coisa. No dia da projecção das curtas não estou presente porque Agnés Varda me pede que a leve ao Porto. Aproveito a oportunidade para fazer uma visita a casa de Manoel de Oliveira também. Regresso à noite à Figueira e encontro Costa e Silva, que cordialmente me informa que irá pedir ao boletim diário com notícias do festival, dirigido por Vieira Marques e escrito por Roby Amorim, a inclusão de um seu «Esclarecimento» a propósito da sua discórdia em relação ao facto de aparecer o seu nome sozinho no genérico da direcção de fotografia. Entendi que ele era livre de fazer o que bem entendesse e agradeci-lhe o facto de me prevenir. No dia 16 de Setembro de 1982 aparece o «Esclarecimento». Achei esquisito que o director desse boletim me não solicitasse directamente uma opinião, de forma a poder aparecer o meu esclarecimento ao lado do de Costa e Silva, como mandam as regras. Simplesmente, esse boletim de 16 só aparece a 17! Durante o dia 16, de manhã, vou ao secretariado do Festival e peço dez exemplares do programa respeitante ao meu pequeno filme. É-me recusado grosseiramente, apesar de estarem numa gaveta ali à mão. Então ao tentar retirar alguns exemplares, visto que estava com pressa de me ir embora para Lisboa, sou violentamente sacudido. Gera-se uma certa expectativa, mas acorre um jovem colaborador do festival que me conduz ao primeiro andar e me entrega um maço de exmplares. Nesse primeiro andar, o coração do secretariado de um Festival Internacional está um letreiro escrito à mão anunciando a criação de uma sociedade de filmes de nome «Ondina», uma das participantes no meu filme e por sinal minha mulher. Então percebi que toda esta série de incidentes tinham um fio dirigido pelo próprio director do festival, José Vieira Marques, que no ano anterior não gostara da carta aberta que lhe havia dirigido no semanário «O Ponto», depois de ter assistido entre outras discutíveis actuações a um seu relacionamento imperdoável com o jornalista Tito Lívio do «Diário Popular». Estava assim a pagar as favas em 1982, por aquilo que havia escrito em 1981, por ter essencialmente ficado impressionado com o tratamento de José Vieira Marques com os jornalistas do cinema. Adiante. Parti para o hotel e vejo um membro da organização a descer à pressa pelas escadas do meu hotel. Ao abrir a porta do quarto verifico que ela está aberta mas encostada. Até hoje fiquei na dúvida se inclusive me foram revistar a minha bagagem à procura não sei de quê. Mas forte desconfiança da altura esbateu-se com o tempo. Pego nas coisas e vou para Lisboa. Encerra o festival, com Manuel Costa e Silva a ganhar o prémio pela sua fotografia de «O Banqueiro Anarquista». Telefono em Lisboa ao Costa e Silva a dar-lhe os parabéns. Entretanto o jornalista da «A Capital», Afonso Cautela, avisa-me que o boletim do festival escreveu «umas coisas contra mim» e que ele desde o princípio quando viu o meu nome gralhado e a fotografia ao contrário no programa desconfiara da marcha dos acontecimentos. E avisou-me: «— Prudência Manuel, querem-te queimar». Com efeito, o boletim do festival do dia 17, que sai nesse dia com o de 16 (este «travado» na distribuição um dia...), inclui uma local com o título «Distúrbios» em que entre outras coisas diz que eu assisti ao debate do meu filme, quando eu a essa hora estava no Porto em casa do Manoel de Oliveira. Mas o mais sinistro, é o aproveitamento dessa local com outra ao lado que nada tem a ver comigo e intitulada «Os polícias, os bêbados e os substitutos», essa assinada por J.J.S.M. (quem é não sei). Estava o quadro da maquinação bem claro.

Passou um ano e a meio de Agosto, entrego uma curta-metragem que fizera, «Diário de uma contaminada», na sede do Festival da Figueira em Lisboa. Levam três semanas a responder e na véspera de uma conferência de Imprensa de José Vieira Marques, assinalam-me que o filme foi excluído por ter entrado fora do prazo. Tudo bem. Mas porquê fazer pagar a conta a todos os jornalistas portugueses que quisessem assistir em Setembro de 1983 ao festival de cinema, suprindo-lhes mesmo a alimentação, como é internacionalmente aceite em todos os festivais pequenos ou grandes do mundo? Tudo isto que comunico, não sem incomodar alguns leitores, me surgiu a um ano de distância dos incidentes, porque ironicamente por acaso ontem ao folhear a colecção completa da desaparecida revista «Imagem» apanhei no seu número vinte e três de Setembro de 1958, um artigo de António Escudeiro intitulado «De uma tendência moderna: o cinema puro», que no número seguinte despertaria uma das maiores polémicas do cinema português.

Em Berlim Leste

Exposição gráfica de artista chileno

Uma exposição da recente obra do artista gráfico chileno (exilado) Santos Chavez, foi inaugurada há dias no Centro dos Artistas Alemães Orientais de Berlim, capital da República Democrática Alemã.

A exposição integra 54 xilografias executadas por Santos Chavez em Berlim Ocidental e na RDA, país onde actualmente reside.

A sua temática, baseada numa técnica «naif», está fortemente vinculada à natureza do sul do Chile, à luta de quatro séculos do povo mapuche contra os colonizadores espanhóis e à oposição contra o regime militar do general Augusto Pinochet.

A inauguração – onde pronunciou um discurso o ex-ministro da Justiça do Governo de Salvador Allende, Sergio Inzunza, assistiram representantes da vida cultural da RDA, diversos órgãos de informação, chilenos exilados residentes neste país, além de numerosos público.

Sergio Inzunza destacou o trabalho de Santos Chavez, que nasceu no seio de uma modesta família de pastores em Pueblo de Canihual, na província chilena de Arauco, em 7 de Fevereiro de 1943, e que só aos 12 anos teve oportunidade de frequentar a escola primária.

Na actualidade a obra de Chavez pode ver-se, com sucesso, em exposições organizadas em Berlim Ocidental – a mais recente inaugurada pelo escritor chileno Antonio Skarmeta – no Centro de Arte de Basileia (Suíça), junto a Roberto Matta e Jose Balmes e ainda no Centro de Exposições de Bremen, na Alemanha Federal.

Santos Chavez abandonou o Chile em 1977, época em que a censura imposta aos intelectuais e artistas pelo regime militar de Santiago afogavam qualquer hipótese de expressão cultural dissidente da política oficial.

Obras do gráfico chileno também se exibem permanentemente em diversos museus, designadamente no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, no Museu do Rio de Janeiro, bem como no museu da Solidariedade da Nicarágua e na Casa das Américas, em Cuba.

Santos Chavez defeniu recentemente a sua obra, perante a imprensa da RDA, como «um canto permanente à vida, ou seja como um grito contra o fascismo que açoita a minha pátria».

NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Gil Salgueiro Nave e Vítor Santos num ensaio do espectáculo de Sean O'Casey

Sean O'Casey em Coimbra

"Os Bonifrates" vão estrear "o aniversário da colectividade"

«O aniversário da colectividade», assim se chama o próximo espectáculo da Companhia de Teatro «Os Bonifrates», de Coimbra. Utilizando dois textos de Sean O'Cassey, procura-se «fazer reviver» o ambiente festivo próprio duma noite artística num meio popular.

Sean O'Cassey nasceu em Dublin, Irlanda, em 1880 com o nome de John Cassidy.

De débil saúde e uma permanente doença nos olhos é contudo dotado de grande coragem e determinação. Sai da escola aos 13 anos quando ainda não sabia ler fluentemente, o que vem a aprender sozinho em casa com a mãe. Lê Shakespeare e Shaw e todos os livros que consegue apanhar. Exerce várias profissões como trabalhador manual. Activista político, organiza o apoio às famílias dos trabalhadores na greve geral de 1913 e que durou 7 meses. Em 1914 torna-se secretário do Exército de Cidadãos Irlandeses (criado pelos sindicatos para proteger os seus membros das brutalidades da Polícia) de que faz a revisão dos Estatutos.

Com a morte da irmã e da mãe em 1918 fica sem encargos familiares e decide aos 38 anos dedicar-se inteiramente ao teatro. Em 1923 o Abbey Theatre aceita a peça «A sombra de um franco atirador» depois de lhe ter recusado outros pequenos textos. Em 1924 «Juno e o pavão» torna-se a peça mais popular dos anos 20. Em 1926 fixa-se em Inglaterra. Recusa o convite de Yats e Shaw para membro fundador da Academia Irlandesa de Letras.

Várias peças suas vão sendo montadas tendo algumas delas sido retiradas, ao fim de alguns espectáculos pelas violentas críticas da opinião clerical.

Em 1960 ao comemorar os 80 anos é celebrado com a publicação de dois estudos críticos. Recusa alguns títulos honoríficos. Em 1961 publica as últimas 3 peças. Morre em 1964. Aumenta o interesse pelas suas obras culminando em 1966 com a montagem de peças suas pelo Berliner Ensemble, pelo TNP de Paris e pelo National Theatre Company de Londres.

A encenação de «O aniversário da colectividade» está entregue a Fernando Mora Ramos, a concepção plástica a José Carlos Faria assistido por Carlos Madeira e a interpretação a José Santos Silva, Lélia Guerreiro, Vítor Santos, Gil Salgueiro Nave e Elvira Gonçalves.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Onde se fala dos irmãos valentes do "cientista político" e das ameixas em vias de extinção

Depois do «Pato com laranja», a televisão voltou-se para a baleia com pérolas. Uma barbaridade de pancadaria, tiroteio, mortes-de-selvagens, claro está, ou, falando a linguagem americana, de **nativos** – e muitas várias tropelias outras. Eu cá tenho pena é de não possuir o telefone do dr. Palma-Ferreira para lhe manifestar o meu protesto por esta agressão declarada à nossa moral branda e aos nossos brandos costumes.

Também como no «Pato com laranja», ontem tudo acabava perfeitissimamente na ordem. O irmão capitão do navio mostrava que era muito homem, muito macho graças a Deus, a esposa ex-amantíssima voltava a cair-lhe nos braços, o irmão rebelde, com risinho à JR, que fomentara a revolta revolta-se contra a revolta, esmurraça a tripulação a torto e a direito, e morre. Morre, sim, mas como um valente. Assim é que é bonito, entre irmãos que fraternalmente se odeiam.

Muitos telespectadores terão ficado de pé até ao fim, não para conhecerem o desfecho da história, mas para assistir às imagens dos encontros de futebol. Oh, triste desilusão, oh desgraça sem par! A RTP lamenta mas, devido à oposição dos clubes não pode imaginar nada. Imaginem só!

Mas há outras imagens. Algumas até repetidas, como as dos portugueses libertados pela UNITA, repetidas em todos os noticiários, adivinha-se o gosto sentido pela RTP na constante refrência ao movimento fantoche angolano.

Com as imagens vieram as palavras do correspondente da RTP em Joanesburgo, urgentemente telefonadas...

Cousa mais estranha! A RTP, tão parcimoniosa nessa questão de correspondentes, mantém um homem seu no território emprestado pelo **apartheid!** Por que será? Mistério.

Por outro lado, são de uma grande pobreza as imagens referentes à viagem do Presidente da República ao Açores, que ontem pela primeira vez, chegaram até nós.

Quem segue com atenção esta visita, principalmente através das crónicas de Ribeiro Cardoso, enviado especial do «Diário de Lisboa», dá conta das dificuldades que os órgãos de comunicação têm encontrado para cumprir as suas tarefas. Pois até agora, a RTP não publicou uma palavra sobre o assunto, é como se tudo corresse no melhor dos mundos. Suponho que é a isto que os responsáveis da RTP chamam «rigor informativo».

Claro que **Telejornal** tem suas antenas bem orientadas e do que lhe interessa nada lhe escapa.

Por exemplo: durante a festa do **Avante!** estiveram em Portugal homens e mulheres importantes no campo da política, da arte, do espectáculo, do desporto. A RTP ignorou total e ostensivamente esse riquíssimo manancial informativo. E porquê, e porquê e porquê? Simplesmente, porque ela não estava interessada.

Aconteceu, porém, que esteve em Portugal um dos mestres do anti-sovietismo, um tal Voslenski, que o Mário Crespo alcunhou de «cientista político» – e eu ainda agora estou sem perceber como é que ele conseguiu dizer isso sem se rir.

Como teve **Telejornal** conhecimento da sua estada em Portugal, não sabemos. Quais foram os canais de informação, ignoramos. Mas, a verdade é que na RTP há faros especializados nesse género de notícias, e o Voslenski foi descoberto. Porquê? Porque havia nisso interesse mútuo.

Diga-se que a entrevista foi brevíssima, como se o Telejornal, obrigado embora a fazer frente, tivesse sido assaltado de um íntimo, longínquo pudor.

O que o Voslenski está a fazer em Portugal, a convite de quem e pago por quem, não foi dito. Se calhar veio para dar aí algum curso de anti-sovietismo. Pode fazer as malas. Já temos cá uns especialistas com óptima instrução no assunto.

Mas que disse o «cientista político»? Disse que a União Soviética está a endurecer posições, que está a provocar os países ocidentais. Citou os SS-20, a Polónia, o Afeganistão e, espicaçado pela gentil repórter com vozinha de infantário, o caso do avião sul-coreano...

Vejam só, e chamam a isto um cientista político! Qualquer habitual frequentador do «Dia», do «Correio da Manhã» ou do **Telejornal** sabe isso e muito mais. Nada original, portanto. O que, sendo o bastante para um canalha, é pouquíssimo para um «cientista».

A mim, porém, nada disto me preocupa. O que me preocupa é aquela notícia de **Telereglões,** segundo a qual as ameixas de Elvas se encontram em vias de extinção.

Ora, ora. As ameixas são a última coisa que os portugueses deixarão extinguir. Quem não acredita, espere e verá.

INFORMAÇÕES NO LOCAL INCLUINDO SÁBADOS E DOMINGOS, OU NA

PREDITUR
MEDIADORA DE PROPRIEDADES URBANAS E TURÍSTICAS, LDA.
(AUTORIZADA OFICIALMENTE DESDE 1972)
AV. ELIAS GARCIA, 147-5.º Dt.º — 1000 LISBOA
☎ 734350, 734353,734022

Teatro da Cornucopia

2 espectáculos em alternância

NOVAS PERSPECTIVAS
de Franz-Xaver Kroetz

Sáb. às 21.30 h, dom. às 17 h, 3.ª às 21.30 h

MARIANA ESPERA CASAMENTO
de Jean Paul Wenzel

4.ª, 5.ª e 6.ª f. às 21.30 h

A PARTIR DE 1 DE OUTUBRO
curta série de espectáculos

TEATRO DO BAIRRO ALTO Tel. 661515/669205
R. Tenente Raul Cascais 1-A, 1200 Lx

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 1.º JUÍZO ARREMATAÇÃO 1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 18 de Outubro de 1983 pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp - 5-4.º vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a Uniaço — Indústria e Representações, Ld.ª com sede na Rua Santa Marta — 62-A, no processo de execução fiscal n.º 5971/81, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Catorze secretárias de dois blocos c/ tampo de 1,60 m., novas no valor presumível de 140 000$00.
Verba n.º 2 — Vinte e oito secretárias de um bloco c/ tampo de 1,20 m. no valor presumível de 150 000$00.
Verba n.º 3-4 cadeirões c/ rodas e braços reclináveis em estado novo no valor presumível de 20 000$00.
Verba n.º 4 — 36 cadeiras s/ braços novas no valor de 80 000$00.
Verba n.º 5 — Um armário metálico alto de gabinete em estado novo, no valor presumível de 15 000$00.
Verba n.º 6 — Uma estante metálica de escritório c/ dois corpos, em estado novo, no valor presumível de 10 000$00.
Verba n.º 7 — Dois ficheiros metálicos tipo comercial de 4 gavetas, em estado novo, no valor presumível de 17 000$00.
Verba n.º 8 — Duas caixas de conta corrente, metálicas em estado novo no valor presumível de 7 500$00.
Verba n.º 9 — Um duplicador da marca Geha 570 s/ n.º visível, em bom estado nmvalor presumível de 50 000$00.
Verba n.º 10 — Uma máquina de escrever manual da marca Messa, c/ o n.º 276941, em bom estado no valor de 10 000$00.
Verba n.º 11 — Uma máquina de escrever da marca Messa manual, em bom estado n.º 1070100 no valor de 10 000$00.
Verba n.º 12 — Uma máquina de escrever manual da marca Olympia n.º 528094, em bom estado no valor de 10 000$00.
Verba n.º 13 — Uma máquina de escrever manual da marca Olympia de carreto grande s/ n.º visível em bom estado no valor de 12 500$00.
Verba n.º 14 — Uma máquina heliográfica — copiador da marca Hansa s/ n.º visível em bom estado no valor de 100 000$00.
Verba n.º 15 — Uma máquina heliográfica revelador da marca Hansa s/ n.º visível em bom estado no valor de 50 000$00.
Verba n.º 16 — Dois maples de napa e veludo em bom estado no valor presumível de 18 000$00.
Verba n.º 17 — Uma máquina de contabilidade electrónica da marca Olivetti Audit 513 em bom estado no valor de 175 000$00.
Verba n.º 18 — Uma máquina de contabilidade, stock e vendas electrónica marca Olivetti Mercator 5000 em bom estado no valor de 175 000$00.
Verba n.º 19 — O direito ao arrendamento e trespasse da loja e cave do n.º 62-A da Rua de Santa Marta, a que se atribui o valor presumível de 3 500 000$00.
Verba n.º 20 — O direito ao arrendamento e trespasse da loja e cave do n.º 62-B da Rua Santa Marta a que é atribuído o valor presumível de 3 500 000$00.
Verba n.º 21 — O direito ao arrendamento e trespasse do 3.º andar do prédio n.º 62 da Rua Santa Marta a que é atribuído o valor de 2 000 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa 20 de Setembro de 1983.

O JUIZ DE DIREITO

Manuel Laís Macaista Malheiros

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO

Carlos Manuel Almeida Alveins

D.L. — 29/9/83 — 1.ª Publicação

Hoje

1 RTP

A RTP-1 apresenta esta noite mais um episódio da série policial «Contos de Agatha Christie»

15.05 Férias em ritmo
15.40 Verão Azul
16.40 Gente do espectáculo. «The New Swingle Singers»
17.05 Vale a pena ver de novo. «Reviver o passado em Brideshead»
17.50 Sumário
18.00 Autovisão
18.25 Curso de Línguas. Inglês
19.25 Tempo dos mais novos. «Os Contos de Andersen»
20.00 Telejornal
20.30 Telenovela. «Pai Herói»
21.15 Contos de Agatha Christie.
Intérpretes: James Warwick, Francesca Annis, Denis Hill e Edwn Brown
22.20 Golo Rei
23.05 Último Jornal

2 RTP

A RTP-2 apresenta um documentário sobre o coreógrafo inglês Sir Fredrich Ashton (na foto)

19.02 Desenhos Animados
19.00 Teleregiões
19.30 TV/2 Notícias
19.45 Som de... Wolmar Silva
20.05 África 80
20.30 Homenagem a Sir Frederich Ashton. De registar que Sir Frederick Ashton coreografou mais de 50 bailados para o Royal-Ballet.
21.25 Enquadramento. «Magazine Cultural». Aborda vários temas e inclui uma entrevista com o pintor António Cruz, recentemente falecido.
22.00 Jornal da Noite
22.20 Hannah. «Histórias de Amor».

Amanhã

1 RTP

13.00 Desenhos animados; **13.30** Jornal da tarde; **13.55** Os Grandes Desertos; **14.50** Visível; **15.15** Matinée das três e meia; **17.00** Os Grandes Rios; **17.50** Sumário; **18.00** Tur/83; **18.25** Curso de línguas-Francês; **19.00** Tele-regiões; **19.30 20.30:** Direito de Antena; **20.55:** «Pai Herói»; **21.30:** Superestrelas – Sheena Easton; **22.30:** Quem é Quem – Álvaro Sisa, arquitecto; **23.00:** 23.00: Último Jornal.

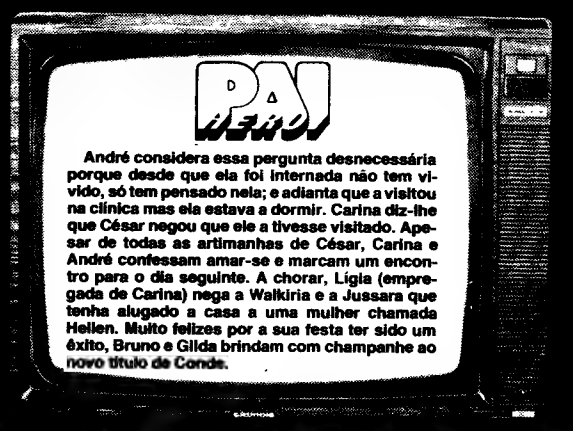
2 RTP

19.00 Desenhos animados; **19.30** TV/Notícias; **19.45** Documentário (Miragaia); **20.10** Horizonte 2000; **20.35** Daniel Barenboim interpreta Mozart; **21.00** Aliados para a Liberdade; **22.00:** Jornal da Noite; **22.20:** «Hanna» – 3.º episódio.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP
Contos de Agatha Christie.
21.15

2 RTP
Homenagem a Sir Frederic Ashton
(20.30)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

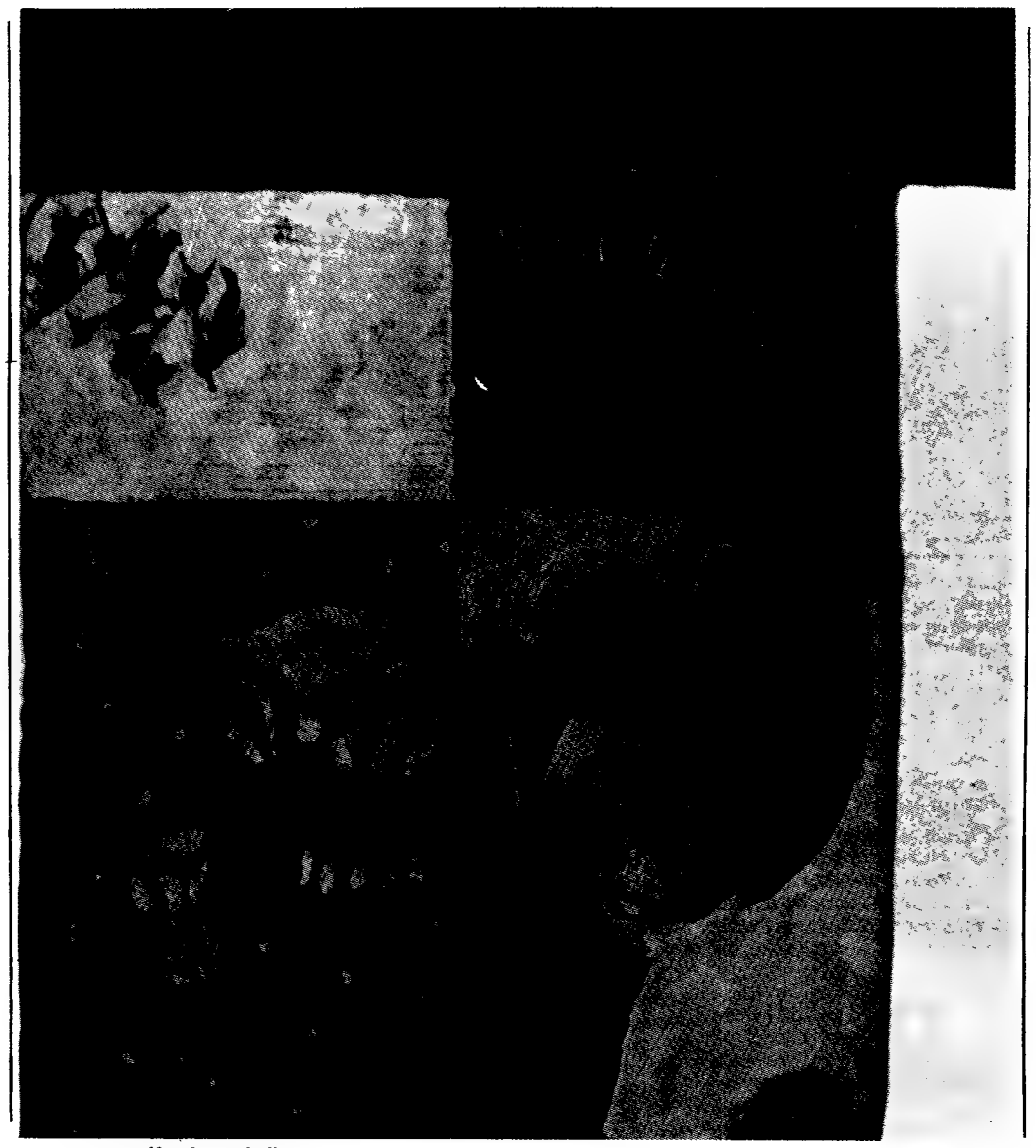
Música

O Hot Clube de Portugal reabre no próximo dia 1 de Outubro pelas 22 horas. Simultaneamente, será inaugurada uma exposição fotográfica de João Freire sob o título «Improvisos» que tem como temática o jazz. Haverá também música ao vivo com um grupo liderado pelos directores da Escola de Jazz do HCP, David Gausden e Tomás Pimentel.

O Festival «Vozes da Planície» — coros amadores alentejanos, vai ter lugar em Évora no próximo sábado, numa iniciativa da Casa da Cultura da Juventude de Évora, adstrita à delegação regional do FAOJ. A anteceder o espectáculo, que decorrerá no Teatro Garcia de Resende a partir das 17,30 horas, haverá um desfile de todos os grupos participantes, passando pela Praça do Giraldo; este desfile terá início às 16,45. Participam neste Festival: Grupo Coral do Alvito, Grupo Coral de Viana do Alentejo, Grupo Coral «os Rurais» de Figueira de Cavaleiros, Grupo Coral Cantares do Alentejo, Grupo Coral do Bairro dos Canaviais, Grupo Coral da Aldeia da Luz, Grupo Coral e Etnográfico da Casa do Povo de Serpa, Grupo Coral «Os Carvoeiros» de Oriola, Grupo Coral «Os Arraianos» de Barrancos e Grupo Coral de Cantares Regionais de Portel.

Rádio

Amanhã, às 21 horas, na RDP/2 vai para o ar o programa, realizado por João Coelho, «Dossiers Sonoros»: os caminhos do exílio. Testemunho do coronel Varela Gomes. No sábado, às 21,30, directamente da Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, espectáculo para assinalar o «Dia Mundial da Música».



Um dos trabalhos que João Penalva vai expor na Sociedade Nacional de Belas Artes

Cinema

Integrado no ciclo «O Cinema e o Mundo do Trabalho», o ABC Cine-Clube de Lisboa, em colaboração com o Sitava — Sindicato dos Trabalhadores da Aviação, realiza amanhã, pelas 19 horas, no Cinema Estúdio 444, uma sessão com o filme «Norma Rae», realização de Martin Ritt.

Coleccionismo

A I Mostra de Coleccionismo de Estremoz que decorreu recentemente durante as festas da cidade, motivou fortemente os cerca de 30 expositores participantes a criarem um Grupo de Coleccionismo em Estremoz.

Neste momento estão a efectuar-se as diligências necessárias no sentido de dar-se a médio prazo estatuto jurídico ao grupo, visando o seu reconhecimento de forma a possibilitar-se a concessão de apoios financeiros por parte das entidades oficiais.

O grupo vai promover mensalmente uma Feira de Trocas, nos claustros da Câmara Municipal de Estremoz, no primeiro sábado de cada mês, a partir ds 15 horas, tendo lugar a primeira feira no dia 1 de Outubro.

Aquele grupo de coleccionismo pretende criar diversas secções, nomeadamente de filatelia, cartofilia e numismática, e promover anualmente uma mostra de coleccionismo e uma mostra de filatelia.

Teatro

Integrado nas cerimónias de encerramento da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura «Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento», a Comuna vai levar à cena no Mosteiro de Alcobaça a peça «A Castro», de António Ferreira, hoje e amanhã às 21,30.

Exposições

João Penalva, artista que vive e trabalha em Londres e tem uma obra notável nos domínios da cenografia e da pintura mural, vai expor desenhos e pinturas na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes. A mostra é inaugurada na próxima 2.ª-feira, às 18 horas.

«Almoço na Relva» é o título de uma exposição de homenagem a Edouard Manet na passagem do centenário da sua morte. A mostra, que vai ser inaugurada amanhã, às 22 horas, em Cascais, na Galeria Diagonal do Hotel Cidadela, tem a participação de António Modesto, Isabel Rodrigues, Maria José Abrunhosa, Mário Bismarck, Sónia Gonçalves e Teresa Aires, e resultou, em termos práticos, numa exposição temática onde a obrigatoriedade de olhar o «Déjeuner sur l'herbe» e a sua transposição para o papel foram condição.

concurso RTP

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Tel. _____

Código Postal _____

Lic. TV Nº _____

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	89$95	95$95
ALEMANHA FED (marco)	46$50	47$60
ÁUSTRIA (xelim)	6$50	6$60
BÉLGICA (franco)	2$124	2$324
BRASIL (cruzeiro)	$050	$150
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	99$45	101$45
(notas de 5 a 1000)	99$95	101$95
DINAMARCA (coroa)	12$85	13$25
ESPANHA (peseta)	$771	$891
EUA (dolar – notas de 1 a 2)	122$70	124$70
(notas de 5 a 1000)	123$20	125$20
FINLÂNDIA (marka)	21$65	22$25
FRANÇA (franco)	15$30	16$00
HOLANDA (florim)	41$50	42$50
INGLATERRA (libra)	184$25	188$25
IRLANDA (libra)	145$40	149$40
ITÁLIA (lira)	$070	$080
JAPÃO (iene)	$492	$527
NORUEGA (coroa)	16$65	17$15
SUÉCIA (coroa)	15$70	16$30
SUÍÇA (franco)	57$70	58$80
VENEZUELA (bolivar)	8$00	9$00

Observações:

1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

ANTENA UM

16.00: Batida de Limão; **17.00:** Zghiz (RDP/Norte) – (Tranquilamente ao entardecer na Antena Um); **18.30:** Informativo de Trânsito; **19.00:** Informação e música; **20.00:** Folhetim: «A vida aventurosa e ardente de Ricardo Wagner», versão biográfica de Alice Ogando; «O Espaço é seu»; **21.00:** A viver também se aprende; **21.30:** Viva a noite – Antena 1 no Casino Estoril; **23.00:** Títulos do último jornal; **23.30:** Último jornal. Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

PROGRAMA 2

15.30: Que quer ouvir?: – Quinteto op. 34, em fá menor, de Brahms – O cantor, canção D 149.", de Schubert – Sinfonia n.º 5, em ré maior, de Vaughan Williams; **17.00:** Tratos e retratos; **17.40:** Intérpretes portugueses: – Canções de Schubert; **18.05:** Culturando, diário de actualidade cultural; **19.30:** Música de câmara: – Sinfonia n.º 33, em si bemol maior, Kv 319, de Mozart; **20.10:** Música sinfónica: – Concerto n.º 2 para piano e orquestra, em si bemol maior, de Brahms; **21.00:** Ópera comentada, por Maria Helena de Freitas – «A Raposinha Matreira», de Janacek; **23.00:** Intercâmbio musical – gravações cedidas pela Sender Freies de Berlim. 1.ª parte: – obras de Strauss e Wagner. Intervalo: – Música. 2.ª parte: – Música de Brahms: **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290, e 397 m)

14.00: Matinée; **17.00:** Rápido das cinco; **19.00:** Musical; **20.00:** Conta corrente; **20.30:** Quando o telefone toca; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Programas religiosos; **22.30:** Tempo de desporto; **23.30:** 24.ª hora; **01.00:** O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00:** O som da frente; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Cinco estrelas; **21.00:** Jazzofone; **22.00:** Café concerto; **00.00:** Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

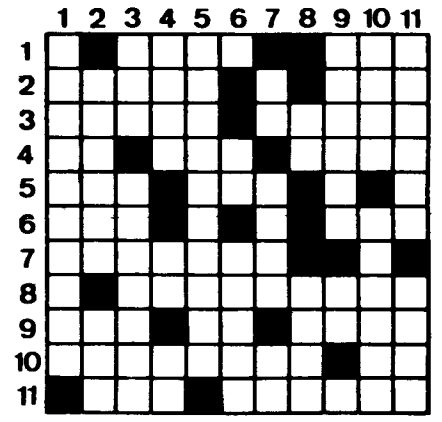
RADIO RENASCENCA

15.00: Equipa da tarde; **18.00:** Jornal das Regiões; **18.30:** Transmissão do-Terço; **19.00:** Programa da LAR; **20.00:** Horizonte; **21.00:** Hora de música; **22.00:** Grande círculo; **23.00:** Última hora; **23.55:** Meditando. Noticiários intercalares todas as horas.

Tiragem média diária do mês anterior: 43.100 ex.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 847



HORIZONTAIS:

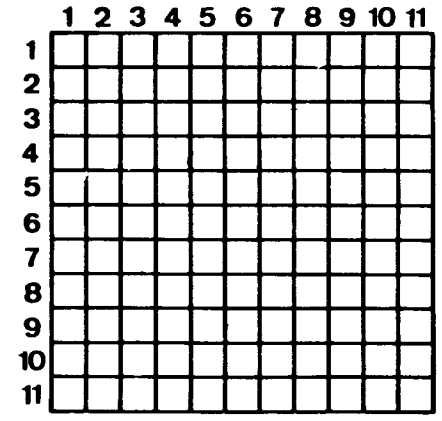
1 Rapariga. Pronome relativo.
2 Mulher que está para consorciar-se, ou casada há pouco. Cidade da Baviera.
3 Grupos de três. Levanta.
4 Batráquio. Chiste. Verbal.
5 Cólera. Mula.
6 Senhor em inglês. Duna na Suécia.
7 Cidade do Canadá.
8 Seremos presente.
9 Código. Sufixo que designa estado. Remei para trás.
10 Empastara. Centiare.
11 Sufixo que designa abundância. Açoites.

VERTICAIS:

1 Penaliza.
2 Lenço usado pelos Romanos para limpar a boca. Ombro.
3 Mil e dois em romano. Desvias de um lugar.
4 Germe (pl e fig.). Ósmio (s.q). Solitário.
5 Matrimónios.
6 Lutécio (s.q). Falhas.
7 Preposição. Grande afeição. Ruténio (s.q).
8 O lado do vento. Dar aviso de alguma coisa em voz alta.
9 Ambicionava. Nota musical.
10 Género de algas que vivem especialmente no mar e nas águas salobras. Enferma.
11 Metes em mala. Fechas as asas para descer mais depressa.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9699



HORIZONTAIS:

1 Autores. Simples. Artilharia antiaérea.
2 Berreiro ou choradeira de crianças. (bras). Catedral. Eia!
3 Arregaçara as mangas a.
4 Cobalto (s.q). Matemática. Cidade da antiga Caldeia.
5 Caminhar. Nome de letra. Neste ponto.
6 Apelido. Pátria. Transpiras.
7 Unir por casamento.
8 Maquinismo para tecer. Esmurrara.
9 Cidade de Itália. Apelido. Ébrio (s.q.).
10 Basta. Registo do que se tratou numa sessão ou assembleia.
11 Artigo indefinido. Rei de Israel.

VERTICAIS:

1 Moeda de prata da Índia. Bebida chinesa preparada com uma espécie de feijão.
2 Madrugada. Pertences.
3 Espera resposta. Geração.
4 Meterias em mala.
5 Oprimes (fig).
6 Continuaras. Prefixo que designa afastamento.
7 Larva do escaravelho.
8 Fêmeas dos cavalos. No Oriente espécie de pombo.
9 Confusão. Carta de jogar.
10 Rio da Suíça. O mesmo que uma (ant e pop). Criminosa.
11 Alcançara com a vista.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 846

HORIZONTAIS:

1 OS. QUE. AMAM.
2 Liou. Sacado.
3 Em. Iacola.
4 Dato. Ora. Se.
5 Oó. Lombos.
6 Ao. Asa.
7 Gas. Sr. Raro.
8 Ossos. Temer.
9 Vã. Semana.
10 Arcar. Lo. DI.
11 Miolo. Ás. Os.

VERTICAIS:

1 Oledo. GOZAM.
2 Simão. Ás. Ri.
3 Assaco.
4 Quioco. Oval.
5 SS. Ro.
6 Escolar.
7 Aoros. Tela.
8 Aclamaremos.
9 Aam. Ama.
10 Ad. SOFRENDO.
11 Moles. Orais.

Provérbio: OS QUE AMAM GOZAM SOFREDO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9698

HORIZONTAIS:

1 Alimenta. As.
2 Marão. AR.
3 Amo. Assim.
4 Ga. Par. Acém.
5 Bar. Ali.
6 Carinho.
7 Pó. AAA. las.
8 Uvas. Rascas.
9 Lassais. Olá.
10 Sena. Orto.
11 Ares. SM. Aas.

VERTICAIS:

1 Âmago. Pulga.
2 Má. Cova.
3 Imo. Ba. Asse.
4 Ma. Parasses.
5 Erraria. An.
6 Na. Marias.
7 Toa. Ab. Ás.
8 Sá. Ois.
9 Asca. Açora.
10 Ariel. Salta.
11 MMII. Sãos.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
PARADA DAS ESTRELAS
4.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
E VIVA A LIBERDADE
1.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS AVENTUREIROS DO FIM DO MUNDO
2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int men. 13 anos
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
11.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 6 a.
OS MALUCOS ATACAM DE NOVO
3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
REBECA
Às 24
O GRANDE GOLPE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Para todos
E.T. O EXTRATERRESTRE

Às 24
3 MULHERES EM FÚRIA

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O CONTRA-ATAQUE DO DRAGÃO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
SOLDADO AZUL
2.ª Semana

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
A RAINHA DO EGIPTO

EDEN 320768

P. Restauradores, 21
Estreia às 21.30
O VINGADOR DA CIDADE
Às 14, 16.30 e 19
Últimas
O CONQUISTADOR

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
62.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
LOUCA AVENTURA NA SELVA
c/ Jim Mitchum e Jenny Jurgens

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
A PROVINCIANA

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 13 a.
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
SUPERMAN III
3.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
VERÃO ASSASSINO
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
FORTALEZA SECRETA
Às 24
AS MOTAS DO INFERNO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
STARFLIGH ONE (PERIGO NO ESPAÇO)

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
N. ac. men. 18 a.
O TURNO DA NOITE

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Um filme de Taylor Hackford

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 18 a.
AS DEPORTADAS NO CAMPO NAZI

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
O IMPERADOR DOS BÁRBAROS
c/Peter McCoy, David Jenkins e Marion Long

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
N. ac. m. 13 a.
c/ Bud Spencer
O INSPECTOR MARTELADA

UMA CENA DO FILME «AS IRMÃS» REALIZADO POR MARGARETHE VON TROTTA, EM EXIBIÇÃO NO QUARTETO E QUINTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15
LOLA MONTES

Às 23.30
EASY RIDER

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23
SERENATA À CHUVA

Às 23.30
DRÁCULA, O PRÍNCIPE DAS TREVAS

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.15
– M. 13 a.
LADRÕES DO TEMPO

Às 23.30
ONDE FICA A GUERRA?

SALA 4

Às 14, 16, 18, 20, 21.45 e 23.15
AS IRMÃS

Às 23.30
ESPLENDOR NA RELVA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
STARLIGH ONE (PERIGO NO ESPAÇO)

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
JOÃO BRONCAS, O ETERNO REPETENTE
2.ª Semana

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
SOPHIE'S CHOICE
c/Meryl Streep
6.ª Semana

SALA 2

Às 21.15
Maiores 12 anos
HEAT AND DUST (Verão Indiano)
c/Julie Cristie
9.ª Semana

SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.00
Não ac. men. 13 anos
GANDHI
27.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
QUATRO AMIGOS
4.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– M. 18 a.
UMA MULHER DE SONHO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 16 a.
OS ANOS LOUCOS DE MONTPARNASSE
6.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13.15, 15.30, 17.45, 21.30 e 23.30

SUPERMAN III

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 6 a.
OS MALUCOS ATACAM DE NOVO

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OS CAVALOS DE VALVEZ
c/Charles Bronson

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
ALFA-2 – «Bad Boys», às 21.15 (16 anos)
ALFA-3 – «Oficial e Cavalheiro», às 21.45 (18 anos)
QUINTETO – «As Irmãs», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
APOLO 70 – «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)
CITY-CINE – «Por Favor não mexam nas Velhinhas», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «Os Três Dias do Condor», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «As Fanáticas do Sexo», sessões permanente (13 anos)
CAPITÓLIO – «Sexo Masoquista», às 21 e 23.00 (18 anos)
ROYAL – «Negócios de Carne», 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «O Grito de Guerra dos Apaches», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA – Cine Estúdio – «O Juiz Sou Eu», às 21.30 (18 anos)
COSTA DA CAPARICA – Silcine – «Tentações Irresistíveis», às 21.30 (12 anos)
ALMADA — Academia — «Sementes de Violência», às 21.15 (18 anos); **TRAFARIA — Pavilhão Jardim** — «Táxi Driver», às 21.15 (18 anos); **SETÚBAL — Júpiter** — «Um Lobisomem Americano em Londres», às 21.15 (18 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «O Veredicto», às 21.30 (13 anos); PAÇO DE ARCOS — Chaplin — «Vêm aí os Caloiros», às 21.15 (13 anos); **OEIRAS — Oeiras-Cine** — «Tootsie», às 21.15; **PAREDE — Royal-Cine** — «Desejo», às 21.30 (13 anos); **ESTORIL — Casino** — «O Último Harém», às 21.15 (18 anos); **ESTORIL — Palácio** — «Um Dia de Cão», às 21.30 (18 anos); **CASCAIS — Impala** — «Ben-Hur», às 21.30 (13 anos).
CASCAIS – Oxford – «Os Malucos Atacam de Novo», às 21.30 (6 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — Cine Plaza — «Iniciação Carnal», às 21.30 (18 anos); **AMADORA — Lido** — «A Angústia de Viver», às 21.30 (18 anos); **AMADORA — Cinestúdio** — «Meu Nome é Ninguém», às 21.30 (13 anos); **CACÉM — Cine Estúdio Flores** — «Bilbao», às 21.30 (18 anos); **SINTRA — Carlos Manuel** — «O Meu Primo é um Escândalo», às 21.30 (13 anos); **ERICEIRA — Cinestúdio** — «Excessos», às 21.15 (13 anos).

Porto

Carlos Alberto – «A última Valsa» às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «Ladrões de Bicicletas», às 21.30 (6 anos)
BEBÉ – «Tootsie», às 21.45 (13 anos)
RAIONE – «A Roubar é que a Gente se Entende», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Corpo e Alma», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Aqui Há Gato», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «Superman III», às 21.30 (6 nos)
TERÇO – «A Fortaleza Secreta», 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Rainha dos Tártaros», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «O Perseguido», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Duelo no Arizona», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Perigo no Espaço», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-L – «Na Calada da Noite», às 21.45 (13 anos)
RIVOLI – «A Rapariga de Trieste», às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL – «Bad Boys», às 21.30 (16 anos)
PEDRO CEM – «A Vida é uma Festa», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «Parada de Estrelas», às 21.30 (6 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE – **Líbia** – Av. Igreja, 4 BC T. 891681; **ARCO CEGO – ESTEFÂNIA – Delio** – Rua Açores, 32-34 T. 572388; **AVENIDAS – DUQUE D'ÁVILA – Cosmos** – Av. João Crisóstomo, 44 C T. 40592; **BENFICA – B.º ST. CRUZ – Lavinha** – Rua Eng. Paulo Barros, 28 A T. 708242; **CAIS DO SODRÉ – Africana** – Rua Bernardino Costa, 43-45 T. 369120; **JARDIM DOS ANJOS – Confiança** – Av. Almirante Reis, 46 B T. 821653; **LAPA – Paiva da Costa** – Rua da Lapa, 105-107 T. 664414; **CHELAS – Sacramento** – Rua Actriz Pal. Bastos Lt 42 T. 384904; **RATO – Cunha** – Rua Escola Politécnica, 18 T 325455; **SANTO AMARO – Botânica** – Rua da Junqueira, 38-40 T. 638132; **XABREGAS – Salter** – Rua Xabregas, 63-65 T. 381185; **ALGÉS – Combatentes** – Av. Comb. Grande Guerra, 166 T. 2104953; **BRANDOA – Brito** – Rua do Colégio Lt 32 B T. 993351; **ODIVELAS – Almeida** – Pçt G. R. Tomás Anunciação, 38.

REFORÇO

AJUDA – Moura – Tv. da Memória, 55 T. 630944;; **AREEIRO – Garantia** – Av. Padre Manuel Nóbrega, 5 AB T. 887300; **CAMPO D'OURIQUE – Linaida** – Rua Ferreira Borges, 30 T. 660955; **CAMPOLIDE – B.º LIBERDADE – Salutar** – Rua B 75 AB B.º Liberdade T. 683694; **GRAÇA – Morão** – Lg. da Graça, 63 T. 860700; **JARDIM ZOOLÓGICO – Alegria** – Est. de Benfica, 180 AB T. 780511; **LUMIAR – Douro** – Alm. Linhas de Torres, 93 AB T. 791131; **PAMPULHA – JANELAS VERDES – Lealdade** – Rua do Olival, 226-228 T. 663441; **PICHELEIRA – Mariuz** – Cç da Picheleira, 140 BC; Rua Prof. Mira Fernandes MAF T 880703; **PRAÇA DA ALEGRIA – Brites Moita** – Pç da Alegria, 33-34; **SALDANHA – Daiva** – Av. Duque d'Ávila, 125 T. 545225; **BURACA – Vaz Martins** – Rua António Ferro 6A T 970660; **FALAGUEIRA – AMADORA – Romeiro** – Urb. Casal São Brás, Lt. 116; **OLIVAL BASTO – Nova** – Rua Açores, 11A T. 910305; **PONTINHA – Pimentel** – Az. Bezouros Lt. R8 T. 991328; **Prior Velho – Matos** – Tv. Prioras T. 2519939.

teatros

Lisboa

ABC – «Todos Tesos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES – «Um Fantasma Chamado Isabel», às 21.30 (12 anos)
TEATRO ABERTO – «Comédia à Moda Antiga», às 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS – «Annie», às 21.30

Porto

CAMPO ALEGRE – Selva Trupe – «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Há mas são Verdes», às 21.30 (18 anos)
TEP – «Florania ou a Perfeita Felicidade», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – S. Jorge – R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (Tel. 938703) Permanente; **Campos** – R. Elias Garcia 185(Tel. 930072); **DAMAIA – Lemos** – Av. Gurgel Amaral 2-A (Tel. 970461); **QUELUZ – Ziller** – R. da República, 83 (Tel. 950085). Até às 22 horas); **CAMARATE – Batalha** – R. Avelino S. Oliva, 5 (Tel. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM – Silva Duarte** – R. Elias Garcia, 167 (Tel. 924820) Permanente; **ALGUEIRÃO – Rodrigues Reto** – R. dos Morés, 1 (Tel. 9212038). Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA – Cargaleiro Lourenço** – Até às 22 horas; **COLARES – Abreja** (Tel. 9290088); **S. PEDRO DE SINTRA – Valentim (Tel. 980456) Permanente.**
MOSCAVIDE – Varela – Av. Moscavide, 44-B (Tel. 2518520) Até às 22 horas; **SACAVÉM – Lourenço** – Av. Almirante Reis, Lote 2 (Tel. 2518151) Permanente; **LOURES – Sálvia** – Av. da República 29 (Tel. 2531240) Permanente.

Outra banda

ALMADA – Macedo Henriques – R. B. Francisco Costa, Lote 1 (Tel. 2760565). Até às 22 hora; **COVA DA PIEDADE – Atlântico** – Av. Rainha D. Leonor, 45-A (Tel. 2294182) Permanente; **LARANJEIRO – Baptista Marques** – Laranjeiro de Fora. Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA – Higiénica** – Av. da República, 23 (Tel. 2400020). Até às 19 horas; **SESIMBRA – Leão** – Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **BARREIRO – Avenida** – Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2073212) Permanente; **AMORA – Duarte Ramos** – R. Bafatá, 11, Loja 30. Centro Comercial Belsul. Cruz de Pau até às 22 horas; **SEIXAL – Lusitana** – P. Cândido dos Reis, 10 Arrentela (Tel. 221007). Até às 22 horas; **MONTIJO – Giraldes** – R. Almirante Reis, 45 (Tel. 2310008); **MOITA – União Moitense** – Av. Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS – Gusmão** – R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); **ALCOCHETE – Gameiro** – L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100); **SETÚBAL – Salão** – Av. Portela, 55. Permanente; **Tavares da Silva** – R. das Gaivotas 68. Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES – Guimarães – L. Duartes, Lote A-r/c (Tel. 2441616) Até às 22 horas; **ALCABIDECHE – Carvalho** – B.º João P. Corr.ª, 40-B (Tel. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO – Ferreira Bastos** – R.D. Firmino Reb.º (Tel. 2421015). Até às 22 hora; **CAXIAS – Nova** – R. Bernadim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839) Permanente; **CARCAVELOS – Central** – R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037) Permanente; **Vilar** – Av. M.ª Conceição Lote 6 (Tel. 2470772). **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA – Luz** – Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS – Alcânatara Guerreiro** – P. Residencial Augusto Castro (Tel. 2430691) Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS – Leal** – Quinta das Palmeiras, Lote 24 r/c (Tel. [illegible]) **PAREDE – Macau** – R. J. Elias Garcia, 42 (Tel. 2471785) Permanente; **Guerra Junqueiro; S. PEDRO DO ESTORIL – S. Pedro** – R. 9 de Abril (Tel. 2682952). Até às 22 horas; **S. JOÃO DO ESTORIL – S. João** – Quinta da Carreira, Lote 29-A (Tel. 2681186); **MURTAL – Primavera** – R. das Parreiras, 2 (Tel. 2472278); **SASSOEIROS – Amaral Semblano** – Quinta das Encostas – Até às 22 horas; **MADORNA – Madeira** – Até às 22 horas; **AMOREIRA – Abrantes** – Viv. Maria – Carlos Anj. (Tel. 2682313) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL – Lopes** – R. Hangar, 3 (Tel 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS – Cordeiro** – Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel 280170) Permanente.

Porto

Reforço: das 9 às 12 e das 14 às 22 h.

CLÉRIGOS – Rua dos Clérigos, 36; **CARDONA DOS SANTOS** – Rua D. Manuel II, 90; **MARTINO, SUC** – Praça Marquês de Pombal, 122; **MOURA** – Rua do Bonfim, 582 A e B; **RAMOS** – Praça do Exército Libertador, 91.

De dia e toda a noite

CAMPOS – Rua Padre Luís Cabral, 943 (Foz); **HENRIQUES** – Praça da Batalha, 64-A; **ORIENTAL** – Rua do Bonjardim, 727; **DAS OLIVEIRAS** – Rua D. Afonso Henriques, 646 (Areosa); **MAFALDA** – Rua Monte Cativo, 444.

Coimbra

CENTRAL – Rua da Sofia, 19-21 T. 22089.

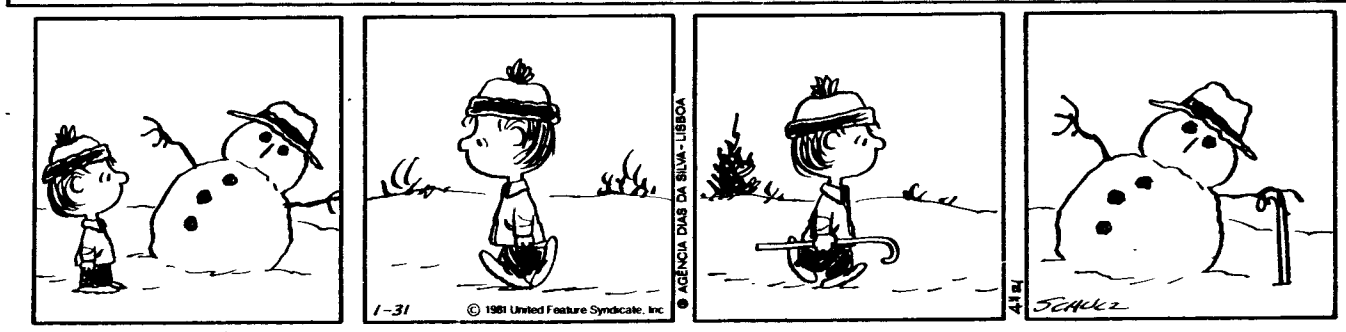
DL

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração. Redacção. Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1428/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada. 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte. 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

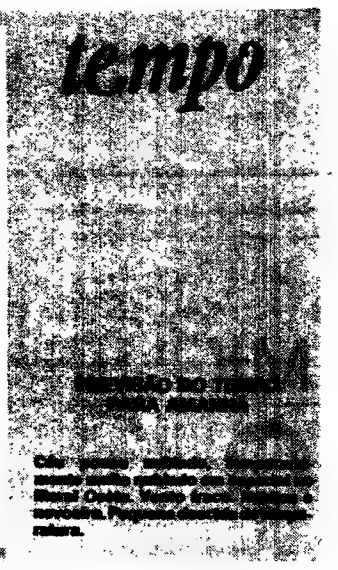


MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.15	3,4 m	0.40	1,6 m
20.00	3,3 m	13.21	1,6 m
Dia 30			
8.34	3,3 m	1.52	1,8 m
21.35	3,2 m	14.50	1,7 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	17º
BRAGANÇA	16º
VILA REAL	16º
PORTO	17º
COIMBRA	17º
CABO CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	23º
LISBOA	18º
ÉVORA	18º
BEJA	20º
FARO	20º
SAGRES	
PONTA DELGADA	19º
FUNCHAL	19º



últimas

FALSIFICAÇÃO DE AUTOMÓVEL levou à captura do indivíduo que se apresentou na Divisão de Trânsito da PSP para levantar a viatura rebocada por aquele serviço, em virtude de estar mal eatacionada. Os agentes descobriram que o «Austin» em questão usava matrícula falsa – TO-71-75, bem como o número de motor que haviam pertencido a um carro antigo e fora de circulação. O detido, Laurentino Queirós, de 36 anos, motorista e que havia denunciado o desaparecimento do automóvel, suspeitando de furto, terá agora de explicar toda a fraude.

CHEQUES DE UM INDIVÍDUO FALECIDO há dois anos, estavam a ser usados por burlões que assim liquidavam dispendiosas compras. Foram presos pela Secção de Justiça da PSP, António Rodrigues Abreu, de 43 anos, casado, comerciante e António Madaleno, de 31, cortador, residentes em Santarém, por terem adquirido a Luís Filipe, 12 pneus que pagaram com dois cheques no valor global de 222 contos, com as assinaturas forjadas pelo primeiro, emitando a do falecido Joaquim Gonçalves. Antes e pelo mesmo método haviam comprado 6 mil quilos de açúcar, vendidos depois a preço inferior.

CARTEIRISTA TENTOU PASSAR-SE POR VÍTIMA e desse modo virar o público contra o captor, um agente da Judiciária que na estação do Saldanha do Metropolitano o deteve em flagrante delito. Acabava de furtar uma carteira com 22 700$00 a uma senhora quando o agente lhe deitou a mão. Frustrada a tentativa de fuga, pôs em prática a habitual cena de vítima de um engano. Só que desta vez não teve sorte e foi para os calabouços sem admissão de caução.

UM AUTOCARRO DA RODOVIÁRIA NACIONAL com 40 passageiros a bordo despenhou-se hoje por uma ribanceira na estrada que liga Caxarias a Vila Nova de Ourém. Oito dos ocupantes do autocarro ficaram ligeiramente feridos e receberam tratamento no hospital daquela vila, informaram os bombeiros. O autocarro da Rodoviária Nacional, que seguia com a lotação esgotada por ser dia de feira semanal em Vila Nova de Ourém, despistou-se ao tentar evitar o embate com um automóvel que se aproximava em sentido contrário.

MAIS DE CEM MIL DÓLARES foram levados de dois bancos num centro comercial da cidade venezuelana de Maracaibo por um grupo de 20 homens armados numa operação de comando. O golpe, ocorrido terça-feira à tarde, é semelhante ao perpetrado na semana anterior em Aruba, Antilhas Holandesas. O assalto de Maracaibo, 700 quilómetros a Oeste de Caracas, foi realizado por 20 homens armados de metralhadoras, granadas, pistolas e espingardas, que obrigaram todas as pessoas que se encontravam no sector do centro comercial.

Dívidas foram reconhecidas

Comissário Geral da XVII fez o balanço da exposição

Tivemos de facto uma paragem no fornecimento de verbas que estão pendentes. Umas estavam inscritas no OGE e estão em vias de ser libertadas, outras não estavam no OGE mas estão-nos garantidas. Esta a explicação dada pelo comissário-geral da Décima Sétima Exposição Europeia a propósito das dificuldades financeiras que estão a perturbar os últimos dias daquela manifestação cultural, e que o «DL» noticiou na sua edição de ontem.

De acordo com Pedro Canavarro, a exposição tem ainda obrigações a satisfazer que devem andar pelos 200 mil contos (fontes do «DL» referem porém que esse número já ultrapassará os 300 mil...), e os atrasos que se estão a verificar nos pagamentos (aos guias, a pessoal do sector d limpezae a fornecedores) deve-se apenas ao facto de **as dificuldades financeiras serem uma realidade neste país** e ao facto de a XVII **não ser excepção.**

Falando numa conferência de Imprensa destinada a fazer um primeiro balanço dos resultados da exposição, o comissário-geral disse que **o processo para a libertação de algumas daquelas verbas está bem encaminhado** esperando-se que dentro de dias já haja dinheiro para satisfazer os compromissos mais urgentes.

Entretanto continua-se a viver uma grande incerteza entre os trabalhadores, que nalguns casos já têm quase um mês de atraso no recebimento dos seus salários, e que receiam que essas dívidas se perpetuem após o termo da exposição no próximo domingo. Esta noite decorrerá no museu de Arte Antiga a cerimónia de encerramento oficial mas os diferentes núcleos ficarão abertos ao público até domingo.

Segundo Pedro Canavarro os problemas de financiamento agora verificados não se devem a qualquer bloqueamento do Ministério da Cultura mas sim a questões burocráticas e às dificuldades que o País atravessa. Para o comissário Rui Rasquilho o problema é sobretudo de **percurso administrativo** que Canavarro diria estar **desde ontem novamente clarificado.**

O comissário -geral fez questão em sublinhar que as suas relações com o ministro da Cultura **são as melhores** e desmentiu que o comissariado-geral se esteja a candidatar a transformar-se numa Direcção-Geral daquele Ministério. Segundo disse o Comissariado tem todavia as suas opiniões sobre a forma como a exposição poderia não ser apenas um «acto».

Pedro Canavarro não deixou também de manifestar a sua discordância em relação a recentes declarações de Coimbra Martins, apesar de reconhecer que as despesas da exposição andariam pelo milhão e trezentos mil contos e que as receitas pouco iriam além dos 50 mil. Na sua opinião a análise dos resultados dos investimentos culturais **não pode ser feita em termos simplistas de deve e haver.**

Grandes actos

Nessa perspectiva defendeu que **há determinados momentos em que grandes actos desta natureza têm que ser as grandes respostas a certas situações** e que o dinheiro gasto não foi muito se se tiver em conta o que foi feito em termos de recuperação do património e se considerar que a exposição significou para muitos portugueses **satisfação e orgulho em rever a sua história.**

O comissário-geral disse que os relatórios da Décima Sétima e as suas contas deverão ser apresentados até 31 de Maro e 31 de Maio, respectivamente.

Por enquanto pouco se sabe sobre as receitas a apurar no respeitante às **royalties** devidas à exposição, pelas firmas a quem foram concedidos os direitos de produzir toda uma série de artigos relacionados com a temática da Décima Sétima e sobre as outras iniciativas destinadas a aumentar as suas receitas.

Em meios próximos da exposição aguarda-se com bastante interesse a apresentação dessas contas pois sabe-se que desapareceram grandes quantidades de **guias azuis** que deveriam ser vendidos nos diferentes núcleos, por algumas centenas de escudos, tendo chegado a ser efectuada uma reunião de responsáveis para lhes procurar o rasto. Além disso há quem se interrogue sobre o destino que foi dado às toalhas comemorativas da exposição (em relação às quais se sabe que apenas escassas centenas foram dadas como vendidas), aos cinzeiros, porta-chaves, etc.

Por escassez de espaço na nossa edição de hoje o «DL» referir-se-á amanhã a outras questões abordadas pelos responsáveis da Décima Sétima, nomeadamente a situação do catálogo, os números de visitantes, os investimentos em recuperação de monumentos, etc.

'DP' e 'Notícias/Capital' — interditos este ano investimentos

A empresa pública «Diário Popular» e a empresa pública «Notícias/Capital» não podem lançar este ano projectos de investimento segundo despachos hoje publicados no «Diário da República».

Os despachos do ministro de Estado e do ministro das Finanças e do Plano determinam que fica vedado a estas empresas lançar qualquer projecto de investimento, incluindo investimentos correntes, salvo quando objecto de autorização específica do ministro de Estado e do ministro das Finanças e do Plano.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º Prémio – 36 204 – 42 000 contos
2.º Prémio – 55 164 – 7 200 contos
3.º Prémio – 29 768 – 3 000 contos

A Sorte Grande e o 3.º Prémio foram vendidos aos balcões da Casa da Sorte.

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA – BRAGA – PORTO – AVEIRO – COIMBRA – SETUBAL – FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO
36 203 – 268.500$00
36 205 – 268.500$00

PRÉMIOS DE 150 CONTOS
2 790; 5 745; 8 288; 9 170; 9 405; 10 783; 13 940; 14 510; 14 840; 16 442; 18 870; 19 976; 21 766; 22 030; 23 055; 24 959; 24 993; 26 786; 30 124; 31 169; 33 130; 35 738; 38 514; 41 443; 41 717; 44 817; 44 882; 46 789; 47 241; 47 640; 48 500; 48 959; 49 063; 49 703; 49 896; 52 603; 52 626; 53 711; 56 039; 57 202; 58 338; 59 802; 65 571; 66 017; 66 532; 70 746; 72 393 e 74 076.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS
15.000$00 – 030; 120; 122; 137; 268; 337; 340; 685; 723 e 975.
12.000$00 – 164; 204 e 769
6.000$00 – 42 e 57.
3.000$00 – 4 (terminação)

PRÉMIOS DE 6.000$00 (CENTENAS)
23 701 a 29 800; 36 201 a 36 300; 55 101 a 55 200

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 29/3/84

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, SEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

CGTP INTERSINDICAL

TEMPO DE ANTENA DA CGTP-IN

RDP — depois do jornal da tarde das 13.00 h — Antena 1
RTP — depois do Telejornal das 20.00 h — Canal 1

Dia 30/9/83
(sexta-feira)

— Pelo pagamento de salários em atraso
— Pela defesa do direito ao trabalho; contra a lei dos despedimentos (Lay-off)
— Contra o aumento do custo de vida e os novos impostos sobre quem trabalha
— Pela defesa das nacionalizações e da Reforma Agrária
— Por uma política democrática e nacional

MANIFESTAÇÃO DIA 15 OUTUBRO

ITALA 1983 - ANO SANTO DA REDENÇÃO

UMA SEMANA EM ROMA
Partidas TODOS OS DOMINGOS DE ABRIL A OUTUBRO
GRANDE CIRCUITO ITALIANO
9 DIAS AVIÃO E AUTOPULLMAN VISITANDO:
MILÃO • VERONA • VENEZA • PÁDUA • FLORENÇA
PISA • PERUGIA • ASSIS • ROMA
PARTIDAS: 4, 11, 17 e 25 JUN - 1, 9, 15, 23 e 29 JUL - 6, 12, 20 e 26 AGO - 3, 9, 17 e 23 SET - 1, 7, 15 e 21 OUT

ROMA, SUL DE ITÁLIA E SICÍLIA
8 DIAS - AVIÃO E AUTOPULLMAN + CRUZEIRO SICILIANO
VISITANDO ROMA • NÁPOLES • ILHA DE CAPRI
POMPEIA • SORRENTO • PALERMO
PARTIDAS: 31 JULHO • 6 e 20 AGOSTO • 3 e 17 SETEMBRO

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES PEÇA NOS PROGRAMAS DETALHADOS

DESDE 1840 abreu
LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA Avenida de Roma, 66 - B Tel. 803609
ALMADA Rua de Olivença, 9 C Tel. 2756272
PORTO - BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 128 • 29 de Setembro de 1983

MICHEL BUTOR POETA E CRÍTICO
O último «Repertoire»

Michel Contat

COMO se sabe, Michel Butor fez da renovação a dura lei da sua estética e da sua obra. Ela leva-o a seguir em frente sem se preocupar com o facto de os seus leitores o acompanharem ou não, o que mostra a sua rectidão neste tempo em que a sedução voluntária triunfa. Conquistados por *la Modification,* que lhe valeu em 1957 o prémio Renaudot e que continua a ser um clássico do romance novo, senão do Novo Romande, quantos o terão abandonado, à medida que os seus livros se foram tornando mais experimentais?

Um escritor cheio de prestígio, pouco lido e muito discutido, afirmava-se em 1967 no jornal «Le Monde», na apresentação de uma série de artigos que lhe eram consagrados. Agora que o terceiro ponto deste diagnóstico sofreu com o tempo, já que ninguém se bate por ele nem contra ele, que o segundo parece ter-se tornado, pelo menos no que diz respeito à França, um eufemismo e que só o primeiro continua exacto, imagina-se sem dificuldade (nem malícia) o escritor feliz que é Michel Butor a entregar-se em breve à sua mania, com um só leitor que é ele próprio, à maneira de um Facteur Cheval da literatura.

O aliquimista medieval que tomou por modelo não procurava a fortuna mas sim o derradeiro segredo da vida. *Não escrevo romances (e sem dúvida ensaios e poemas) para os vender, mas sim para obter uma unidade na minha vida; a escrita é para mim uma coluna vertebral,* escrevia ele no primeiro *Repertoire.* No quinto, que hoje anuncia como sendo o último, porque tem que mudar para outra coisa, para outra organização dos artigos, conferências, prefácios, ensaios que continuará a escrever, um belo diálogo intitulado *Vanité* sugere um mobil inverso, ou antes o inverso nocturno dessa actividade incessante: *Fazer pintura ou literatura seria pois aprender a morrer bem, encontrar a maneira de não morrer na estupidez de uma morte que os outros nos reservaram a que não nos convém de modo algum, mas realizar, organizar a nossa própria morte, a expectativa da sua chegada, fazer da própria vida uma morte.*

Reconhece-se aqui na literatura como sepultura, como suicídio organizado, juntamente com a abcessão mallarmeana do *Livro* total, o ensaísta que causara escândalo ao descobrir nos *Ensaios* de Montaigne, não a primasia do *pour moy, doncques, j'aime la vie,* mas a estrita construção de um túmulo, uma sábia arquitectura do *aprender a morrer bem.*

O Facteur Cheval, ao fimn e ao cabo, não fez mais do que construir o seu Palácio ideal. Mas ele era, segundo a expressão de Jean Dubuffet, *indemne à cultura,* daí talvez a excepcional vitalidade do seu cenotáfio ameaçado de desparecimento devido à fragilidade dos materiais que o compunham. Michel Butor é, pelo contrário, a cultura feita escritor: um Facteur Cheval universitário. Os críticos que, como Émile Henriot a propósito de *Degrés,* e Pierre Henri Simon acerca de *Mobile* e de *Description de San Marco* reprovavam nele o literato demasiado arquitecto, demasiado inteligente, demasiado abstracto para suscitar o «interesse humano» admiravam, em contrapartida, os seus *Repertoires,* devido à amplidão e diversidade da cultura neles explanada.

O quinto volume não é menos rico que os precedentes, não é menos variado: ele é organizado com a mesma ciência das correspondências e das variações musicais, das ressonâncias ocultas, da construção barroca e das simetrias. Encontram-se aí alguns dos seus objectos preferidos na literatura (Rabelais, Proust, Joyce), na música (Beethoven), na pintura (Mondrian), e sempre a mesma curiosidade alerta que o leva para as margens e para os mistérios, para as formas experimentais da escrita.

Daí a sensação de esmagamento que se apoderou de mim, leitor, neste sábio labirinto e em especial no interminável *Diálogue avec Charles Perrault sur les fontaines de la fable?* Será simplesmente a consciência da minha insuficiência, em comparação com a enorme cultura que aqui se inscreve, num jogo tão rigoroso que nos impede de, por nossa vez, vagabundearmos e inventarmos? Ou então, se o leitor se sente demasiadas vezes excluído e com vergonha de se aborrecer, isso não será por o autor não esperar dela mais do que a admiração diferente pelo seu próprio virtuosismo?

Butor reconhecia numa entrevista que os seus livros florescem segundo a cultura do leitor. Mas ele carrega cada vez mais o seu túmulo, de modo a ser o último capaz de o aproveitar por completo. Pergunta-se então: quem lê hoje Michel Butor? E não pagaremos em estima distante o espaço que ele deliberadamente coloca entre os seus livros e nós?

(Desenho de Bérénice Cleeve)

(*) Repertoire V, **de Michel Butor. Ed. Minuit.**

Samba Zen (V)

Ramiro S. Osório

(Documentação Varig)

Estava eu grotescamente pendurado no eco deste vale a que todos os guias atribuem sem excepção e sem bufar três estrelas quando apareceu o autocarro de turistas. Fui logo esconder-me:

– No programa está escrito que se podem fotografar neste vale verdadeiros índios. Exijo que mos tragam.

– E-CO!!! E-Co!! E-co! Eco...

– BON-JOUR!!! Bon-Jour!! Bon-Jour! Bonjour...

– Anda! Vem ao museu! Está incluído!

– Não! Não vou! Não está incluído! Vai tu com a Madame Céline.

– Queres é ficar a olhar para as mulatas!

– Tenho que ir à retrete. Nestas terras não sabem comer!

– Eu fico a queimar as pernas.

– Não ponhas essa cara! Estás a estragar-me os kodachromes todos!

– Cuidado avec ce nègre! Está a olhar de mais para a tua Canon!

– Mil cruzeiros por esta esmeralda!! Onde é que julgas que nasci?! Ou ela é falsa ou que vocês são todos é uns verdadeiros voleurs! Tás a ver isto? Insultamo-los e nem reagem! País de bananas!

– A mim não enganaram eles! Eu é que os f...

– É bem feita. Têm complexo de cu-lonizados.

– É uma vergonha. Nem sabem o que é um presidente socialista.

– Eu gostaria de doar um simbólico dólar a uma família de leprosos mas tenho medo de me chegar demasiado a eles.

– Peça à intérprete. De todas as maneiras vamos ter de dar-lhe uma gorjeta!

– Tem razão. É o que vou fazer. Aliás é mais bonito fazer essas coisas anonimamente.

– Ainda bem que vimos o que vimos. É urgente o mundo ficar a saber o que se passa nestes confins da terra.

–Achas que lhes posso apalpar as papaias?

– É o que elas estão a pedir!

– São capazes de ter doenças... Quanto achas que custam?

– Começa por lhes ofereceres um porta-chaves e é se querem.

– Viste aquilo? Falam americano melho càgente! Tão a gozar-nos! Vou queixar-me à guia! Essas gajas não são índias!

– Serão da CIA?

Isso queriam elas! Aquilo é mas é turistas sem dinheiro pa pagar a viagem de volta! Cabras!

4 de Maio –

Qual será percentagem da mortalidade infantil nos mosquitos? E função de quê?

Há certamente múltiplos factores, mas não acredito que algum deles dependa da receita bruta per capita mosquital.

O homem é um animal tão sociável que lhe foi necessário espraiar-se por várias classes...

Parti ossos... choveu mais que o **permitido...** *pois não é que ainda fiquei à beira das lágrimas quando fugi de Porto Seguro?*

Por que dizer «à beira»? Nos óculos de sol, no fim, já não era só chuva.

...

Muitas vezes pensava que havia lama de mais. Mas quando passa o trio eléctrico toda aquela lama começa a dançar e a sobrecarga de mito ao fazer descer sobre nós o transcendente faz esquecer o lamaçal.

...

Um tatu no mercado. Estaria à venda? Ou teria ido às compras?

...

As galinhas na volta do mercado são empilhadas em cestos. Algumas ficam por cima de todas, como na vida, gozando o céu.

Continua na pág. 2

Diário de Lisboa LER ESCREVER

Zeca Afonso

O canto de um homem

I

«SOU um homem que, entre outras coisas, canta e acabo por estar mais ligado a isso do que ao resto. E tenho hábitos que derivam muito para actuações que não estão limitadas pelas cantigas: dediquei-me ao desporto, gostava de fazer animação, gostei muito de ensinar. Tudo isto não cabe na actuação pura e simples de um cantor. Se falares com um cantor brasileiro, por exemplo, ele só te fala em música e canções, nos indivíduos que conheceu, em que condições é que fez a canção tal. Quer dizer: há uma restrição das experiências do cantor como de quem quer que seja que se dedique a uma determinada actividade. As minhas preocupações não estão centradas na música. Em geral, a minha vida vagueia por outro tipo de ofícios e de preocupações. É por isso que, sobretudo, quando tenho uma actividade mais assídua, começo a sentir-me «emprestado...»

II

«POIS é... Se, por um lado, gosto de fazer música, por outro lado sou obrigado a fazê-la, devido a um contrato. De modo que aquilo que tenho feito ultimamente é um pouco compulsivo: faço música como quem faz de sapatos, isto é, tento alinhar sons e torná-los coerentes entre si, como quem faz um utensílio. E o mundo social da música não me seduz grandemente, como não me seduzem os palcos e todo esse tipo de estruturas sobre que assenta a canção. Seduz-me, sim, aquilo que posso fazer em torno da música: os contactos que estabeleço, os amigos que arranjo, esta «irmandade» progressista que se vai estabelecendo à medida que vamos correndo as terras, descobrindo que nessas terras vivem indivíduos que têm determinado tipo de preocupações...»

III

«ACTUALMENTE, falarem-me de música ou de óleo de rícino é rigorosamente a mesma coisa. Se eu tivesse meios dedicava-me a outra coisa, a uma actividade mais solitária, sei lá... Gostava de voltar a estudar Filosofia, como nos velhos tempos. Estudei mal, mas enfim...»

IV

«A ética e a maneira de ser do cantante e do músico? as coisas hoje não são bem as mesmas... O pessoal de agora é um pessoal semiprofissionalizado, com uma generosidade menor do que aquela que eu conheci nas alturas em que um tipo aqui e ali de qualquer forma ou feitio, mais pelos resultados humanos e políticos que poderia obter do que por outra coisa qualquer. Repara: eu não estou aqui a assumir uma posição moral. Eu próprio refilei muito para que o pessoal das minhas andanças recebesse uma retribuição pelas suas intervenções musicais. Aconteciam, de facto, coisas que não eram justas e das quais eu fui um bocado vítima...

«(...) Ninguém pagava nada, era o aparece aqui aparece acolá, aparece além e um tipo andava por aí a gastar-se aos bocados... Claro que ficaram desse período as melhores recordações da minha vida, em termos humanos, até porque contactámos com uma população que é, de facto, o ouro desta terra, totalmente distinta dessa que vai aos espectáculos do Coliseu ou do São Luís ou coisa que o valha. Andámos por essas aldeias fora e isso foi interessantíssimo, apesar dos aspectos negativos: um desgaste muito grande e um certo descuido das questões profissionais...»

V

«GEROU-SE e generalizou-se uma atitude de verdadeiro abuso para com militantes em permanente disponibilidade, espécie de pau para toda a obra, com a agravante de que alguns tiveram de renunciar às suas antigas ocupações, e estas remuneradas, para melhor se dedicarem à dinamização cultural e política. A qualidade do canto de intervenção ou canto livre ressentiu-se em grande parte destas circunstâncias, pois a maior parte de nós não pôde dispor de dinheiro, estruturas e apetrechamento técnico para, em termos de trabalho **artístico,** apresentar às pessoas aquela qualidade e consequente eficiência que seriam, no actual momento de surto nacional-cançonetístico, para desejar. É necessário insistir que o trabalho de dinamização cultural supõe um labor e é um ofício como qualquer outro; que implica ou deve implicar um mínimo de estudo e de preparação profissional e que tudo isso custa esforço e dinheiro.»

VI

«APÓS o 25 de Abril julguei que a única coisa que tinha de fazer era contribuir para o processo geral. Agora, dou por mim a contabilizar as minhas actuações. E divido a minha actividade em duas partes:

Zeca Afonso e Adriano Co

Samba Zen (V)

Continuação da pág. 1

A força do estranho habita no Brasil. Por pouco não ajoelhei. Este país esgota a fantasia.
Acharia sólito encontrar por detrás de cada árvore um bebé, uma pistola, duas flores, ou a morte.

...

É manhã. Mas as velas continuam acesas. (Não esquecer que este país é o d'«O Rei da Vela» – quando até aos mortos mais pobres metem uma vela na mão não há melhor negociata do que o velame.) Cheirava a flores e a ingreme. O perfeito sendeiro juncado de ex-votos, pétalas, borboletas, estearina e lagartos. Loucas madressilvas crescendo por entre ajuizadas ervas-cidreiras e daninhas. (Empalagosa esta prosa. Condenado a escolher as palavras pelo som de suas sílabas. Mais que o descrito, são elas que evocam por vezes a **imagem.**)

...

Subindo ainda mais encontrei o fio de água. Os degraus da cascata que ele descia eram em madeira negra. Não ousei o ébano.

...

Só o Brasil tem capuchinho vermelho japonês falando o português de cá sem sotaque que é uma graça.

5 de Maio –
No hotel – (como nos manuais de conversação).
– Poderá amanhã acordar-me às sete e meia? Vou viajar no autocarro das oito.
– Com certeza, meu filho.
No dia seguinte, após ter sido acordado, após etc, pronto a partir:
– Poderia dizer-me que horas são agora?
– Sei não. Eu disse ontem ao senhor que roubaram meu relógio de parede.

Noutro hotel. Chego cheio de malas e pergunto:
– Tem quarto para pessoa só?
– É para o senhor?
– Não. Que ideia! Eu passei por aqui só para perguntar. Quem vai vir é o meu irmão, que vive no Japão, e já está sonhando com a viagem que o trará até cá... daqui a dois anos.

...

Sei que estou noutro mundo quando leio numa tabuleta:
«Água potável a 200 km».
Havia uma praia selvagem muito na moda. Chiquíssimo lá ter estado. O distinto atestado distintivo de por lá ter passado eram específicas crostas que nos floresciam nos tornozelos.
Havia quem dissesse que aquilo vinha da água, outros diziam vir dos bichos – mas que se tratava de um tributo... isso com certeza.

...

Não há pior boato que a extrapolação turista. Turista é aquele «que entra na roda» só à sua maneira. Vê em Madrid uma sarjeta entupida por alguns portugueses invejosos e diz que a cidade é porca, encontra Gerald Mac Boing Boing e diz que é assim que se fala nos EUA.

...

No Brasil, até ao lugar-comum deixei tomar conta de mim.
Mas atenção à vingança: pretendendo falar dele, talvez nunca ultrapasse o pretexto.

...

Devia estar realmente muito longe de casa. Encontrei uma fera em liberdade.
E no dia seguinte aposto que estava ainda mais longe – foi um homem quem encontrei.

(continua)

vou lá fora arranjar dinheiro, para o chamado **pé-de-meia** familiar e cá dentro pago a minha dívida política e cultural para fins que considero correctos e a pessoas ou organizações para que vale a pena fazê-lo. E como muito poucas vezes canto por gosto – prefiro estudar, agradar-me-ia tirar outro curso, às vezes até me passa pela cabeça que gostava de mudar de personalidade, como as personagens de Pirandello –, preciso de muitos, muitos estímulos para cantar, tocar e fazer coisas novas. Por outro lado também existe uma certa decepção – ou, se não decpção, desvalorização – da actividade cantante. Não superlativiso, aliás nunca superlativisei, a cantoria. Quando estou entregue a mim mesmo, o que faço é ler, praticar actividades físicas, ensinar os meus filhos – mas gostaria de ensinar os filhos dos outros. (...)»

CADERNOS DE REPORTAGEM/ FERNANDO DACOSTA/ VIRIATO TELLES

no Cs de Oliveira em 1973

Fernando Pessoa

Fraterno estrangeiro
ou irmão estranho?
De mim até mim o caminho mais curto passa por ti

Penso em todos os que viveram antes da Sade e Masoch
Sem nunca ter sabido que eram masoquistas ou sádicos
Cristãos antes de Cristo, marxistas antes de Marx
Deístas antes de Deus

Eu, por mim, sei que sou personalista

Antes do meu nascimento
tu me guiavas já
O teu pensamento errava
Entre ti e o céu
Entre a Terra e eu

Alfama São Carlos Janelas Verdes
E o cais de Alcântara

Habitavas o teu futuro
A morada que construías era a tua glória

Oculto na tua palavra
Do teu silêncio vestido
Modelavas o tempo a plenos pulmões

Na matriz do cérebro
Germinava o homem
O homem diferente
Nosso semelhante

Um poema de Robert Bréchon

Nota e tradução de António Ramos Rosa

Robert Bréchon não é um nome inteiramente desconhecido aos leitores portugueses. Na verdade, este escritor publicou em jornais portugueses vários artigos sobre Fernando Pessoa e colabora na revista *Colóquio-Letras* permanentemente.

Os seus ensaios são de uma profundeza rara, só comparáveis aos estudos dos mais eminentes ensaístas do seu país, um Georges Poulet, um Jean Starobinski ou um Jean-Pierre Richard. Toda a sua obra de ensaísta é notabilíssima, em especial o livro que escreveu sobre Michaux, talvez o melhor ensaio sobre este poeta.

Robert Bréchon é também um notável poeta. O seu primeiro livro de poesia chama-se *Les ouvrages du Temps* e data de 1965. Dezassete anos depois, apresenta-nos *Mémoire d'Home* (La Coincidence, Librairiè le Pont de l'Epée, 1983), uma obra que confirma plenamente a qualidade da sua poesia. O poema que apresentamos comprova esta afirmação.

Os temas da poesia de Robert Bréchon são a morte, a angústia, a noite, o silêncio, o tempo e a própria poesia. É, sem dúvida, uma poesia fortemente marcada pela dor, mas não se confina na queixa ou no ressentimento.

J'accueille la présence improbable, la terre. Embora impossível, a presença da terra é uma presença ainda. É constante, também, o tom de coragem e de preseverança que não se deixa vencer inteiramente pela adversidade: *Il faudra naviguer jusq'au coeur du silence/je renaitrai quand tout sera fini.*

Robert Bréchon nasceu em 1920. Foi sucessivamente professor de literatura em Rouen, no Rio de Janeiro e em Londres. Depois, reitor do Liceu Francês do Cairo, adido cultural na Jugoslávia e, finalmente, de 1962 a 1968, conselheiro cultural da Embaixada de França em Portugal e director do Instituto Francês de Lisboa. Posteriormente foi reitor do Liceu de Nimes, em Saint Germain en Laye e, actualmente, exerce as mesmas funções em Paris.

ODE A FERNANDO PESSOA
de Robert Bréchon

É meia-noite e eu estou só no mundo
O meu irmão muito mais velho
Mais eu do que eu próprio
Ó filho do homem
Completo à força de estares dividido
Grande à força de insuficiência

Português, porque só quem conheceu a saudade pode saber o que falta ao ser para ser
Europeu, porque a tua deliquescência era a de todo o nosso continente desossado e deslavado pela História
Oriental, também, e americano, homem da terra inteira e só da terra
Viajante imóvel à beira do rio Chiado
Acaso terei vivido antes de conhecer?

Poderia ter-te encontrado poderia ter-te visto face a face
Dia Kafka, Rilke ou Proust durante as aulas de matemática quando tu
bebias absinto na Brasileira
E no dia em que morreste no Hospital de São Luís compunha eu uma versão
latina ou grega sob o claro olhar de Lescoffier
E ninguém aqui ou noutro lado soube da tua ignóbil confissão

Ah fazer de si
toda uma família todo um povo
Um ramalhete de seres

Fazer do crânio
Um campo de minas

Esconder-se atrás de si
Trepar a si próprio como a uma trave
Subir para os próprios ombros para ver mais longe

Desprender-se da alma e prender-se-lhe de novo
Dispersar-se em todos os membros
Unificar-se no seu sinus
Banhar-se na pória sombra

Ginástica quotidiana
Yoga do pobre
Eu perigoso

Mas quando virá o dia?
Oiço apenas a ténue música do sono
Pontuada pelo pio do mocho
E o silêncio é o meu reino
Ó tu
Vítima e rei Cristo duplo
de quem só a sombra foi crucificada

Desejo não partilhado
Pecado não confessado
Crueldade região imensa onde tudo murmura
Hoje e amanhã comunicando em seus sinais
A carne e o pensamento comunicando o seu silêncio

Continuo a ouvir os meus gritos na garganta dos outros

Já ão me sinto só
Mesmo se neste banquete em que participo
Não vir nenhum conviva junto de mim sentado
Já não me sinto só

Tu és presente ausente
Como Banquo ou como o Anjo
Talvez tu sejas esta noite
Talvez sejas o dia que nasce

Quando o último poeta
Tiver escrito a derradeira palavra do derradeiro verso do seu derradeiro poema
A noite descerá sobre o cérebro
Como hoje sobre ti e sobre mim
Sobre ti que não és ninguém
Sobre mim que não sou nada
É noite em toda a Terra

À MEMÓRIA DE SIDÓNIO MURALHA

Conversa branca

A estufa era fechada.

Erguia-se ao fundo da herdade como uma pequena cidade lacustre e, em manhã de névoa, entre lodo e ramagens bravas, bastava soltá-la para que flutuasse interminavelmente.

Desde há longos anos, lá vivia o jardineiro. E nem Hermes, com sua ética, o conseguiria mais hermético.

De nada se lembrava, este homem. De nada, porque nas redondezas todos o haviam esquecido.

Em tempos remotos, chamaram-lhe Sidónio. Cumpria um invejável contrato, pois que, e para que o saibam, era antófago e bebia néctar.

Mais do que ele próprio sabia da embriaguez da luz, da cor, do som, e era míope.

Levantava-se às cinco e ia dar alpista às flores. A seguir, regava os pássaros. E enquanto regava ia dizendo:

– Que bem cantam as minhas papoilas!

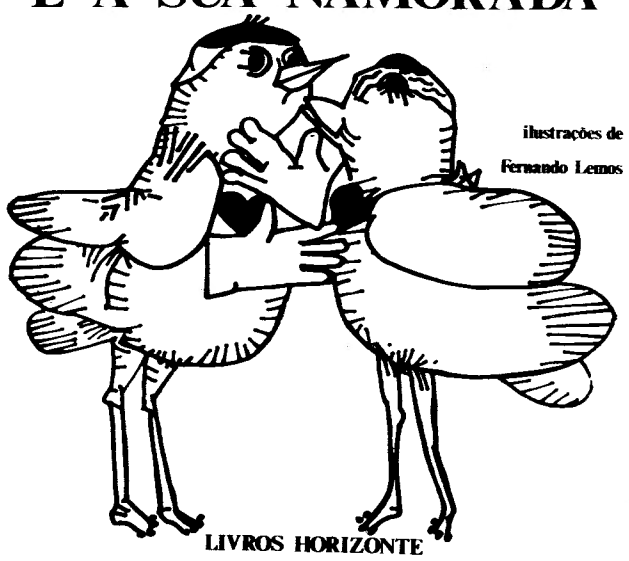
Durante o dia conversava amigavelmente com o Sol. Falava-lhe através da alta vidraria. Pedia-lhe que dissipasse a nuvem, que amainasse o vento. Mas, para tudo isto, usava um código.

A estufa era, assim, para ele o conservatório, o agro, a casa.

Morreu definitivamente por uma manhã de Maio. Então, ao sabê-lo morto, as papoilas coraram e deixaram de cantar.

VERGÍLIO ALBERTO VIEIRA

Último livro (póstumo) de Sidónio Muralha: «O Rouxinol e a sua Namorada». Com ilustrações de Fernando Lemos. Casa editora: Livros Horizonte.

SIDÓNIO MURALHA
O ROUXINOL E A SUA NAMORADA

ilustrações de Fernando Lemos
LIVROS HORIZONTE

LETRAS EM DIA ● AS LETRAS EM DIA ● AS LETRAS EM DIA ● AS LETRAS EM DIA

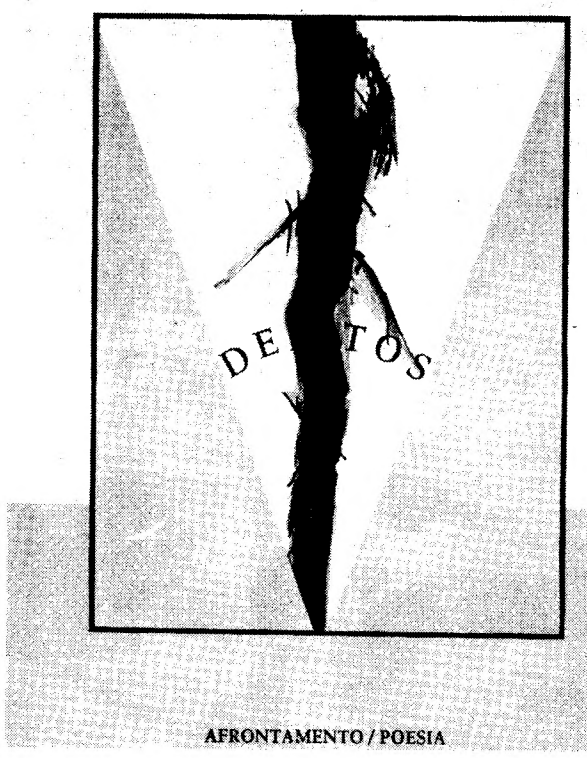
«Não, o 25 de Abril de 1974 não me apanhou como à grande maioria dos portugueses. Não foi a rádio surpreendentemente transformada em Rádio Liberdade, depois de ter sido Grândola e pontapé de saída: não foi o telefonema incrédulo de um amigo recebido reticentemente e terminado com risos ou lágrimas ou abraços que o telefone pode trocar; não foi o tropeçar, a caminho do trabalho, com a nova a correr de mão em mão, com a gente a sair para ruas diferentes, transmudadas, a começarem o parto de um País novo tendo a gravidez sido escondida ou disfarçada.

«Na manhã do 25 de Abril de 1974 acordei na cela 44 de Caxias-Norte. Comecei nesse acordar mais um dia de prisão, naquela fase em que parece que nos puseram de salmoura, preparando-nos para interrogatórios, torturas, grandes e duras provas.

«Como nas poucas manhãs anteriores, mas cada vez com maior economia de tempo e esforço, reencontrei-me e localizei-me. Sentia-me bem instalado, naquela cela com casa de banho acopulada, com duche e tudo, uma mesa de pedra, um armário, uma bela vista sobre o Jamor e uma réstea do Tejo...» – Assim principia a narrativa de Sérgio Ribeiro, numa edição da Prelo, agora dada a lume. Título: «...porque vivi e quero contar». Para além de todas as notas poéticas, todos os lirismos, é sem dúvida um documentário que merece toda a atenção.

A PAIXÃO DAS ARMAS, de Vergílio Alberto Vieira, edição Afrontamento/Poesia, de novo nos proporciona uma guerra que trucidou muita geração nossa: a guerra colonial. E o autor, como se lê na contracapa, «...foi forçado a fazer a guerra colonial, desgastou-se na luta inglória, sentindo às costas o horizonte pelo qual passavam os ponteiros da História», como escreve, naquele local, Fábio Lucas, em «O Estado de São Paulo». Um poema, a dar o quotidiano desses dias já longínquos: «Metalizaram o espaço/Os olhos estalam nas órbitas:/metalizaram o espaço/A Terra sangra/Apodrece sobre o rosto nimbado/dos mortos/Pela madrugada, as buganvílias/deixaram de cantar/O espaço é de ferro, arma-se/de sombras:/Estamos dentro da morte.» – Capa de Rui Aguiar e desenhos de Jorge Ulisses.

LAMOLINAIRIE DE CAMPOS



De **Delitos,** de Lamolinairie de Campos, num lançamento editorial de Afrontamento/Poesia, escrevem Maria da Glória Padrão e Mário Cláudio: «Bastaria ler avulsamente um ou outro texto de **Delitos,** para perceber que estamos perante o primeiro trabalho de um autor a merecer atenção. A ironia com que anota alguns sinais de civilização (e leia-se, por exemplo, «Cães» ou «Vaca»), os modos como surpreende e significa elementos do imaginário (tanto a água como o fogo), o tecido das linguagens e a capacidade associativa dos jogos metafóricos, a oscilação dos momentos entre «prosa» e «verso» configurando a infixação dos campos, o sarcástico apontamento curto ou epigramático (e leia-se, por exemplo. «Perfilhação»), a ausência do tom «lírico» que é normalmente o vício da nossa poesia, o deixar permanecer os textos no tom implicativo de uma suspensão serenamente violenta, são, entre outras, modulações destes flagrantes **Delitos.** – Edição patrocinada pelo Instituto Português do Livro.

Exposição e Colóquio dedicados ao surrealismo português – a Universidade de Montreal, no Quebeque, organizou uma exposição e um colóquio dedicados ao Surrealismo Português. A exposição, que estará patente até ao dia 9 de Outubro, é composta por uma colecção de oitenta pinturas e desenhos de artistas surrealistas portugueses e documentos a eles relativos, cedidos pela Fundação Gulbenkian. O Colóquio, de três dias, subordinou-se ao título «Portugal, Quebeque, América Latina: um Surrealismo periférico?», nele tendo participado especialistas portugueses, franceses, italianos, americanos, brasileiros e mexicanos. Na sessão inaugural esteve presente o embaixador de Portugal no Canadá, dr. Luís Navega que, posteriormente ofereceu uma recepção no «hall» da Universidade, à qual assistiram os representantes dos países envolvidos e os presidentes das associações e directores dos órgãos de Informação de Língua Portuguesa.

Dois poemas de Fernando Grade

BEIRA BAIXA OU MEDIÇÕES DE AO PÉ DA BOCA

À volta da boca, estavam as rugas:
era para cá da Gardunha.

Cigarras tão bordadas de feno
como se fossem máscaras. O bácoro
ainda sincero mas já marcado a veneno
moscas de fogo cru
sem desconfiar que a faca (borboletáltiva)
deixaria de ser farsa.

Ovelha de mogno e
azeitona. Ovelha que
cacareja entre os figos lampos tombados no chão. Macho de cera ou de seda?

As raparigas cantam, afastam
a malina, tecem candelabros com a boca.
Movidas a vapor, do estrume saltam as formigas,
lívidas batatas. Há olhos de reboco
vigiando para cá da Gardunha. Porque
os lábios sorvem-se como quem destrança
olivais.

por terras e muros denteados
sete velhas ternas
tratam do vivo
e aventam a tristeza para longe.
cai o pano que é feito de silvados.

CORPO CASTO

(Depois de sete horas seguidas de amigável discussão com o António Ramos Rosa, em sua casa)

Tenho os olhos pousados na parede.
Sobre as pálpebras: um livro queimado,
uma cão negro sobre as pálpebras,
como se fosse um dedo ágil ou
cianeto.
Esta noite soltei toiros brancos
em casa do António Ramos Rosa,
toiros subindo aos muros
por entre as árvores,
boca que é fraterna e se comove.
Em mim, há qualquer coisa de trágico,
hoje,
como a beleza casta da cal,
um corpo que
voa e pratica os venenos mais subtis.

Não existe grande diferença entre o que se percebe ou não. O mesmo corpo que pratica o fogo e o incenso, utiliza metade da língua sulfurosa para procurar o estrume. Laranja voraz e quase azebre. Doidamente. Até às fezes. Às raparigas florestais violadas pelo Diabo.

RETÁBULO

«Que reste apenas esta parede
branca» – diria o António,
cimentado por livros e nevões. A alma – perto, no cerco.
Livro queimado sobre as pálpebras
como se fosse os rios da mão ou estricnina.
O que parece – não é.
Os toiros brancos.
A alva boca.
Poucos entendem que o nevoeiro se constrói de laranjas
e que (a partir das laranjas) atinge-se de novo o nevoeiro.

Alma tem os seus nevões.